

Denise Porto Cardoso

**ATITUDES LINGUÍSTICAS E  
AVALIAÇÕES SUBJETIVAS DE  
ALGUNS DIALETOS BRASILEIROS**



DENISE PORTO CARDOSO

**ATITUDES LINGUÍSTICAS  
E AVALIAÇÕES SUBJETIVAS  
DE ALGUNS DIALETOS  
BRASILEIROS**

RIO DE JANEIRO  
2014

## **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros**

© 2015

Editora Edgard Blücher Ltda.

ISBN: 978-85-8039-099-5

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-012 – São Paulo – SP – Brazil

Fax 55 11 3079 2707

Fone 55 11 3078 5366

**editora@blucher.com.br**

**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5a ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

Todo conteúdo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons.

Atribuição CC - BY - NC 4.0

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

## FICHA CATALOGRÁFICA

Cardoso, Denise Porto

Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros / Denise Porto Cardoso; [prefácio de Raquel Meister Ko. Freitag] Raquel Meister Ko. Freitag (Editora). - São Paulo: Blucher, 2015.

Bibliografia

ISBN 978-85-8039-099-5

1. Linguística 2. Língua portuguesa - Dialetos – Brasil  
I. Título

15-0136

CDU 410

Índices para catálogo sistemático:

1. Língua portuguesa - Dialetos – Brasil

## PREFÁCIO

# ATITUDES E IDENTIDADE LINGUÍSTICA: MUITO CHÃO PELA FRENTE

Raquel Meister Ko. Freitag

Em seu ensaio programático, Weinrich, Labov & Herzog (1968, p. 136) preconizam que “o nível da consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem que ser determinada diretamente”. A avaliação da língua é determinante para a constituição da identidade linguística dos falantes e tal valoração estratifica as variáveis linguísticas em três níveis de apreciação social: os estereótipos, fortemente sensíveis à avaliação social, os marcadores, razoavelmente sensíveis à avaliação, e os indicadores, com pouca força avaliativa (LABOV, 1972).

Para medir a atitude, existem alguns protocolos, como: a) *self report test*, no qual os indivíduos devem selecionar, dentre uma gama de variantes linguísticas, aquelas que se aproximam do seu uso habitual; tais sujeitos geralmente assumem utilizar as formas próximas às de prestígio reconhecido; a) *family background test*, no qual é visto o quanto os indivíduos são capazes de identificar dialetos diferentes; b) *matched guise test*, que visa identificar atitudes inconscientes dos sujeitos em relação à língua. (LABOV, 2001, p. 193-7).

A tese de Denise Porto Cardoso, “Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros”, é um dos poucos trabalhos no Brasil que tratam da avaliação social da língua (KAUFMANN, 2011), mensurando as atitudes linguísticas por meio dos protocolos acima citados. Os desafios em trabalhar com a avaliação social da língua são, ainda, os mesmos reportados a 25 anos.

Os estudos sociolinguísticos podem ser agrupados em três ondas de estudos, não substitutivas nem sucessivas, mas que se configuram como modos distintos de pensar a variação, com práticas analíticas e metodológicas peculiares. Na tensão entre o social e o estilístico, Penelope Eckert (2012) traça um panorama retrospectivo dos estudos sociolinguísticos. Os estudos de 1ª onda visam identificar padrões regulares de distribuição de variantes linguísticas, a partir de coleta de dados rápidas em comunidades de fala estratificadas com base em categorias sociodemográficas amplas. Exemplo prototípico é o estudo da estratificação do inglês na cidade de Nova York, realizado por Labov na década de 1960.

Estudos de 2ª onda também tomam como amostra comunidades de fala e visam identificar padrões regulares de distribuição de variantes linguísticas em abordagem quantitativa. No entanto, diferem da outra onda por seguirem uma perspectiva de base mais etnográfica, com coletas de dados que requerem maior envolvimento com a comunidade e tomam categorias sociodemográficas mais abstratas, não identificáveis em uma coleta rápida, como o julgamento de pertencimento à comunidade, valores, atitudes, etc. Exemplo é o estudo laboviano do inglês afroamericano em Nova Iorque.

Os estudos de 3ª onda continuam quantitativos, valendo-se da experiência metodológica das ondas anteriores. A diferença está em inverter a ordem da pergunta: não mais buscar correlação entre o padrão linguístico e as categorias sociais, mas identificar as categorias sociais que atuam no padrão linguístico. É uma proposta de retomada do significado social da variação, mudando o foco da estrutura para a prática linguística. Estudos dessa natureza tomam como unidade comunidades de práticas – grupo de indivíduos engajados em função de um propósito – ao invés de comunidades linguísticas, permitindo investigar o papel do indivíduo, em termos de hierarquia, inovação e adesão a variáveis linguísticas.

A avaliação de atitudes, tal como proposta em “Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros”, dá suporte à perspectiva de 3ª onda, a que o banco de dados *Falares Sergipanos* (FREITAG, 2013; FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012) se alinha e que é o eixo condutor da área de estudos linguísticos do projeto “Da expressividade da língua ao mal na literatura: base de pesquisas interinstitucionais do PPGL/UFS”, financiado pelo convênio CA-

PES/FAPITEC/PROMOB. A preparação dos originais da tese foi uma atividade vinculada ao Programa de Monitoria do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe das disciplinas Fonologia da Língua Portuguesa e Sociolinguística, em 2013 e 2014, a cargo das monitoras Giliane Matias de Azevedo, responsável pela digitação do texto, e Maria Aparecida Alves Sales, responsável pelos gráficos e pelas tabelas. A digitalização e difusão deste trabalho, assim como a realização do Workshop Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística, do qual resultou a base metodológica da coleta (FREITAG, 2014), foi um passo importante para a implementação do banco de dados Falares Sergipanos. Ao ampliar as investigações para além do nível descritivo da Sociolinguística, adentrando nos domínios da maneira pela qual as atitudes e os julgamentos linguísticos afetam o processo de constituição da identidade pela língua e pelo discurso, podemos contribuir para ações de planejamento linguístico de conscientização e respeito, bem como para propostas de ensino português como língua materna ou como língua para estrangeiros, na medida que propicia o contato com valores associados à língua. O levantamento das avaliações sobre os usos linguísticos pode auxiliar em planejamentos de status quanto à reavaliação de estereótipos que caracterizam identidades locais e que sejam alvo de preconceito linguístico. O planejamento de status, como uma área da política linguística, pode subsidiar, por exemplo, políticas linguísticas educacionais em contextos locais, em que estão em circulação variedades distintas do português no Brasil

A fim de contribuir com este objetivo, e decorrente do fomento do convênio CAPES/FAPITEC/PROMOB, destacamos o projeto “Como o brasileiro acha que fala? estudos contrastivos de variação e identidade no português falado no Brasil”, financiado pelo edital Universal do CNPq 14/2013 - Faixa C, que empreende uma investigação de caráter contrastivo entre variedades do “Português Brasileiro”, em amostras de comunidades de fala específicas: Chapecó e Florianópolis, em Santa Catarina, na região Sul, e Natal, no Rio Grande do Norte, e Aracaju, em Sergipe, na região nordeste do Brasil. Os contrastes Sul/Nordeste, capital/interior, em termos de descrição de usos linguísticos e avaliação de atitudes, são particularmente interessantes. As variações regionais são delimitadas a partir não apenas das regularidades de usos linguísticos, mas também pela maneira como as pessoas avaliam tais usos e os efeitos dessas avaliações no seu comportamento linguístico. Com isso, se, por um lado, Zilles e Faraco (2006) sugerem que a investigação das atitudes e valores acerca dos fenômenos linguísticos é urgente e necessária para o entendimento da norma culta, de forma a evitar tanto a expansão do normativismo (mídia), como o combate interminável (sem diálogo, por sinal) entre os linguistas e os normativistas, por outro lado, essa mesma investigação pode nos

revelar informações sobre a estratificação linguística do português brasileiro em portugueses regionais: português florianopolitano, sergipano, natalense, chapecoense e, a partir desse conhecimento, podemos tentar definir com mais cuidado o que é o português brasileiro.

Não há ainda estudos específicos, focados no contraste de variedades, que investiguem em que nível da gramática – mais especificamente, que traços linguísticos que se configuram como variáveis – está baseado nosso julgamento de valor linguístico, que fomenta nossas atitudes. O levantamento dos dados empíricos pode contribuir para uma ampliação das identidades linguísticas regionais, subsidiando a construção de personas regionais pela indústria midiática, que tem sido, reiteradamente, lugar de propagação e manutenção de estereótipos linguístico-identitários.

Ao digitalizar e difundir a tese de Denise Porto Cardoso, “Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros”, não só cumprimos com os objetivos de um projeto de pesquisa, mas também fazemos uma justa homenagem ao mérito de um trabalho ainda inovador atualmente e que precisa ser compartilhado com toda comunidade acadêmica

## Referências

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, 2012.

FREITAG, R. M. K. Banco de dados Falares Sergipanos. *Working Papers em Linguística*, v. 14, n. 2, p. 156-164, 2013.

FREITAG, R. M. K. *Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa*, v. 56, n.3, p. 917-944, 2012.

KAUFMANN, G. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 121-137.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Empirical foundations for a theory of language change*. Austin: University of Texas Press, 1968.

ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. As tarefas da sociolinguística no Brasil: balanços e perspectivas. In: GORSKI, E. e COELHO, I. L. (orgs). *Sociolinguística e ensino – contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. p. 23-52.



## INTRODUÇÃO

Uma das funções da linguagem estabelecida por Jakobson (1963) é a função metalinguística: a linguagem pode ser utilizada para falar dela própria. Esta função é plenamente realizada em todos os trabalhos linguísticos. Mas é também matéria, com menos técnica seguramente, da fala do dia a dia quando alguém declara: “isto não parece português” ou “o modo de falar do nordestino é arrastado”.

Assim, o falante, ao mesmo tempo em que imagina os fenômenos físicos, imagina também os fenômenos linguísticos. Esta representação não constitui um simples reflexo do comportamento linguístico, mas uma opinião mais ou menos autônoma e independente, da realidade observada. Esta opinião sobre os fenômenos linguísticos pode ser dada por pessoas “autorizadas”. Poder-se-ia questionar a relação existente entre as representações “autorizadas” dos cientistas e aquelas “vulgarizadas” dos não especialistas.

Ao lado destas representações se desenvolvem as atitudes linguísticas. O falante emite um julgamento sobre as variedades linguísticas, e associa a elas diferentes valores, hierarquizando-as: um modo de falar é visto como “desagradável” é “feio”, um outro como “cantado” e “lento”, e outro, enfim como “importante”

e “conhecido”, símbolo de signo de cultura. Linguisticamente falando, algumas pessoas têm uma atitude mais normativa, mais purista e outras, uma atitude mais tolerante.

Estes julgamentos, mesmo aqueles que se apoiam sob argumentos estéticos (clareza, musicalidade, elegância de falar), são julgamentos sociais.

Entre as representações e as atitudes linguísticas existe uma classe de fenômenos particulares: a auto representação e a auto avaliação de práticas por parte dos falantes. Os estudos de Labov (1976) e Trudgill (1975) sobre esse assunto mostram que o grau de consciência do falante sobre a sua fala é muito pequeno; o falante tende a perceber sua fala como semelhante ao modelo, o que o leva a ter uma imagem deformada de seu modo de falar.

O objetivo principal desta pesquisa foi fazer um levantamento das atitudes ou normas subjetivas de falantes aracajuano em relação ao seu próprio dialeto: como eles avaliam certas características próprias da região em relação a outras variedades regionais e não marcadas com o selo da ilegitimidade? Como eles avaliam suas próprias práticas linguísticas em relação ao que eles pensam ser as formas “corretas” ou “normais”?

Outro objetivo da pesquisa foi estabelecer uma relação entre as atitudes (positivas e negativas) e as variedades regionais estudadas (a carioca, a baiana e a alagoana). E, finalmente, por este conjunto de questões sugeridas acima, estudar como se apresentam as atitudes e a auto avaliação nos diferentes sexos, idades e graus de escolaridade.

A análise prévia dos dados, a observação direta e assistemática aliada à nossa própria intuição de falante aracajuana e a nossa experiência no magistério nos orientou na formulação dos dois grupos de hipóteses.

Quanto ao dialeto aracajuano considerado isoladamente:

- A. Falantes aracajuano, de uma maneira geral, têm atitudes linguísticas prevalentemente positivas quanto às variedades linguísticas nativas.
- B. Falantes aracajuano acreditam que é o próprio indivíduo quem deve melhorar a língua falada.
- C. Falantes aracajuano não são capazes de fazer um reconhecimento nítido das diferenças de nível linguístico.
- D. Falantes aracajuano consideram como desvios de normas mais rejeitados a falta de concordância verbal, a troca de “L” por “R” e a queda do “R” final das palavras e, o mais tolerado, o uso de ter por haver.

Quanto aos dialetos com o quais o aracajuano tem mais contato em comparação com o seu próprio dialeto:

- A. Falantes aracajuanos, de uma maneira geral, tendem a ter uma atitude linguística positiva quanto à variedade linguística baiana.
- B. Falantes aracajuanos apresentam atitude linguística positiva quanto à variedade linguística alagoana.
- C. Falantes aracajuanos prestigiam a variedade linguística carioca.
- D. De acordo com os falantes de Aracaju, o dialeto local é mais agradável que o alagoano, mas menos agradável que os dialetos baiano e carioca.



# 2

## CAPÍTULO

# FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Todo falante aprendeu, inicialmente, uma variedade específica da língua de sua comunidade. Essa variedade pode ser diferente em algum nível de outras variedades da mesma língua aprendida por outros falantes como sua primeira língua. Em determinada dimensão, a variedade linguística que usa o indivíduo indica quem ele é. Essa variedade é o dialeto, que, na maioria das comunidades linguísticas, é determinado pela região de origem do falante.

Os dialetos regionais são normalmente agrupados em áreas dialetais maiores mas há, muitas vezes, grande diferença em cada área. Antenor Nascentes (1953, p. 35) divide o dialeto brasileiro em seis subdialetos, e coloca o dialeto aracajuano dentro do subdialeto baiano, embora este apresente diferenças em relação ao de Aracaju.

A heterogeneidade linguística dentro de um vasto e diversificado país como o Brasil é um fato natural decorrente da própria heterogeneidade social, devido a diferentes graus de coerência interna e contato intergrupar das diferentes comunidades. De uma maneira geral, os fatores que determinam a heterogeneidade linguística são três:

- a) o geográfico, responsável pela divergência linguística entre comunidades fisicamente distantes uma da outra;
- b) o social, responsável pela divergência linguística entre subgrupos distintos de uma dada comunidade, tendo como fatores distintos a estratificação social, a faixa etária, o sexo, a ocupação profissional dos falantes, o desejo ou interesse que eles têm em manter características linguísticas que os demarquem;
- c) o registro de uso ou nível de formalidade atribuídos à interação verbal pelos interlocutores, numa escala que vai desde o mais coloquial ao mais formal.

Um dos fatores de relevância dos estudos sociolinguísticos é depreender como o falante se sente em relação ao dialeto que fala, uma vez que há uma tendência de se categorizar socialmente uma pessoa pelo seu dialeto ou socioleto.

Na literatura sociolinguística, as análises quase sempre incidem sobre a unidade, dialeto ou variante de uma determinada língua. Como as diferentes maneiras de falar uma dada língua são relacionadas com a diferenciação entre grupos e classes sociais, há todo um regime de valorização envolvendo essas variantes. Mas, segundo Lahud (1981, p. 48-49),

*A passagem se faz muito facilmente da constatação de exigência efetiva de um jogo social de valores afetando os diferentes fatores para assimilação desses valores à própria organização linguística dessas variantes. O feio e o bonito, o certo e o errado, o lógico e o não lógico, mas também o reacionário e o progressista ou libertário passam, assim, a ser tomados como uma espécie de virtudes internas à própria linguagem, embora obviamente haja diferenças na distribuição dessas qualidades entre as variantes, em função do ponto de vista de grupo ou classe social a partir do qual essa distribuição é feita.*

Nada prova que uma língua ou qualquer variedade sua seja mais “eficiente” que outra. Do ponto de vista qualitativo, nada há aprioristicamente superior ou inferior num ou noutro dialeto, em termos de suas potencialidades de expressão. Entretanto, o dialeto nordestino ou o dialeto baiano ganha no sul uma conotação “diferente” ou até negativa, porque as formas gramaticais e pronúncias de maior prestígio são as utilizadas pela classe alta da região centro-sul (cf. 1º Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro. Salvador, 1956).

Assim, embora não haja nenhuma novidade em se dizer que alguns dialetos têm mais prestígio que outros, continua a ser interessante a busca de evidências que comprovem esse fato e, sobretudo, das causas que o motivam. Na época atual, em que mudanças linguísticas constantemente se fazem sentir, é preciso que os estudos sobre a língua se multipliquem para que possam, não justificar suas ocorrências, mas detectar suas implicações sociais.

Dentre essas implicações, as considerações sobre a língua merecem destaque no que diz respeito à variedade tida como padrão na fala, já que a escrita, além de ser regida preferencialmente pelas gramáticas tradicionais do português, não será considerada no presente trabalho. Esse aspecto, portanto, assume grande interesse, pois pode fornecer dados que contribuam para a definição de norma linguística, no sentido estilístico e desejado do termo. Essas conclusões são importantes, acima de tudo, para fundamentar decisões quanto ao processo educacional e à alfabetização em particular.

Cumprir lembrar que são poucos os trabalhos existentes no Brasil sobre atitudes linguísticas em relação à língua portuguesa.<sup>1</sup> Ressaltamos o trabalho pioneiro de Santos (1973) sobre atitudes linguísticas de adolescentes para determinar sua capacidade de perceber o valor social de variantes; e ainda os trabalhos de Almeida (1979), que estudou a natureza das atitudes linguísticas de falantes brasileiros, tomando como base a comunidade de Belo Horizonte; Alves (1979), que verificou as tendências (pernambucanos e baianos), em São Paulo, manifestadas com relação às variedades linguísticas nativas e paulistas; e Santos (1980), que estudou a transmissão aos educandos de crenças e atitudes escolares. Nenhum destes trabalhos, entretanto, trata do dialeto nordestino em sua região de origem, tampouco menciona o dialeto aracajuano. Esse quadro justifica, assim, a oportunidade e a pertinência do presente estudo no contexto dos estudos linguísticos do Brasil.

Os estudos mais recentes da sociolinguística sugerem que a avaliação que um ouvinte faz da língua de um falante depende, em grande parte, das atitudes linguísticas pré-estabelecidas em relação ao dialeto, à classe social e ao grupo étnico desse falante. Labov (1976) demonstrou a importância que a avaliação feita pelos próprios falantes tem para uma boa compreensão da estrutura social da língua e para a compreensão das mudanças linguísticas. Na segunda parte do seu trabalho, Labov explora os mesmos dados da primeira parte de acordo com outra perspectiva, a da avaliação subjetiva das variáveis e da atitude geral em relação

---

1 N.E: E ainda hoje o são, no Brasil, o que releva a importância da digitalização e da difusão destes trabalhos, em sua maioria teses e dissertações com circulação restrita.

ao falar de Nova York. De uma maneira geral, ele determina, em que medida e de que maneira, os valores sociais dessas variáveis estão presentes na consciência dos falantes da comunidade e em que grau esses valores são interiorizados.

Por outro lado, segundo Grimes (1983, p. 10), “é necessário aprofundar o estudo sobre tipos de inter-relacionamento entre padrões e valores culturais, o uso da língua e as atitudes linguísticas. Isso deve ser feito para se poder chegar a conclusões válidas sobre qual é a língua que se deve usar na comunidade oral, e para planejar as atividades de alfabetização e educação”.

## 2.1 CONCEITUAÇÃO DE ATITUDES

Allport (1935, p. 8) define atitude como “um estudo neuromental de prontidão, organizado através da experiência diretiva ou dinâmica sobre a resposta do indivíduo para todos os objetos e situações com as quais está relacionado”. Desta conceituação, podemos constatar que as atitudes levam a uma avaliação mais ou menos emocional e orientam o indivíduo a escolher entre diferentes programas de ação. São suscetíveis de mudanças, não sendo, porém, inatas; desenvolvem-se e organizam-se com a experiência, e são dinâmicas, uma vez que levam o indivíduo a perceber coisas e pessoas que o rodeiam de maneiras diferentes sem parar para refletir.

Thurstone (1928, p. 20-21) diz que “atitude é o afeto a favor ou contra um objeto psicológico”. Descrevendo o afeto, em sua forma primitiva, como uma aversão (afeto negativo) e aceitação (afeto positivo), e considerando que o objeto psicológico tanto pode se referir a uma ideia como a um plano de ação, uma forma de conduta, um ideal, um princípio moral, um slogan ou um símbolo. Em outro artigo, Thurstone (1931, p.77) afirma que “o conceito de atitude será usado aqui para denotar a soma total dos sentimentos e inclinações do homem, preconceitos ou tendências, noções preconcebidas, ideias, medos, ameaças e convicção sobre qualquer dado específico”.

Segundo Lambert e Lambert (1975, p.100), “uma atitude é uma maneira de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo geral, a qualquer acontecimento no ambiente”. Entretanto, a conceituação dada por Rokeach (1974, p. 15) apresenta de uma maneira mais concisa aspectos comuns a conceituações anteriores: “Uma atitude é uma organização relativamente duradoura de crenças em torno de um objeto ou situação, que predis põem a raciocinar preferentemente de uma determinada maneira”. Tanto Lambert e Lambert (1975)

como Rokeach (1974) veem nas atitudes uma estrutura tripartida. Para Lambert e Lambert (1975, p. 100), “os componentes essenciais de atitude são pensamentos e crenças, sentimentos e emoções bem como tendências para reagir”. Enquanto para Rokeach (1974, p.16),

*Toda crença que faz parte de uma atitude é constituída de três componentes: (1) um componente cognitivo que representa o conhecimento que, dentro de certos limites de certeza, tem uma pessoa acerca do que é verdadeiro ou falso, bem ou mal, desejável ou indesejável; (2) um componente afetivo pelo qual, supondo-se as condições adequadas, a crença é capaz de despertar aspectos de intensidade variável que se centram (a) no objeto da crença, ou (b) em outros objetos (indivíduos ou grupos) que tomam uma posição positiva ou negativa a respeito do objeto da crença, ou (c) na própria crença quando sua validade é notoriamente colocada em dúvida, como sucede no caso de uma disputa, e (3) um componente de conduta no qual a crença, sendo uma predisposição de resposta de limite variável, deve conduzir a algum tipo de ação quando é ativada convenientemente. A classe de ação à qual se conduz é determinada estritamente pelo conteúdo da crença. Assim, uma crença meramente descritiva é uma disposição à ação quando as condições são aproximadas.*

Em nosso trabalho adotaremos o conceito de atitude que apresenta essa estrutura tridimensional pelo fato de considerarmos mais adequado. Nele, os pensamentos e as crenças representam a dimensão cognitiva; os sentimentos e emoções, a dimensão afetiva; e as tendências para reagir representam a dimensão conativa.

Na verdade, definida como “tendências para reagir”, a atitude se caracteriza, antes de tudo, por uma disponibilidade vinculada necessariamente ao ter componentes que a constituem. Pensada nesses termos, essa disposição latente, presente nos indivíduos, não se configura unicamente como uma forma de agir primária ante um objeto da percepção, mas como uma tendência elaborada e fortemente dirigida pelas crenças e valores que subjazem na manifestação ativa do sujeito com relação ao objeto. O “componente cognitivo”, como a chama Rokeach (1974), tem, assim, uma influência preponderante. Por outro lado, nesse complexo processo que define a atitude entre o “componente cognitivo” e o “componente de conduta”, que configura a ação do indivíduo com relação a um objeto determinado, situa-se o “componente afetivo”, cuja matéria-prima, se é que assim

podemos dizer, provém do primeiro componente e cujo alcance se projeta sobre o último componente. Em outras palavras, o caráter de relativa passividade que caracteriza, de certa maneira, o componente cognitivo chegaria ao componente de conduta ativado pelo componente afetivo que, a partir das crenças, provoca reações determinadas, as quais, por sua vez, dão os contornos para ação final do indivíduo.

Insistimos, portanto, no fato de que a atitude é vista aqui como um processo, dotado de certas etapas, e não simplesmente como um resultado. Ou seja, a percepção do objeto e a demonstração ativa de um indivíduo, a partir dele e com relação a ele, são precedidas e reforçadas por outros procedimentos: o enquadramento do objeto no sistema de crenças e valores do indivíduo e sua eventual reação emotiva a ele. A tendência para um certo tipo de ação torna-se assim o produto, o resultado final desse confronto.

Dentro desse quadro teórico, e envolvendo a problemática colocada anteriormente, empreendemos nosso trabalho de pesquisa sociolinguística.

## 2.2 ALGUNS TRABALHOS REALIZADOS SOBRE ATITUDES

Uma consulta a fontes bibliográficas revela serem recentes as pesquisas que têm por objeto central as atitudes linguísticas.

No capítulo inicial de sua tese sobre o inglês de Nova York, Labov (1976) faz um histórico dos estudos da língua em seu contexto social, chamando a atenção para a extrema escassez de trabalhos sobre a avaliação subjetiva de fatos da língua. Labov só conseguiu arrolar cinco trabalhos anteriores ao dele que, ao menos parcialmente, cuidavam desse assunto. A atitude ocupa um lugar importante nos estudos linguísticos de Labov (1976), que demonstrou principalmente duas coisas: 1) a importância da avaliação feita pelos falantes sobre fatos linguísticos para uma boa compreensão da estrutura social da língua (a estratificação social do /R/ nas grandes lojas de Nova York). Ele mostra, de uma parte, a hipercorreção da pequena burguesia ao nível de performance do /R/ e, de outra, sua atitude em relação à fala com ou sem /R/; 2) a importância que podem ter as atitudes linguísticas para compreensão das mudanças linguísticas. O estudo de Martha's Vineyard demonstra como a direção de uma mudança linguística pode ser invertida por causa de implicações sociais, em particular por causa da atitude dos falantes em relação a uma forma inovadora.

Fasold (1983), em *Variation in the forma and use of langue*, publicou, como editor, trabalhos sobre atitudes linguísticas em diferentes direções, dentre as quais a pesquisa realizada por Wolck (1973), *Atitudes Toward Spanish and Quechuan in bilingual Peru*, que trata do bilinguismo quéchua e espanhol no Peru. Após colocações históricas que procuram situar as línguas no Peru, o autor descreve o trabalho realizado com o falante do espanhol e quéchua quanto a atitudes, que ele rotula hispanicistas e indigenistas, respectivamente. Na amostra testada, uma parcela mostrou-se a favor de uma rapidez na hispanização da linguagem, enquanto a população não falante do espanhol manifestou atitudes tendentes à retenção da própria linguagem. O trabalho foi montado sobre amostras selecionadas de fala gravadas em fita, que o autor rotulou de estímulos às manifestações de fala dos indivíduos amostrados.

Os falantes que produziram os estímulos para o teste foram escolhidos de dois grupos sociais e de dois grupos linguísticos diferentes. As variáveis foram: a) classe social do falante; b) capacidade linguística dos falantes (se monolíngue ou bilíngue); c) a língua usada nos estímulos e d) tópico discutido na passagem-estímulo.

Para o diagnóstico de atitude, Wolck (1973) serviu-se de escalas semânticas diferenciais, formadas por pares de palavras, com espaços entre si, que deveriam ser assinaladas com um “X” após ouvidas as amostras de fala. Como resultado, o autor apresenta dados quanto às atitudes sobre a língua e status social e lealdade linguística dos entrevistados.

No artigo *Some research notes on dialect attitudes and stereotypes*, Williams (1973), partindo do pressuposto de que as pessoas tendem a empregar conjuntos estereotipados de atitudes como pontos de apoio para a avaliação quando se lhes apresenta uma amostra de fala, empreendeu trabalho objetivando examinar aspectos de atitudes que entram em jogo quando as pessoas fazem julgamentos de fala. Examinou as atitudes que professores refletiram nas avaliações de fala de crianças brancas, negras e mexicanas, de status social médio e baixo.

Com o trabalho pretendeu rever métodos e examinar atitudes, sumarizar como as medidas de atitudes devem ser tomadas para medir operacionalmente estereótipos dialetais e apresentar especulações sobre como tais estereótipos parecem entrar nos processos de avaliação da fala. Como medida técnica para atitudes, partiu de escalas semânticas diferenciais que envolveram a avaliação de um conceito ou estímulo através de pares adjetivos.

Apontou o fato de que, mesmo na ausência de estímulos gravados, alguns professores mostraram-se propensos a antecipar atitude em direção a um tipo particular de crianças. Essas atitudes refletiram, conforme o autor, um estereótipo,

e a pesquisa se encaminhou no sentido de verificar, através de outras técnicas, que relações essas atitudes apresentaram com as amostras de fala.

D'Anglejan e Tucker (1971), no artigo *Sociolinguistic correlates of speech style in Quebec*, examinam o estágio da língua francesa em Quebec em uma perspectiva sociolinguística. Esta pesquisa representa uma nova dimensão nos estudos canadenses, que interessara tanto a estudantes como educadores por razões práticas e teóricas.

Os dados demonstraram que há tanto uma consciência da variação linguística por parte de estudantes, professores e trabalhadores franco-canadenses oriundos de três diferentes regiões: Montreal, Quebec e Alma, quanto há uma relação indefinida entre a língua e a mobilidade social, educacional e ocupacional, e a uma percepção da língua como uma entidade dinâmica que pode, entretanto, ser influenciada por forças externas.

D'Anglejan e Tucker (1971) utilizaram questionário com estímulos gravados associados à escala do diferencial semântico. Trabalharam apenas com duas variáveis: a geográfica (Montreal, Alma e Quebec) e ocupacional (estudantes, professores e trabalhadores). As frequências das respostas foram tabuladas e convertidas em porcentagens.

A publicação de Fasold (1983) traz ainda o trabalho de Taylor (1973) sobre as atitudes de professores em relação aos dialetos “negro” e “não padrão” do inglês, como dados para avaliação através de escalas de atitudes.

### 2.3 MEDIDAS DE ATITUDES

Em todos os trabalhos sobre atitudes linguísticas desponta uma certeza: as atitudes podem ser medidas, mas são complexos os estudos que tratam desta medida, uma vez que existem várias dimensões a considerar.

A escala a priori é um teste planejado baseado na lógica e não nas considerações empíricas. Bogardus (*apud* ALLPORT, 1935, p.10) mede, através desta escala, as atitudes étnicas. Ele pede aos informantes o tipo de contato que gostariam de estabelecer com membros de certos grupos étnicos ou nacionais. As distâncias são traduzidas segundo uma série de escolhas:

1. Entrar para minha família através do casamento.
2. Fazer parte do meu clube como amigo íntimo.

3. Morar na minha rua como vizinho.
4. Ser meu colega de trabalho.
5. Ser cidadão do meu país.
6. Ser somente visitante do meu país.
7. Ser excluído do meu país.

A escala psico-física só é aplicada quando se concebe a atitude com um grau de afeto a favor ou contra um objeto ou um valor.

Thurstone (1931) mede atitude e opiniões servindo-se de uma escala na qual estabelece as medidas em termos de “mais” e “menos” com uma zona neutra no meio. Lickert (1932) apresenta uma avaliação de opiniões com cinco níveis num conjunto de enunciados. Atribui a cada possibilidade um valor numérico. Já Osgood (1963) desenvolveu a escala conhecida como “diferencial semântico”. Esta técnica é considerada uma das mais importantes para medir atitudes linguísticas. Tipicamente uma escala de “diferencial semântico” envolve a avaliação de um conceito ou estímulo e graus, sobre pares constituídos de adjetivos opostos. Por exemplo, uma pessoa deve avaliar uma amostra de fala em termos da seguinte escala:

Rápida \_\_\_\_\_ Lenta

Se o informante tem a impressão de que a fala da amostra é extremamente rápida ou lenta, ele colocará uma marca nos “compartimentos” extremos da escala. Ele indica um grau menos importante marcando os segundos “compartimentos” menos extremos. Se um informante avaliar a fala da amostra como sendo mais ou menos lenta ou mais ou menos rápida, ele deverá marcar os “compartimentos” vizinho ao do centro na escala. Finalmente se o informante é neutro ou não julga o “compartimento” central é o marcado.

Em todas estas escalas temos que considerar que o informante responde abstratamente ao que se faz quando uma situação concreta se lhe apresenta. Entretanto, como afirma Thurstone (1998, p. 78), “a medida da atitude expressas pelas opiniões do homem não significa necessariamente a predição do que ele fará [...] mesmo se eles estão intencionalmente distorcendo suas atitudes, nós estamos medindo, no mínimo, a atitude que eles estão tentando fazer as pessoas acreditarem que têm”.



## **METODOLOGIA**

### 3.1 UNIVERSO DE PESQUISA

A pesquisa realizou-se entre falantes aracajuanos. A cidade de Aracaju é capital do Estado de Sergipe desde 1955. Está situada às margens do rio Sergipe e é caracterizada como a primeira cidade brasileira especialmente traçada e projetada para ser capital de um Estado. Possui uma população, segundo o censo de 1970-1980, de 293.131 habitantes.<sup>2</sup>

Atualmente, as estimativas já indicam que essa população ultrapassa os 300 mil habitantes, o que representa 30% da população global do estado.

No início da década de 1970, o governo estadual implantou o Distrito Industrial de Aracaju (DIA), numa área de 120 hectares. O DIA conta atualmente com 76 empresas implantadas. Essas empresas produzem os mais variados produtos: móveis, azulejos, laticínios, produtos químicos, rolhas metálicas, ração balanceada, refrigerantes, detergentes, instrumentos musicais, soros, tecidos e confecções. As jazidas de minérios de Sergipe, já dimensionadas, demonstram

---

2 N.E.: Segundo o Censo de 2010, a população de Aracaju é de 571.149 habitantes. No entanto, é preciso considerar a região metropolitana de Aracaju, que, incluindo os municípios de Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora das Dores e São Cristóvão, totaliza 835.816 habitantes.

reservas significativas e ensejam o surgimento de outros tipos de indústria no Estado, além da Petrobrás, que, em Sergipe, produz 54.000 barris/mês de petróleo e 1.800.000 metros cúbicos de gás natural/mês, hoje já estão implantadas as unidades de amônia e ureia e a unidade de potássio – única no Hemisfério Sul.<sup>3</sup>

A única universidade existente, Fundação Universidade Federal de Sergipe (UFS), foi criada em 1967. Resultou da incorporação das seguintes escolas superiores em funcionamento na época: Direito, Química, Ciências Econômicas, Filosofia, Serviço Social e Medicina. Em 1980, a universidade transferiu-se para a Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, *campus* universitário situado numa área de 1.700.000m<sup>2</sup>, no município de São Cristóvão, antiga capital do Estado. Em 1985, ano em que se realizou a pesquisa, a UFS possuía um quadro de 5.367 estudantes, 516 professores e 814 funcionários.<sup>4</sup>

Os dois estados vizinhos de Sergipe são Bahia e Alagoas. A distância entre Aracaju e as duas capitais vizinhas é praticamente a mesma. São apenas cinco horas, em viagem de ônibus, de Aracaju a Maceió ou a Salvador. O contato dos aracajuanos foi sempre maior com Salvador, tanto por ser um centro mais desenvolvido e pela facilidade de acesso, como pelo fato de Sergipe já ter sido território baiano. A comunicação com a cidade de Maceió só veio a aumentar depois da construção da ponte sobre o rio São Francisco ligando as cidades de Propriá, em Sergipe, e Porto Real do Colégio, em Alagoas.

## 3.2 AMOSTRAGEM

Vários passos foram dados no sentido de se conseguir a amostra adequada ao estudo proposto. Considerou-se que contatar a esmo com elementos dispersos por Aracaju redundaria num projeto pouco econômico. Seria desejável, portanto, um levantamento que incluísse locais onde aracajuanos de ambos os sexos,

---

3 N.E.: Para entender as mudanças ocorridas nos últimos 25 anos, recomendamos a leitura de MELLO, Ricardo Oliveira Lacerda; SOUZA, Aldemir do Vale. Estrutura e dinâmica da economia sergipana (1970-2002). *Economia política do desenvolvimento*, vol. 1, n. 7, p. 47-82, 2010.

4 N.E: Atualmente, além de diversas instituições de ensino superior, Sergipe possui duas universidades, a Universidade Tiradentes, privada, e a Universidade Federal de Sergipe, que seguiu o movimento de expansão e interiorização. São mais cinco campi (Saúde, Itabaiana, Laranjeiras, Lagarto e Nossa Senhora da Glória, este em implantação), 25.224 alunos matriculados em cursos de graduação presenciais, 2.042 alunos matriculados em cursos de pós-graduação, 1.479 servidores técnico-administrativos e 1.419 docentes efetivos no ensino superior, segundo dados do ano de 2014 compilados pela Coordenação de Planejamento e Avaliação Acadêmica – COPAC.

várias idades e diferentes níveis de escolaridade fossem em número significativo e pudessem ser entrevistados.

A Secretaria de Educação do Estado de Sergipe e a Universidade Federal de Sergipe se mostraram locais viáveis para a aplicação da pesquisa. Em ambos os órgãos teríamos acesso facilitado, como ex-professora do estado e como professora da Universidade. Optamos pela Universidade porque, localizada no *campus*, ela centralizaria, em um só local, todas as variáveis: sexo, idade e escolaridade, e porque, além dos funcionários e dos corpos docente e discente universitários, poderíamos contar com os alunos do Colégio de Aplicação, que nos dariam a variável “idade I” (de catorze a trinta anos) combinada com a variável “escolaridade I” (primeiro grau incompleto) e “escolaridade II” (primeiro grau completo e segundo grau incompleto). Além disso, nessa instituição, não contamos com embaraços para contatos individuais em local de trabalho pois, como sabemos, as pesquisas, seja qual for o setor, nem sempre são bem recebidas. Desconfia-se dos objetivos da investigação, supondo tratar-se de alguma manobra sub-reptícia, cuja finalidade precípua seria colher informações que pudessem ser aproveitadas em divulgações através da imprensa ou levadas ao conhecimento da justiça do trabalho.

Não contamos com ninguém que se negasse a responder o questionário, embora algumas vezes tivéssemos deixado de aplicá-lo porque alguns informantes do sexo feminino se negavam a dizer a idade.

Tradicionalmente, a literatura sociolinguística tem investigado o condicionamento social da linguagem concentrando-se, basicamente, no papel dos fatores “sexo”, “idade”, “escolaridade”, “situação de fala”, “situação geográfica”, “etnia” e “classe social”.

Destas variáveis, o nosso trabalho concentrou-se apenas nas variáveis “sexo”, “idade” e “escolaridade”. Não foram vistas as variáveis “situação geográfica” e “etnia” porque analisamos uma comunidade relativamente homogênea quanto a estas variáveis. Procuramos unificar as condições das entrevistas de modo que todos os falantes estivessem expostos à mesma “situação de fala” (registro formal/informal), o que anulou as variações de registro.

Sabemos da dificuldade existente no tocante ao estabelecimento de critérios para classificação de indivíduos numa escala socioeconômica. No Brasil, dois órgãos se responsabilizam por esse tipo de trabalho: a Associação Brasileira de Anunciantes (ABA) e o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE). Ambos os órgãos recebem críticas principalmente nos estabelecimentos de critérios que poderiam invalidar uma classificação: falsa declaração de renda, variação do tamanho das famílias, existências de rendas extras, etc.; por estas poucas observações podemos, além de detectar possíveis desencontros de “pontos de partida”

destes dois órgãos, avaliar a complexidade amalgamação de fatores sociais e econômicos. Assim, optamos por não utilizar a variável “classe social”. Acrescenta-se ainda a dificuldade de se definir claramente o conceito de classe social tal como se apresenta na sociedade brasileira entre os especialistas da área de ciências sociais.<sup>5</sup>

O questionário foi aplicado a 144 falantes, 72 de cada sexo, na faixa de no mínimo 14 e no máximo de 70 anos.

A diferença de sexo dentro da sociolinguística tem sido – e continua sendo – um objeto de permanente discussão.<sup>6</sup> A oposição entre a fala dos homens e mulheres conta com uma extensa bibliografia e já ficou demonstrado ser a diferença de sexo um fator condicionante de heterogeneidade linguística. Já em 1899, Louis Gauchat, ao estudar a fala da localidade de Charbey, na Suíça, verificou que as mulheres tinham uma consciência linguística mais clara do que os homens e eram mais propícias às inovações: as mulheres estavam numa geração à frente dos homens.

Com o desenvolvimento da linguística surgiram outros trabalhos, como os de Terracini, Rohlf, Pop, Gliera, Badia, Alvar, Gregório Salvador, que mostram

---

5 N.E.: Ainda hoje, classe social é uma categoria evitada nos estudos sociolinguísticos brasileiros, pelas mesmas razões apontadas há 25 anos atrás.

6 N.E.: A discussão acerca dos efeitos de sexo/gênero na língua ainda é tema de discussão. Ao identificar mudanças sociais concernentes à relação entre a linguagem e o papel contemporâneo das mulheres e das relações de gênero, faz-se ainda necessário propor ajustes teórico-metodológicos no campo da Sociolinguística desenvolvida no Brasil com fins de oferecer um instrumental de pesquisa atualizado para se refletir sobre as especificidades linguísticas desse grupo social no contexto brasileiro moderno. Estes são objetivos do projeto *Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira* (CNPq 32/2012).

Ao traçar um panorama dos estudos sociolinguísticos quanto ao sexo/gênero, partimos do paradoxo do sexo/gênero (LABOV, 2001): em fenômenos sociolinguísticos estáveis, as mulheres apresentam taxas mais altas de variantes de prestígio do que os homens, em um comportamento conservador/conformista – conforme as normas explícitas; em mudanças com consciência social (*from above*), as mulheres adotam formas de prestígio em taxas mais altas do que os homens, em um comportamento inovador/conformista – conforme as normas explícitas; já em mudanças abaixo da consciência social (*from below*), as mulheres usam frequências mais altas de formas inovadoras do que os homens, em um comportamento inovador/não conformista – não conforme as normas explícitas. No entanto, tais generalizações muitas vezes decorrem de uma metodologia cujo controle do sexo é visto como uma variável categorizada do ponto de vista civil/biológico, mas com uma explanação predominantemente cultural, e não biológica (ECKERT, 1989). Assim, como captar nuances de gênero de modo desatrelado do controle do sexo ainda é um desafio metodológico a ser superado.

ECKERT, P. The whole woman: sex and gender differences in variation. *Language Variation and Change*, n. 3, v. 1, pp. 245-267, 1989.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

ora a tendência arcaizante ora a tendência inovadora na fala das mulheres. O dialetólogo Manuel Alvar (1966, p. 39) procurou mostrar que essa arcaicidade – ou não – depende muito mais do tipo da vida que as mulheres tinham em cada localidade. Procurou mostrar que, se por um lado as mulheres mantêm traços antigos, por outro, aceitam mais facilmente os neologismos, apresentando assim uma maior instabilidade na fala, ao contrário dos homens.

Poderíamos resumir afirmando que, em geral, a geografia linguística, de base rural, vê a fala das mulheres como conservadora enquanto a dialetologia urbana, pelo menos a dos grandes centros, a vê como inovadora. A explicação para isto estaria talvez no fato de que, num grande centro urbano, nos últimos anos, a mulher passou a atuar de forma diferente dentro do contexto social, assumindo um papel economicamente mais ativo. Essas considerações são externas ao nosso estudo e meras hipóteses. Nesta pesquisa sobre avaliação linguística iremos verificar que as atitudes das mulheres são quase mais puristas enquanto negam ou afirmam mais fortemente sua opinião. Talvez a generalização que possamos fazer seja a de que a diferenciação de sexo quase sempre representa um papel de grande importância nas pesquisas sobre a fala.

A duração e a identificação de uma mudança linguística parecem estar correlacionadas também à distribuição de formas linguísticas em diferentes faixas etárias, permitindo assim uma interpretação dinâmica de fatos sincrônicos.

Alguns linguistas consideram que as diferenças de idade são mais importantes que as de sexo.<sup>7</sup>

A fim de estudar aspectos sincrônicos e diacrônicos simultaneamente, a dimensão temporal tem que ser subdividida. Deve-se fazer uma distinção entre tempo real e tempo aparente. Tempo real refere-se aos desenvolvimentos na evolução linguística num período arbitrário de tempo. Relaciona-se, portanto, às condições através do tempo, isto é, ao aspecto diacrônico. Tempo aparente refere-se ao

---

7 N.E: No cenário sociolinguístico brasileiro, o controle da variável “faixa etária” está sujeito a interações com outras variáveis, levando à quebra da ortogonalidade das células sociais compostas por escolarização e sinalizando o padrão curvilíneo decorrente do efeito do mercado de trabalho. A generalização de resultados a partir da gradação por faixa etária pode mascarar efeitos de outras variáveis, evidenciando a necessidade de ampliação de categorias sociodemográficas a serem analisadas, como a ocupação, perfil de consumo, etc.

ECKERT, P. Ages as a sociolinguistic variable. In F. Coulmas (ed.). *The handbook of sociolinguistics*. Oxford: Blackwell, 1997, p. 151-167.

FREITAG, R. M. K. Idade: uma variável sociolinguística complexa. *Línguas & Letras*, v. 6 n. 11, p. 105-121, 2005.

padrão de distribuição do comportamento linguístico através de vários grupos etários em um determinado momento do tempo. Relaciona-se às considerações no tempo, isto é, ao aspecto sincrônico.

Tradicionalmente, considera-se que os hábitos linguísticos de representantes da geração mais jovens são menos “conservadores”. Isto, no entanto, nem sempre ocorre. A divisão em faixas etárias é completamente arbitrária e tem, em geral, razões práticas. No nosso caso, os informantes foram agrupados da seguinte forma de acordo com a faixa etária:

- Faixa etária I – de 14 a 30 anos
- Faixa etária II – de 31 a 50 anos
- Faixa etária III – de 51 a 70 anos

À faixa etária foi acrescentando o nível de escolaridade, de acordo com o próprio sistema educacional do país.<sup>8</sup>

- Escolaridade I – 1º grau incompleto
- Escolaridade II – 2º grau incompleto
- Escolaridade II – 2º grau completo e superior em andamento
- Escolaridade IV – Superior (com diploma universitário)

Na variável “escolaridade III” e “escolaridade IV”, excluímos os alunos e professores do curso de Letras da UFS. Como se trata de uma pesquisa linguística, achamos que esses informantes poderiam preocupar-se com a sua função e censurar as respostas.

O quadro geral de informantes, de acordo com as três variáveis propostas foi:

IDADE	14 - 30		31 - 50		51 - 70	
	M	F	M	F	M	F
<b>SEXO</b>						
<b>ESCOLARIDADE 1º GRAU INCOMPLETO</b>	6	6	6	6	6	6
<b>2º GRAU INCOMPLETO E 1º GRAU COMPLETO</b>	6	6	6	6	6	6
<b>2º GRAU COMPLETO E UNIVERSITÁRIO</b>	6	6	6	6	6	6
<b>SUPERIOR</b>	6	6	6	6	6	6

8 N.E.: Atualmente, com o ensino fundamental de nove anos, a Escolaridade I refere-se do 1º ao 9º ano do ensino fundamental e a Escolaridade II refere-se do 1º ao 3º ano do ensino médio.

A princípio, o número de falantes entrevistados foi fixado em 120, tendo cada célula cinco falantes. Utilizávamos os achados gerais de outras pesquisas na área da sociolinguística, as quais têm revelado uma surpreendente uniformidade dos padrões que regem o comportamento dos diversos grupos de falantes. Labov, sem dúvida, o maior e mais experimentado investigador neste campo, observava que “a padronização dentro da variação é fácil de se descobrir: ela não requer a análise de gravações de centenas de indivíduos [...] ordenações regulares de estratificação social e estatística emergem mesmo quando nossas células contêm apenas cinco falantes” (LABOV, 1981, p. 204). Em outra ocasião, Labov recomendava ao *Central Institut of Indian Languages* o uso de “quatro ou cinco falantes em cada célula” (LABOV, 1972, p. 83).

Posteriormente, aumentamos o número total dos falantes entrevistados para 144, tendo em cada célula seis falantes, isto foi feito devido à divisão do questionário em duas partes: aquela sem o estímulo da fala e a outra com o estímulo da fala. Assim, teríamos o mesmo número de entrevistados (três) em cada parte do questionário. Se o número de cada célula fosse cinco (5), uma parte do questionário seria respondida por três (3) e outra, por dois (2) falantes.

### 3.3 DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS

A análise das atitudes linguísticas ou das reações subjetivas de aracajuanos em relação ao seu dialeto, sob uma perspectiva sociolinguística, só é possível através de testes linguísticos de atitudes. Desses testes, um dos mais adequados parece ser o questionário, uma vez que, através dele, obtêm-se respostas mais claras e mais espontâneas, sem prejuízo de conteúdo das respostas que se obteriam com outros testes.

Consideramos também que o questionário apresenta a vantagem de uma ordem de questões estabelecidas por nós, de modo a ter sempre os mesmos enunciados, tornando assim mais fácil, futuramente, o registro das respostas. Estamos certos de que, desse modo, todos os informantes responderão às mesmas questões.

Consideramos ainda que vários autores são concordes em que o questionário, preenchido pelo informante, com indicações para que só preencha os dados pessoais no caso de se sentir totalmente à vontade para tal, contribui para manter o anonimato, importante neste tipo de pesquisa.

Nos questionários utilizamos uma adaptação da técnica do diferencial semântico de Osgood (1963), mas com uma escala de apenas seis espaços,

semelhantes à utilizada por Wolck (1973) na pesquisa sobre as atitudes em relação ao espanhol e o quéchua no Peru. Como na pesquisa de Wolck, não nos interessaria um ponto neutro porque não teríamos condições de depreender uma atitude positiva ou negativa. Consideramos válido, também, que o ponto neutro seria o mesmo que não responder ao questionário, o informante se eximiria de dar uma opinião. O informante deveria dar sua opinião colocando um “X” no espaço correspondente à sua escolha, cujas possibilidades variam de acordo com os seguintes critérios que se referem ao enunciado de cada item do questionário:

- a. Estar totalmente de acordo
- b. Estar de acordo
- c. Estar mais ou menos de acordo
- d. Estar mais ou menos contrário
- e. Estar contrário
- f. Estar totalmente contrário

Exemplo: suponhamos que o item tenha o seguinte enunciado: a fala “modo de falar” do aracajuano tem a sonoridade agradável ou desagradável.

Agradável X:\_\_:\_\_:\_\_:\_\_ Desagradável - se se está totalmente de acordo

Agradável \_\_:X:\_\_:\_\_:\_\_ Desagradável - se se está de acordo

Agradável \_\_:\_\_:X:\_\_:\_\_:\_\_ Desagradável - se se está mais ou menos de acordo

Agradável \_\_:\_\_:\_\_:X:\_\_:\_\_ Desagradável - se se está mais ou menos contrário

Agradável \_\_:\_\_:\_\_:\_\_:X:\_\_ Desagradável - se se está contrário

Agradável \_\_:\_\_:\_\_:\_\_:\_\_:X Desagradável - se se está totalmente contrário

Para que possamos alcançar o nosso objetivo, estabelecemos uma espécie de taxonomia dos elementos cognitivos, efetivos e conativos que se manifestam frequentemente nos falantes aracajuano e que seriam considerados típicos relacionadas a dois grandes temas: a) o dialeto aracajuano como tal e aquilo que ele suscita em seus usuários; b) o dialeto aracajuano em relação a outros dialetos nordestinos (baiano e alagoano) e ao dialeto carioca.

Foram escolhidos os dialetos baiano e alagoano não por serem os mais representativos do nordeste, mas por estar Sergipe situado entre esses dois estados: Bahia ao sul e Alagoas ao norte. Escolheu-se ainda o dialeto carioca por ser ele o dialeto mais prestigiado da língua portuguesa no Brasil.<sup>9</sup>

Trabalhamos com amostras gravadas de falantes selecionados, que funcionaram como estímulos às manifestações de atitudes e que deveriam ser ouvidas pelos informantes para que, após audição atenta, através de perguntas estabelecidas, pudéssemos colher suas impressões.

O questionário foi constituído considerando-se uma divisão em duas partes:

1. Questões objetivando verificar as atitudes que os informantes declaram ter quanto ao seu próprio dialeto (aracajuano) e aos dialetos alagoano, baiano e carioca.
2. Questões objetivando verificar as atitudes que os informantes têm com relação a seu próprio dialeto e aos dialetos alagoano, baiano e carioca. As perguntas nesta parte do questionário versaram sobre nove amostras de fala gravadas.

O ideal seria que a seleção das amostras de falantes fosse totalmente com base em trabalhos dialetológicos pois, assim, as características distintivas entre os diferentes fatores seriam levantadas e, de posse de tal levantamento, encontrar-se-iam informantes que mais se aproximassem de um “ótimo”, para que suas falas pudessem servir como “modelo”. Infelizmente, os trabalhos da área enfatizam apenas alguns aspectos linguísticos.

Foram felizes diversas gravações com indivíduos de Aracaju, Salvador, Maceió e Rio de Janeiro, num total de quatro horas gravadas. Consideramos fundamental nesta fase do trabalho que os falantes estivessem dispostos a falar, bem à vontade, sem tentar policiar a fala e que falassem dentro de um estilo o mais espontâneo possível.

Foram elaboradas duas questões bem gerais objetivando-se, oportunamente, selecionar amostras de fala que serviriam como estímulo.

- a. O que você faria ganhasse sozinha na loto?
- b. Qual sua opinião sobre o feminismo?

---

9 NE: Não há atualmente uma evidência empírica para esta escolha. No entanto, os mesmos fatores que agiam 25 anos atrás continuam agindo atualmente, como a televisão.

Foram incentivadas as respostas longas, a fim de se obterem trechos significativos e compactos, quando da seleção. Foi dito às pessoas entrevistadas que se estava fazendo uma “pesquisa de opinião” com indivíduos de vários estados brasileiros, objetivamente saber como pensavam, com relação a certos assuntos, pessoas de diferentes procedências.

A seleção desses falantes foi feita considerando-se:

- a. Procedência (lugar de nascimento)
- b. Idade (estabeleceu-se uma faixa de 25 a 35 anos)
- c. Filiação (deveriam ter como ascendentes diretos (pai e mãe) pessoas do mesmo estado e cidade)

Estas restrições foram impostas visando assegurar o controle de possíveis variáveis nos diferentes dialetos.

Considerando válidas as afirmações feitas por Wolck (1973, p. 372), justificamos o fato de não termos usado palavras isoladas (ou listas de palavras) na escolha de nossas amostras ou estímulos:

*Se palavras isoladas forem escolhidas como amostras ou estímulos são, obviamente, apenas um subconjunto muito pequeno das representações fonológicas que passam a constituir uma variável, e portanto, influenciar o julgamento do ouvinte. É bem razoável presumir que todos os níveis de expressão linguística sejam utilizados por um ouvinte para o diagnóstico de status dos falantes, principalmente características morfossintáticas, seleção, boa dicção, velocidade de fala, etc. O ouvinte deve ter acesso a todas essas variáveis potenciais quando se pede a ele para julgar a fala de outra pessoa.*

Foram entrevistados 12 falantes de Aracaju e três de cada uma das demais cidades. Objetivando não haver mistura de fala, optamos por trabalhar apenas com falantes femininas. Pela audição e análise das gravações, foram selecionadas, por nós com ajuda de colegas do departamento de Letras da UFS, as mais representativas dos dialetos de Salvador, Rio de Janeiro e Maceió, e seis de Aracaju. Das nove gravações selecionadas, foram escolhidos trechos de, aproximadamente, dois minutos de duração. Visando-se uma uniformidade de assuntos, preferimos a amostra que respondia à pergunta:

- a. O que você faria caso ganhasse sozinha na loto?

Esta pergunta deu origem a respostas mais longas, que facilitaram a seleção dos trechos mais neutros quanto à procedência do indivíduo, quer geográfica, quer social, e despidos de quaisquer aspectos que pudessem influenciar as respostas dos futuros entrevistados.

As amostras selecionadas foram reunidas em fita K-7, que rotulamos fita-estímulo, separadas por 20 segundos de silêncio. Usamos duas falas de Aracaju (segunda e quarta falas) para que a fala nativa das informantes separassem as falas de outras regiões. Como o falar carioca é o mais prestigiado, colocamos a fala carioca como a quinta fala. Sendo o falar alagoano o mais estigmatizado, colocamos a fala alagoana como a terceira e a fala baiana, a primeira. A disposição das falas na fita-estímulo ficou sendo a seguinte:

1. Salvador
2. Aracaju
3. Maceió
4. Aracaju
5. Rio de Janeiro
6. Aracaju (escolaridade III)
7. Aracaju (escolaridade IV)
8. Aracaju (escolaridade I)
9. Aracaju (escolaridade II)

### 3.4 COLETA DE DADOS

Definindo o *corpus* da pesquisa e determinado que o *campus* universitário nos daria todas as variáveis a serem trabalhadas, passamos à verificação da validade do questionário, com o pré-teste.

Após a sua elaboração, o questionário foi submetido a doze aracajuanos, distribuídos entre as três faixas e aos quatro graus de escolaridade, para que se verificasse a sua representatividade.

Com esse pré-teste, concluímos que o questionário estava muito longo e por isso mesmo optamos por dividi-lo em duas partes: a primeira, sem o estímulo da fita gravada e a segunda com o estímulo da fita gravada. Uma outra conclusão do pré-teste foi não aplicá-lo a estudantes e professores do Departamento de Letras.

Eles reprimiram muitas respostas espontâneas, analisando-as segundo os seus conhecimentos linguísticos. O pré-teste motivou também o aumento do número dos informantes: passamos de cinco para seis por célula, a fim de que tivéssemos um número par, o que nos permitiria dividir cada parte do questionário por igual número de informantes.

O questionário foi aplicado na sua maioria a grupos de falantes no seu local de trabalho ou de estudo – a Universidade. Após o término do período das aulas, faltando ainda alguns informantes, aplicamos questionários na residência dos informantes. Estes sempre eram ligados à universidade: aposentados, ex-alunos ou mesmo alunos em férias.

Após uma apresentação rápida e o menos formal possível, solicitávamos a colaboração dos indivíduos para o trabalho em andamento, dando-lhe inteira liberdade de se recusarem a colaborar. Em alguns casos, a receptividade foi tão grande que aplicamos aos mesmos informantes as duas partes do questionário.

Na segunda parte do questionário, em que havia questões voltadas para estímulos gravados, além da rápida apresentação procuramos enfatizar que acertar as respostas não era o fundamental. O que queríamos saber era a opinião das pessoas e o que elas realmente pensam quando ouvem tais falas.

Mostrávamos a fita-estímulo ao informante dizendo-lhes que o conteúdo das falas, ou seja, aquilo sobre o que a pessoa estava falando não no interessava. Importava o modo, a maneira, o jeito de a pessoa falar, o como ela fala. Cada amostra de fala era ouvida apenas uma vez e, após a audição de cada amostra, respondia-se a perguntas sobre aquela fala.

# 4

## CAPÍTULO

# ATITUDES

## 4.1 ATITUDES LINGUÍSTICAS DO FALANTE DE ARACAJU

Nesta seção serão levantados, descritos e discutidos aspectos das atitudes linguísticas manifestadas pela amostra “em ausência” da fala de outro, ou seja, em ausência de estímulo de fala. Servirão como estímulo aos julgamentos dos informantes apenas as questões propostas pelo instrumento da pesquisa.

Na análise dos dados, não trabalhamos com a escala valorativa de seis itens utilizada no questionário, mas englobamos os resultados em apenas dois itens: um positivo, somando os totais dos três primeiros, e um negativo somando os três últimos. Assim, na primeira pergunta:

1. “acho a fala (modo de falar) do aracajuano:” pergunta bonita 16: 17: 24  
| 7: 3: 5 feia.

Feita a reunião da soma dos itens, encontramos o seguinte resultado: bonita 57 | 15 feia.

Optamos por um resultado apenas de sim/não, porque, durante a aplicação do questionário, os informantes emitiam oralmente uma afirmação positiva e, ao marcarem, assinalavam a segunda ou mesmo a terceira coluna. O mesmo aconteceu com “a fala baiana é arrastada. É lenta”, e assinalavam a quarta ou quinta coluna. Por isso mesmo, após a computação dos dados, julgamos prescindir da escala valorativa de seis itens.

A escala usada por nós no questionário se baseia na do diferencial semântico de Osgood (1963), que visa a medir atitudes e dá a cada coluna das respostas um valor numérico que vai de + 3 a - 3. Como o nosso interesse não é medir atitudes, mas apenas apreendê-las, abrimos mão da escala valorativa e aproveitamos apenas seu potencial de polarização entre duas posições.

Quatro características linguísticas e sociolinguísticas orientaram a elaboração das perguntas do questionário. A primeira está relacionada com a qualidade puramente estética da língua e estabelece oposições do tipo:

- a) “bonito” – “feio”
- b) “agradável” – “desagradável”
- c) “melodiosa” – “sem melodia”

que são características relacionadas à quantidade da voz em geral. Entendemos aqui “qualidade da voz” na acepção de Crystal (1988, p.216): “expressão usada na fonética com referência ao traço de fala permanente presente que identifica uma pessoa”. O par “bonito - feio” está ligado principalmente ao domínio do estético, ou seja, do “gosto”; o par “agradável - desagradável” faz parte do domínio do hedônico, ou seja, do sensível, enquanto o par “melodioso - sem melodia” trata do domínio musical, ou seja, auditivo.

O segundo grupo de perguntas apresenta características dialetais:

- a) “cantada” – “não cantada”
- b) “chiada” – “não chiada”
- c) “lenta” – “rápida”

Essas características são muito subjetivas, já que não há fronteiras muito precisas na distribuição de cada um dos polos da posição. No entanto, essas

qualidades estão na base dos estereótipos dialetais mais comuns dentro da comunidade linguística brasileira.

O terceiro grupo apresenta características estilísticas:

- a) “clara” – “confusa”
- b) “expressiva” – “inexpressiva”
- c) “simples” – “complicada”

São características relacionadas com os aspectos discursivos da língua, que nos informam a emoção sistematizada nos atos de linguagem. O par “clara - confusa” trata da inteligibilidade da fala; o par “expressiva - inexpressiva” se refere tanto a seu conteúdo emocional quanto a qualquer identidade que possa adotar em termos da personalidade ou criatividade individual do usuário” (CRYSTAL, 1988, p.105), enquanto o par “simples - complicada” abrange o modo como é visto o que é dito, a simplicidade em relação ao entendimento da fala.

O quarto grupo apresenta características socioculturais do tipo:

- a) “conhecida” – “desconhecida”
- b) “importante” – “sem importância”

Mais do que um componente que qualifica a fala de um grupo, essas são características que mostram como o dialeto se projeta em relação a outros dialetos do português do Brasil.

#### 4.1.1 Atitudes linguísticas na variável “sexo”

##### 4.1.1.1 *A variável “sexo” em relação ao dialeto do informante*

Analisando a variável “sexo”, obtivemos sempre uma atitude positiva do aracajuano em relação ao seu próprio dialeto, quer se tratasse do sexo masculino, quer do feminino. A tabela nº 1 nos mostra isso.

**TABELA Nº 1** Atitudes linguísticas na variável “Sexo”

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL “SEXO”							
		Aracaju		Salvador		Maceió		Rio de Janeiro	
		M	F	M	F	M	F	M	F
ESTÉTICAS	“bonitas”	72,2%	86,1%	38,8%	44,4%	51,4%	30,5%	88,8%	91,6%
	“agradáveis”	77,7%	97,2%	75,0%	58,3%	77,7%	36,1%	86,1%	83,3%
	“melódiosa”	69,4%	63,8%	63,8%	52,7%	48,5%	33,3%	72,2%	83,3%
DIALETAIS	“cantada”	66,6%	75,0%	77,7%	88,8%	62,8%	41,6%	52,7%	66,6%
	“chiada”	16,6%	19,4%	66,6%	72,2%	40,0%	27,7%	83,3%	77,7%
	“lenta”	63,8%	66,6%	69,4%	52,7%	68,5%	50,0%	30,5%	52,7%
ESTILÍSTICAS	“clara”	83,3%	83,3%	58,3%	47,2%	74,2%	30,5%	83,3%	91,6%
	“expressiva”	75,0%	80,5%	80,5%	69,4%	74,2%	33,3%	91,1%	91,6%
	“simples”	88,8%	97,2%	61,1%	50,0%	82,8%	52,7%	75,5%	55,5%
SOCIO-CULTURAIS	“conhecida”	88,8%	83,3%	88,8%	91,6%	80,0%	80,5%	97,2%	100,0%
	“importante”	69,4%	66,6%	72,2%	66,6%	74,2%	41,6%	88,8%	83,3%

As características puramente estéticas são as mais subjetivas. Não há critério que indique como e porque um informante acha uma fala “bonita” ou “feia”, “agradável” ou “desagradável”, “melódiosa” ou “sem melodia”. Confirmando nossas suposições iniciais, os aracajuanos manifestaram atitudes francamente positiva, revelada pela alta concentração de respostas afirmativas às características relacionadas com as qualidades da voz em geral.

As características dialetais são aquelas que mais estigmatizam os nordestinos ao saírem de suas terras. Assim, a TV, quando caracteriza o nordestino, enfatiza a abertura das vogais, a despalatalização do “t” e “d” antes da vogal anterior alta e uma curva de entoação final descendente e prolongada do tipo “foi não”. Todavia, essa caracterização é tão artificial aos ouvidos do falante nordestino, como autêntica aos ouvidos do imitador. Nossa pesquisa demonstrou que os informantes têm consciência tanto dessas características, como do fato de que elas são estigmatizadas, pois os índices estão sempre acima de 60%, exceto no item “chiado”, em que a palatalização do “t” e “d” antes de “i” é a característica da fala carioca mais percebida pelo nordestino quando emigra para o Rio de Janeiro. Por isso, tenta um processo de “camuflagem” linguística em que, através do ocul-

tamento da origem dialetal, poderia esconder sua origem regional e passa a usar um dialeto que nem é local nem de origem.

As características estilísticas apresentam, no seu conjunto, o mais alto grau de atitudes positivas. Como o seu modo de falar é o mais conhecido, não só pela fonologia como pela sintaxe e vocabulário, o aracajuano engloba tudo isso dentro da clareza, simplicidade e expressividade de sua própria fala.

As características socioculturais apresentam um dos poucos resultados em que há um maior índice de aceitação masculina.

Os informantes do sexo feminino apresentam apenas três itens, “melodioso”, “conhecido”, “importante”, em que o percentual demonstrativo de suas atitudes está abaixo das atitudes dos informantes masculinos.

#### 4.1.1.2 *A variável “sexo” em relação à fala baiana*

A atitude do aracajuano com relação à fala do baiano é, de maneira geral, positiva, embora os números sejam inferiores na posição relacionada com o seu dialeto.

Nas características estéticas encontramos uma grande diferença em relação à fala de Aracaju. O índice relativo a “bonito” é o mais baixo (38,8%) apresentado pelos informantes do sexo masculino. A maior discrepância que encontramos na variável “sexo” foi no item “agradável”, porque há uma diferença percentual de mais ou menos 20% entre o masculino e o feminino (75,0% e 58,3%). A atitude masculina em relação à fala baiana fica pouco abaixo de sua afirmação em relação ao seu próprio dialeto, enquanto a atitude feminina sequer atinge um índice médio.

As qualidades dialetais mais estigmatizadas são fortemente marcadas, principalmente a característica “cantada”, esse resultado nos faz questionar se a característica de ser a fala “cantada” é uma característica positiva. A percentagem relativa ao item “cantado” é uma das poucas em que a fala do baiano é avaliada como superior à fala do aracajuano, tanto pelo sexo feminino como pelo masculino. Isso confirma a nossa opinião de que o “não chiado”, como uma característica estigmatizada, é pouco percebida. Convém lembrar que o aracajuano não palataliza o “t” e “d” antes da vogal “i”, mas o baiano o faz. Quanto à oposição “lenta - rápida” acreditamos que, em termos de contato entre falantes de diferentes línguas, os usuários de uma das línguas, com relação aos da outra, tendem a perceber a fala destes, quanto à velocidade, como “mais

rápida”; daí parecer que os outros sempre falam depressa. Isso é corroborado em se tratando do sexo feminino, mas não em se tratando do masculino, quando temos dois falares diferentes do que o próprio.

Nas características socioculturais, os informantes do sexo masculino declararam que o falar baiano é tão “conhecido” quanto o seu (88,8%), já o sexo feminino apresenta uma das poucas marcadamente positivas, em relação à fala baiana (91,6%). O sexo feminino aceita, então, que o falar baiano é mais conhecido que o seu próprio. Em relação ao par “importante - sem importância”, o que vemos é uma inversão. A porcentagem masculina (72,2%) é superior à feminina (66,6%). Para os informantes de sexo masculino, a fala baiana é mais “importante” que a sua própria fala e tão “conhecida” quanto esta, enquanto para os informantes de sexo feminino, a fala baiana é tão “importante” quanto esta.

Gostaríamos de salientar, ao término da descrição da atitude do aracajuano em relação à fala baiana, que há uma distinção bem diferente da que encontramos com relação ao seu próprio dialeto. A atitude do sexo feminino, com relação ao seu dialeto, supera a do masculino na maioria dos itens. O contrário se dá com relação ao falar baiano. Aqui é o sexo masculino que supera o feminino na maioria dos itens.

#### 4.1.1.3 *A variável “sexo” em relação à fala alagoana*

Apenas os informantes do sexo masculino apresentaram atitudes positivas em relação à fala do alagoano, uma vez que as atitudes do sexo feminino estão sempre abaixo de um índice médio. Mesmo para os informantes do sexo masculino, que consideram positivamente a fala do alagoano, os índices são inferiores aos apresentados, tanto em relação ao seu dialeto quanto em relação ao dialeto baiano.

Nas características estéticas encontramos uma grande diferença entre os sexos, seja quanto à fala de Aracaju, seja quanto à fala baiana. A porcentagem referente ao item “melodioso” na atitude masculina é umas das poucas abaixo da média (48,5%). Como as características estéticas são mais subjetivas, os homens aceitaram mais a fala do alagoano que a do baiano, o que não aconteceu com as mulheres.

Em relação às características mais estigmatizadas, as dialetais, o alagoano “canta” (62,8%) menos do que o baiano e do que o aracajuano; tem a fala menos “lenta” (40,0%) do que a dos baianos e mais “lenta” do que a dos aracajua-

nos para os homens, enquanto para as mulheres o alagoano fala menos “lento” (50,0%) que os aracajuano e baianos; apresenta um modo de falar mais “chiado” (27,7%) que os aracajuano e menos “chiado” que os baianos.

As características estilísticas apresentam também uma grande diferença entre os dois sexos. O sexo masculino se manifesta positivamente quer no item “claro” (74,2%), quer “expressivo” (74,2%), quer “simples” (82,8%). O sexo feminino, ao contrário, tem atitudes negativas em dois desses itens; apenas no item “simples” (52,7%) aparece a segunda atitude positiva em relação ao modo de falar alagoano.

Nas características socioculturais, temos a única atitude realmente positiva dos informantes femininos (80,5%) em relação à fala alagoana: é no par “conhecida - desconhecida”. Já no item “importante” (41,6%), a percentagem das respostas dos informantes femininos baixa sensivelmente, enquanto a percentagem dos masculinos continua alta (74,2%).

Da mesma forma que para o falar baiano, os informantes masculinos revelaram atitudes mais positivas com relação ao falar alagoano que os femininos. Aqui, entretanto, a diferença é muito mais marcante. Enquanto os informantes masculinos apresentam dois itens em que a percentagem está abaixo da média, (“melodioso” e “chiado”), os informantes femininos manifestaram apenas três itens acima da média (“lento”, “simples” e “conhecido”). Isso ainda é mais marcante ao vermos que, desses três itens, apenas um não está em torno de 50%.

#### 4.1.1.4 *A variável “sexo” em relação à fala carioca*

O modo de falar do carioca é aquele que mais agrada ao aracajuano de ambos os sexos. As características puramente estéticas são fortemente marcadas. A fala carioca é, para o aracajuano, “bonita”, (88,8% para o sexo masculino e 91,6% para o feminino), “agradável” (86,1% para o masculino e 83,3% para o feminino) e “melodiosa” (72,2% para o masculino e 83,3% para o feminino). Como as características estéticas são as mais subjetivas, não resta dúvida de que a fala carioca é a que desperta atitudes mais positivas do aracajuano.

Como a fala carioca não é estigmatizada, as características dialetais têm, entre os aracajuano, uma grande aceitação. É interessante observar que o sexo feminino acha a fala do carioca mais “cantada” (52,7%) que a do alagoano, apesar da atitude negativa que apresenta em relação ao falar alagoano. Na tentativa de explicarmos esta posição, atentamos para o fato de a palavra “cantada” estar na

relação das atitudes positivas e assim, ao marcá-la, o informante pode ter marcado mais nitidamente o “chiado” característico da fala carioca, demonstrado pelos altos índices (83,3%) referentes a esse item. Uma característica que apresenta uma percentagem baixa é a de ser “lenta”. Isso não é de estranhar, uma vez que a fala nordestina é caracterizada por ser demorada, arrastada. Entretanto, é interessante verificarmos que, mais uma vez, os homens percebem a fala carioca como menos “lenta” (30,5%) do que as mulheres (52,7%). Em relação às características estilísticas, os homens, apesar de terem afirmado que a fala carioca é “clara” (83,3%), declararam que a fala do aracajuano é mais “simples” que a do carioca. Afora esse item, a percentagem da aceitação da fala carioca é sempre superior à fala aracajuana. O mesmo acontece no que diz respeito às características socioculturais, pois as atitudes continuam sendo mais positivas que em relação ao seu próprio falar. Com pouquíssimas exceções, a fala carioca apresenta o maior índice de atitudes positivas, isto é, o aracajuano marca sempre positivamente o modo de falar carioca.

#### 4.1.1.5 *A variável “sexo” em relação à normatividade*

As últimas oito perguntas dessa fase do questionário tratam do caráter cognitivo-afetivo, em que os informantes traduzem a escolha do “melhor falar” entre as falas analisadas. Apesar de não ser contestada vigorosamente como as falas do baiano e do alagoano, a fala do carioca é percebida como a “melhor” por 55,5% dos informantes, tanto do sexo masculino como do feminino. O aracajuano, mesmo gostando da fala carioca, não aceita definir superioridade aplicada a certos elementos da linguagem que implicam um juízo de valor. Mesmo a sua própria fala fica abaixo da média. Apenas 38,8% dos informantes do sexo masculino e 36,1% do sexo feminino consideram o melhor português falado o do aracajuano. Os informantes do sexo feminino, que sempre apresentam índices superiores ao masculino quando se trata de sua própria fala, não concordam com esta afirmação de superioridade.

Esses índices baixam mais ainda com relação ao falar baiano e alagoano: 13,8% dos informantes do sexo masculino e 11,1% do feminino julgaram que o melhor português falado é o do baiano; 22,2% dos informantes do sexo masculino e 8,33% do sexo feminino declararam que o melhor português falado é o do alagoano. A diferença de opinião entre sexos continua grande quando se trata do falar alagoano. O sexo masculino, entretanto, considera o português falado pelo alagoano melhor que aquele falado pelo baiano.

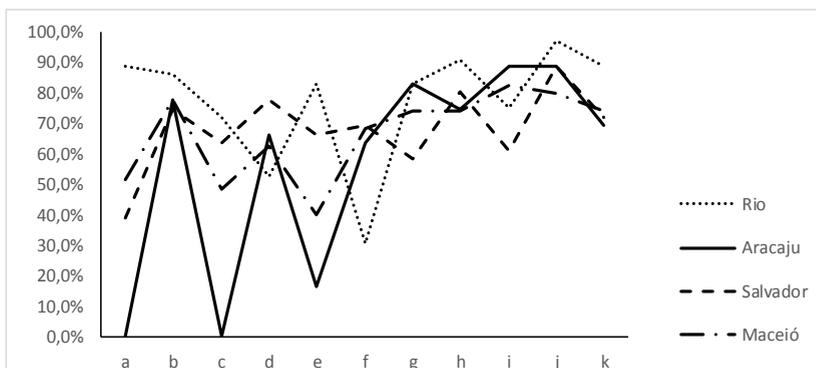
É muito mais contestada a afirmação que considera o falar que deveria ser seguido por todos brasileiros; nem mesmo a fala carioca atingiu os 50%.

#### 4.1.1.6 Considerações finais gerais sobre a variável “sexo”

Agrupando as atitudes de aracajuanos em relação ao seu próprio dialeto, à fala baiana, à alagoana e à carioca, por sexo, encontramos os gráficos nº 1 e 2.

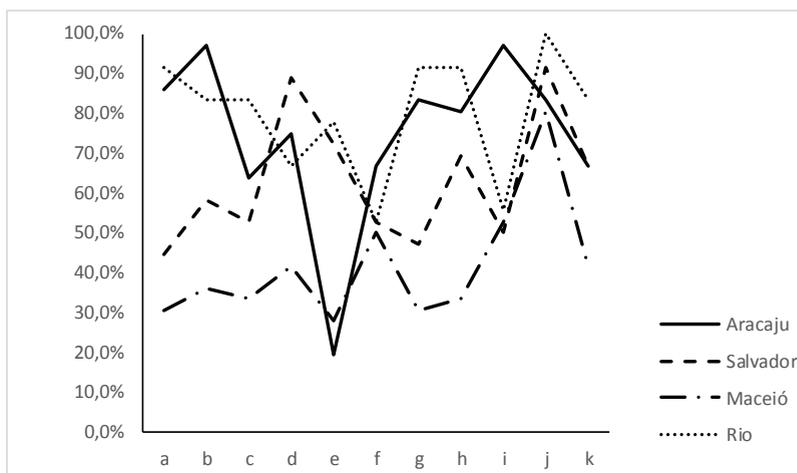
**GRÁFICO Nº 1** Atitude masculina em relação às falas aracajuana, baiana, alagoana e cariocas.

- a) bonita
- b) agradável
- c) melodiosa
- d) cantada
- e) chiada
- f) lenta
- g) clara
- h) expressiva
- i) simples
- j) conhecida
- k) importante



**GRÁFICO Nº 2** Atitudes femininas em relação às falas aracajuana, baiana, alagoana e carioca.

- a) agradável
- b) bonita
- c) melodiosa
- d) cantada
- e) chiada
- f) lenta
- g) clara
- h) expressiva
- i) simples
- j) conhecida
- k) importante



Como vemos no gráfico nº 1, a atitude masculina não apresenta grande disparidade e é sempre positiva; mais acentuada para a fala do carioca e para a sua própria, e menos acentuada para o modo de falar baiano e alagoano. Já

a atitude feminina (gráfico nº 2) apresenta um forte acento positivo para o falar carioca e o seu próprio, uma marca média para a fala do baiano e bem abaixo da média em relação à fala alagoana.

Assim, para o aracajuano do sexo masculino, a fala dos cariocas é a mais “bonita”, mais “agradável”, mais “melodiosa”, mais “chiada”, mais “expressiva”, mais “conhecida” e mais “importante”. Enquanto a fala baiana é a mais “cantada” e a mais “lenta”. A do aracajuano é a mais “simples”. Com relação à fala mais “clara”, os índices são iguais para o carioca e aracajuano.

O sexo feminino confirma as atitudes do sexo masculino, exceto ao considerar a fala aracajuana a mais “agradável” e mais “lenta”.

Como, pelos resultados obtidos, não podemos falar em melhor português dentre os falares estudados, vejamos o pior. Para os informantes de sexo masculino o pior português é o do baiano, mas para os femininos é o alagoano.

Não há, pois, para os informantes, um modelo linguístico unívoco que deva ser seguido dentre os falares pesquisados. Os aracajuanos recusaram categoricamente a ideia de aceitá-los como modelos possíveis. Em ordem de aceitação temos:

	MASCULINO	FEMININO
<b>O CARIOCA</b>	33,3%	41,6%
<b>O ARACAJUANO</b>	27,7%	30,5%
<b>O ALAGOANO E BAIANO</b>	13,8%	5,5%

O sexo feminino rejeita menos a sua própria fala e a do carioca, mas esta rejeição não atinge nem 10% da diferença em relação à fala alagoana e à baiana.

Esta escolha insistente de uma resposta negativa testemunha muito bem a recusa nítida por parte dos aracajuanos em reconhecerem, primeiramente, uma região como falando melhor que outra, e, em seguida darem-lhe status de modelo linguístico.

#### 4.1.2 Atitudes linguísticas na variável “idade”

O nosso *corpus* se constitui de informantes agrupados em três etárias, conforme explicado na metodologia. Na faixa etária I (FE-I) os informantes têm,

no mínimo, 14 e, no máximo, 30 anos. A faixa etária II (FE-II) é constituída de informantes de, no mínimo, 31 e, no máximo, 50 anos. Na faixa etária III (FE-III) os informantes têm entre 51 e 70 anos.

#### 4.1.2.1 A variável “idade” em relação ao dialeto do informante

Da mesma forma que para a variável “sexo”, a atitude do aracajuano com relação à sua própria fala é muito positiva em todas as faixas etárias.

**TABELA Nº 2** - Atitudes linguísticas na variável “idade”.

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS / VARIÁVEL “IDADE”											
		Aracaju			Salvador			Maceió			Rio de Janeiro		
		FE-I	FE-II	FE-III	FE-I	FE-II	FE-III	FE-I	FE-II	FE-III	FE-I	FE-II	FE-III
ESTÉTICAS	“bonita”	87,5%	75,0%	70,8%	33,3%	45,8%	45,8%	33,3%	29,1%	62,5%	79,1%	95,8%	95,8%
	“agradável”	87,5%	83,3%	91,6%	66,6%	66,6%	75,0%	50,0%	54,1%	45,8%	75,0%	87,5%	91,6%
	“melodiosa”	70,8%	62,5%	66,6%	54,1%	54,1%	66,6%	41,6%	37,5%	41,6%	79,1%	75,0%	79,1%
DIALETAIS	“cantada”	62,5%	87,5%	62,5%	75,0%	75,0%	87,5%	45,8%	58,3%	50,0%	66,6%	54,1%	58,3%
	“chida”	33,3%	8,3%	4,1%	66,6%	70,8%	66,6%	33,3%	25,0%	41,6%	87,5%	83,3%	70,8%
	“lenta”	54,1%	58,3%	83,3%	62,5%	41,6%	54,1%	58,3%	50,0%	66,6%	54,1%	41,6%	29,1%
ESTILÍSTICAS	“clara”	79,1%	83,3%	87,5%	58,3	62,5%	37,5%	62,5%	50,0%	41,6%	83,3%	87,5%	95,8%
	“expressiva”	87,5%	62,5%	83,3%	79,1	70,8%	75,0%	54,1%	45,8%	54,1%	95,8%	87,5%	91,6%
	“simples”	95,8%	91,6%	91,6%	62,5%	50,0%	54,1%	70,8%	66,6%	62,5%	66,6%	66,6%	62,5%
SOCIOCULTURALS	“conhecida”	79,1%	79,1%	100,0%	87,5%	87,5%	95,8%	66,6%	83,3%	87,5%	100,0%	95,8%	100,0%
	“importante”	70,8%	70,8%	62,5%	79,1%	87,5%	45,8%	62,5%	54,1%	54,1%	79,1%	87,5%	91,6%

Nas características estéticas, não encontramos grandes diferenças com relação à variável “idade”. Portanto, esta variável, tal como a variável “sexo”, apresenta atitudes positivas reveladas pela alta concentração de respostas afirmativas às características relacionadas com as qualidades da voz em geral.

As características dialetais apresentam índices altos em relação ao caráter “cantado” da fala aracajuana e confirmam o estigma em relação a essa qualidade da fala do nordestino. Os informantes mais velhos julgaram a fala do aracajuano mais “lenta” (83,3%) que “cantada” (62,5%), enquanto aqueles mais jovens não demonstram perceber bem o “chiado” característico de outros falares, como indica 33,3% nesse item.

As características estilísticas, como as estéticas, apresentam uma atitude positiva bastante acentuada. Nas características socioculturais, a atitude positiva também se apresenta. Há muito mais coincidências entre as faixas etárias I e II que entre estas e a faixa etária III. A grande distinção está apenas no caráter “chiado” para a faixa I (33,3%).

#### 4.1.2.2 *A variável “idade” em relação à fala baiana*

A atitude do aracajuano com relação à fala do baiano é de maneira geral, positiva, embora sejam inferiores àqueles atingidos pela sua própria fala.

Nas características estéticas, encontramos uma grande diferença em relação à fala de Aracaju. Nenhuma faixa etária está acima da média. Apenas a FE-III apresenta o mesmo índice no item “melodioso” para as falas baiana e aracajuana (66,6%).

A atitude em relação às qualidades dialetais é acentuadamente marcada, principalmente quanto ao item “cantada”, de acordo com os resultados, somente a FE-II (70,5%) afirma que o baiano “canta” menos que o aracajuano. Os informantes da FE-I julgam o falar baiano mais “lento” (62,5%) que o aracajuano. Quanto às características estilísticas, verificamos que os usuários mantêm a posição, já manifestada na variável “sexo”, de que a sua fala é “clara”, “expressiva” e “simples”, enquanto o modo de falar dos outros é “confuso”, “inexpressivo” e “complicado”. Apenas os informantes da FE-II disseram que a fala baiana é mais “expressiva” (70,8%) que a aracajuana.

Nas características socioculturais, apenas os informantes mais velhos consideram o falar baiano menos “conhecido” (95,8%) e menos “importante” (45,8%) que o seu próprio.

Em relação ao modo de falar baiano há também uma maior coincidência entre os índices das faixas etárias I e II. A distinção fica por conta do caráter “lento”, na faixa etária II (54,1%). Mas, de uma maneira geral, a atitude do aracajuano com relação à fala baiana é positiva.

#### 4.1.2.3 A variável “idade” em relação à fala alagoana

Na variável “idade”, a atitude do aracajuano com relação à fala do alagoano tende a ser neutra. É, portanto, diferente da variável “sexo”, em que o feminino apresentou uma atitude negativa. Mesmo assim, a fala do alagoano é a que mais manifesta índices mais baixos de aceitação por parte dos aracajuanos.

As características estéticas, quando não são marcadas negativamente, mal alcançam a média, como mostram os resultados. Os índices das características estéticas com relação à fala do alagoano são inferiores àqueles relacionados com a fala baiana. Entretanto, os mais jovens julgam a fala alagoana tão “feia” quanto a baiana, e os mais velhos consideram aquela mais “bonita” (62,5%) que essa.

Os dados encontrados para a fala alagoana são sempre inferiores àqueles com relação às falas aracajuana e baiana referentes a “agradável” (FE-I=41,6%; FE-II=37,5%; FE-III=41,6%).

Em relação às características dialetais, o aracajuano acha que o alagoano “canta” menos que o baiano e o próprio aracajuano tem a fala mais “bonita” que a do alagoano e menos “lenta” que a do baiano; apresenta um modo de falar menos “chiado” que o do baiano para FE-II (25,0%) e FE-III (41,6%) e tão “chiada” quanto o do aracajuano e menos que a do baiano para FE-I (33,3%). Os dados das características estilísticas nos dizem que a fala alagoana é mais “clara” que a baiana e menos “clara” que a aracajuana, nas faixas etárias I (62,5%) e III (41,6%). Na faixa etária II (50,0%), o falar alagoano é menos “claro”, é também menos “expressivo” e menos “simples” que o aracajuano.

Nas características socioculturais, temos apenas atitudes positivas do aracajuano em relação à fala alagoana. Os informantes mais jovens (66,6%) e mais velhos (87,5%) julgam a fala alagoana a menos “conhecida” enquanto os da FE-II (83,3%) a consideraram apenas menos “conhecida” que a baiana, mas mais “conhecida” que a aracajuana. Os aracajuanos da FE-I (62,5%) e II (54,1%) declaram que a fala alagoana é a menos “importante”, enquanto os de FE-II (54,1%) a imaginaram mais “importante” que a fala baiana e menos que a fala aracajuana.

Há mais ou menos uma coincidência entre as três faixas etárias. A grande distinção está no caráter “bonito” para FE-II (62,5%).

#### 4.1.2.4 A variável “idade” em relação à fala carioca

O modo de falar do carioca é aquele que mais agrada ao aracajuano nas três faixas etárias.

As características puramente estéticas são acentuadamente positivas; apenas a FE-I considera a fala aracajuana mais “bonita” e “agradável” que a carioca. Para a FE-II a fala carioca é mais “bonita”, “agradável” e “melodiosa” dos falares estudados; enquanto para FE-III o falar carioca é tão “agradável” quanto o aracajuano.

Em relação às características dialetais, os informantes das três faixas etárias consideram a fala carioca a mais “chiada”. Na FE-I, o índice do item “lenta”, em se tratando da fala carioca, foi surpreendente (54,1%). Os informantes da FE-I (66,6%) julgaram o falar carioca mais “cantado” que o aracajuano e alagoano. Aqueles da FE-III (58,3%), apesar de apresentarem um índice mais baixo, também apoiaram os mais jovens ao afirmarem que o carioca fala mais “cantado” que o alagoano. Outro índice interessante é que, para jovens, o carioca fala tão “lento” quanto o aracajuano. Nada justifica essas características impostas à fala carioca.

Nas características estilísticas, há uma coincidência entre as três faixas etárias em considerar o modo de falar carioca o mais “claro” e o mais “expressivo”, no caráter “simples”, quanto à fala alagoana, para os informantes acima de 31 anos, apesar de o Rio de Janeiro estar bem mais distante geograficamente de Aracaju do que Maceió.

Nas características socioculturais, as atitudes são mais positivas que aquelas com relação aos outros falares estudados. As faixas etárias I (79,1%) e II (87,5%) consideram o falar carioca tão “importante” quanto o baiano.

Na variável “idade”, como na variável “sexo”, o falar carioca é visto de uma maneira muito positiva por parte dos informantes. A fala carioca é a fala da TV, do teatro, dos cantores, por isso mesmo a receptividade é tão grande em relação a ela.

Os resultados confirmam a nossa expectativa. No que diz respeito à variável “idade”, os índices mais altos pertencem à fala carioca, sendo que a FE-III revela atitudes positivas mais fortes que as outras duas faixas etárias.

#### 4.1.2.5 A variável “idade” em relação à normatividade

A variável “idade” não apresenta atitudes positivas quando instada a dar opinião sobre o melhor português falado. O falar carioca atinge apenas 50,0% na FE-I e 58,3% nas FE-II e III. Os falares alagoano, baiano e aracajuano não alcançam nem a média. Apesar do grande índice de atitudes positivas com relação ao seu próprio dialeto, o aracajuano não aceita como melhor: 45,8% da FE-I e III e 37,5% da FE-II consideram-no melhor. Esses índices são mais inferiores ainda com relação ao falar baiano e alagoano: 20,8% da FE-I 12,5% da FE-II e 4,1% da FE-III julgaram a fala baiana a melhor: 29,1% da FE-I, 8,3% da FE-II e 12,5% da FE-III declararam que a fala alagoana é a melhor. A fala mais rejeitada pelas faixas etárias I e III é a baiana, enquanto para a faixa etária II a mais rejeitada é a fala alagoana. Esses resultados concordam com os da variável “sexo”. Apenas a faixa etária III atinge um índice de 54,1%, afirmando que todos os brasileiros deveriam falar como os cariocas.

**TABELA Nº 2** - Atitudes linguísticas na variável “idade”.

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS / VARIÁVEL “IDADE”											
		Aracaju			Salvador			Maceió			Rio de Janeiro		
		FE-I	FE-II	FE-III	FE-I	FE-II	FE-III	FE-I	FE-II	FE-III	FE-I	FE-II	FE-III
ESTÉTICAS	“bonita”	87,5%	75,0%	70,8%	33,3%	45,8%	45,8%	33,3%	29,1%	62,5%	79,1%	95,8%	95,8%
	“agradável”	87,5%	83,3%	91,6%	66,6%	66,6%	75,0%	50,0%	54,1%	45,8%	75,0%	87,5%	91,6%
	“melodiosa”	70,8%	62,5%	66,6%	54,1%	54,1%	66,6%	41,6%	37,5%	41,6%	79,1%	75,0%	79,1%
DIALETAIS	“cantada”	62,5%	87,5%	62,5%	75,0%	75,0%	87,5%	45,8%	58,3%	50,0%	66,6%	54,1%	58,3%
	“chiada”	33,3%	8,3%	4,1%	66,6%	70,8%	66,6%	33,3%	25,0%	41,6%	87,5%	83,3%	70,8%
	“lenta”	54,1%	58,3%	83,3%	62,5%	41,6%	54,1%	58,3%	50,0%	66,6%	54,1%	41,6%	29,1%
ESTILÍSTICAS	“clara”	79,1%	83,3%	87,5%	58,3	62,5%	37,5%	62,5%	50,0%	41,6%	83,3%	87,5%	95,8%
	“expressiva”	87,5%	62,5%	83,3%	79,1	70,8%	75,0%	54,1%	45,8%	54,1%	95,8%	87,5%	91,6%
	“simples”	95,8%	91,6%	91,6%	62,5%	50,0%	54,1%	70,8%	66,6%	62,5%	66,6%	66,6%	62,5%
SOCIO-CULTURAIS	“conhecida”	79,1%	79,1%	100,0%	87,5%	87,5%	95,8%	66,6%	83,3%	87,5%	100,0%	95,8%	100,0%
	“importante”	70,8%	70,8%	62,5%	79,1%	87,5%	45,8%	62,5%	54,1%	54,1%	79,1%	87,7%	91,6%

#### 4.1.2.6 Considerações gerais sobre a variável “idade”

Os gráficos de nº 3, 4 e 5 expressam as atitudes dos informantes por faixa etária em relação às falas do próprio aracajuano, do baiano, do alagoano e do carioca.

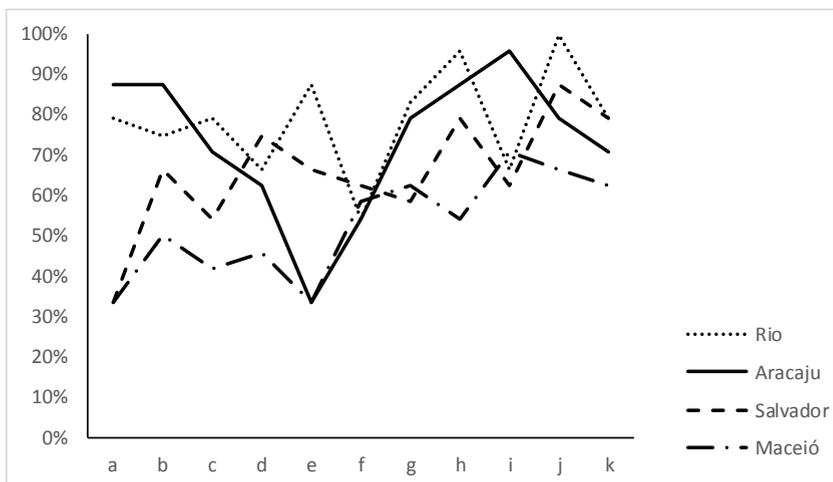
Como vemos, a fala carioca ainda detém as atitudes mais positivas e a fala alagoana as mais negativas, apesar de a faixa etária III julgá-la “bonita”, ou seja, acima do índice médio. Há um declínio de atitudes positivas em relação ao falar baiano; nenhuma faixa etária atinge um índice acima do médio para o caráter “bonito”. É considerada mesmo a fala mais “feia” pela faixa etária III e tão “feia” quanto à alagoana para faixa etária I. apenas a faixa etária II declara-a menos “feia” que a alagoana.

Assim, para o aracajuano das três faixas etárias, há concordância apenas ao considerar a fala carioca a mais “chiada”, a mais “clara” e a mais “expressiva”, enquanto encara a fala alagoana como a mais “simples”.

Os mais jovens declaram que a fala aracajuana é a mais “bonita”, a mais “agradável” e a mais “melodiosa”, enquanto a baiana é a mais “lenta”. As faixas etárias II e III concordam que a fala carioca é a mais “bonita” e a mais “melodiosa”, já a mais “lenta” é a aracajuana. A fala mais “cantada”, para as faixas I e III, é a baiana, enquanto para a faixa etária II é a aracajuana. As faixas etárias I e II concordam em que a fala carioca é a mais “conhecida”, igualando a carioca e a baiana quanto ao item “importante”.

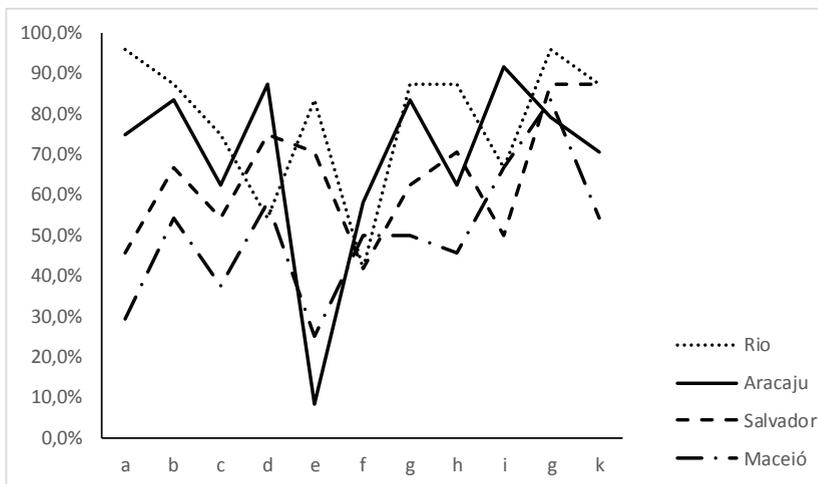
**GRÁFICO Nº 3** Atitudes de informantes da faixa etária I em relação às falas aracajuana, baiana, alagoana e carioca.

- a) agradável
- b) bonita
- c) melodiosa
- d) cantada
- e) chiada
- f) lenta
- g) clara
- h) expressiva
- i) simples
- j) conhecida
- k) importante



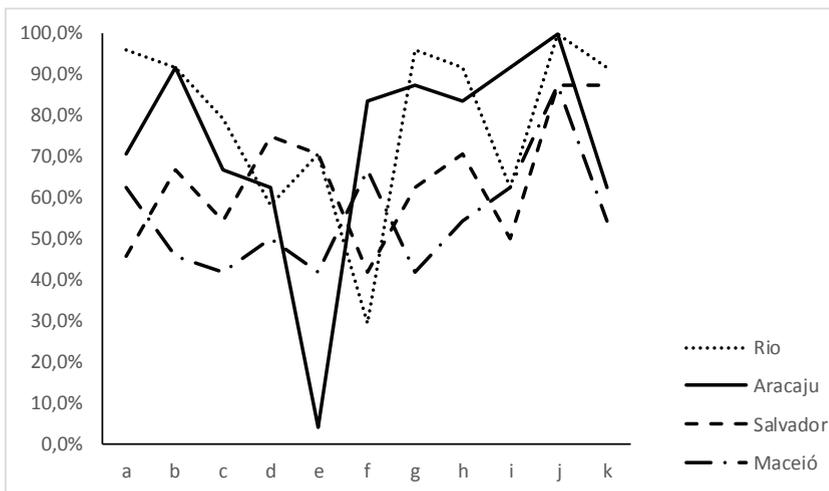
**GRÁFICO Nº 4** Atitudes de informantes da faixa etária II em relação às falas aracajuana, baiana, alagoana e carioca.

- a) agradável
- b) bonita
- c) melodiosa
- d) cantada
- e) chiada
- f) lenta
- g) clara
- h) expressiva
- i) simples
- j) conhecida
- k) importante



**GRÁFICO Nº 5** Atitudes de informantes da faixa etária III em relação às falas aracajuana, alagoana e carioca.

- a) agradável
- b) bonita
- c) melodiosa
- d) cantada
- e) chiada
- f) lenta
- g) clara
- h) expressiva
- i) simples
- j) conhecida
- k) importante



Para a faixa etária III, a fala carioca e a aracajuana são as mais “agradáveis” e as mais “conhecidas”, mas apenas a fala carioca é a mais “importante”. A faixa etária II afirma que a mais “agradável” é a carioca.

Finalmente, para a variável “idade”, os dados demonstram que os informantes recusam aceitar qualquer um desses falares como modelo linguístico. Em ordem de aceitação, para a faixa etária I temos:

- Os aracajuanos 29,1%
- Os cariocas 20,8%
- Os alagoanos 16,6%
- Os baianos 8,3%

A ordem preferência das F-II e FE-III é a mesma, embora com índices diferentes:

	FE-II	F-III
Os aracajuanos	37,5%	54,1%
Os cariocas	20,8%	37,5%
Os alagoanos	12,5%	8,3%
Os baianos	4,1%	4,1%

Desta forma, a variável “idade” também nega reconhecer o bom português como exclusivo de uma região.

### 4.1.3 Atitudes linguísticas na variável “escolaridade”

O nosso *corpus* se constitui de informantes agrupados em quatro graus de escolaridade, conforme explicado na metodologia. O grau de escolaridade I (E-I) é constituído de informantes com o 1º grau incompleto. O grau de escolaridade II (E-II) é constituído pelo 2º incompleto. O grau de escolaridade III (E-III) é constituído de informantes com o 2º grau completo ou que cursam a universidade. O grau de escolaridade IV (E-IV) é constituído de informantes com o curso superior completo.

#### 4.1.3.1 A variável “escolaridade” em relação ao dialeto do informante

Com relação ao seu próprio falar, a atitude do aracajuano é marcadamente positiva, qualquer que seja seu grau de escolaridade. Nas características puramente estéticas, o grau de escolaridade I é o que mais se diferencia dos outros três. São atitudes francamente positivas reveladas pela alta concentração de respostas afirmativas às características relacionadas com as qualidades da voz geral.

A atitude em relação às características dialetais é mais ou menos semelhante. Apenas a E-IV tem índice de menos de 70% referente ao item “cantado”. A percentagem do item “chiado” é mais para todos os níveis de escolaridade, o que demonstra uma percepção muito grande para essa característica. A E-I ultrapassa os 70% ao considerar “lento” seu falar.

As características estilísticas, como as estéticas, recebem uma atitude positiva fortemente marcada. A E-III atinge índice máximo referente ao item “simples”. Apenas os informantes com grau superior têm um índice abaixo de 70% no item “expressivo”; de resto, há um julgamento bastante positivo nas atitudes relacionadas com as características estilísticas.

Nas características socioculturais, a atitude dos informantes das quatro faixas etárias continua sendo positiva. Somente a E-III (55,5%) revela um índice maior em relação ao item “importante”.

A atitude do aracajuano em relação ao seu próprio dialeto, de acordo com o grau de escolaridade, é positiva. Há mais ou menos coincidências entre os vários graus de escolaridade. As grandes distinções estão no caráter “bonito” para E-I (94,4%), e “expressivo” para E-IV (61,1%).

#### 4.1.3.2 *A variável “escolaridade” em relação à fala baiana*

Com relação à fala baiana, na variável “escolaridade”, a atitude do aracajuano, apesar de positiva, não apresenta índices elevados. Nas características puramente estéticas a E-I é a que mais aceita a fala baiana. O item “melodioso” apresenta um índice superior àquele relativo à fala aracajuana para a E-I (61,1%), enquanto para E-II (66,6%) é idêntico. Apesar disso, só a E-I (61,1%) ultrapassa um índice médio em relação ao item “bonita”; a E-IV não atinge nem os 30%.

A atitude em relação às qualidades dialetais continua coerente, pois permanece altamente positiva, principalmente quanto ao item “cantada”, embora a E-IV (72,2%) julgue a fala aracajuana menos “cantada” que a baiana. Apenas a E-I apresenta um índice médio para “chiado”. A fala baiana é tão “lenta” quanto a aracajuana para as E-II e E-III; as E-I (66,6%) e a E-IV (55,5%) consideram a fala aracajuana mais “lenta” que a baiana.

As características estilísticas apresentam sempre um índice médio, exceto o item “expressivo”, que apresenta índices superiores aos 70%. Apesar de ultrapassar os 50%, esse índice é inferior ao relativo à fala aracajuana. Apenas informantes com grau superior (72,2%) declaram que a fala baiana é mais “expressiva” que a aracajuana.

Nas características socioculturais, apenas a E-I achou a fala baiana menos “chiada” (77,7%) e menos “importante” (61,1%) que a sua própria fala.

A atitude do aracajuano dos quatro graus de escolaridade, em relação à fala baiana, apresenta uma quase total coincidência nas respostas. Apenas a E-I se diferencia dos outros três graus de escolaridade quanto ao caráter “bonito” e “chiado” da fala baiana.

#### 4.1.3.3 *A variável “escolaridade” em relação à fala alagoana*

A atitude do aracajuano com relação à fala alagoana é mais negativa. Os índices estão quase sempre abaixo dos 50% ou simplesmente atingem este índice.

Nas características estéticas encontramos uma grande diferença, tanto com relação à fala de Aracaju, quanto com relação à fala baiana em todos os graus de escolaridade. Somente E-III (50,0%) e E-IV (38,8%) acharam a fala alagoana mais “bonita” que a baiana, mesmo com baixo índice.

Em relação às características mais estigmatizadas, as dialetais, as E-I (33,3%), E-II (50,0%) e E-III (50,0%) consideram a fala alagoana a menos “cantada”; só a E-IV (72,2%) julgou-a tão “cantada” quanto a baiana e mais “lenta” que esta e a aracajuana.

As características estilísticas também apresentam os índices mais baixos, quer da fala aracajuana quer da baiana, para todos os graus de escolaridade. Somente com relação ao item “simples”, as E-II (61,1%), E-III (72,2%) e E-IV (83,3%) julgaram a fala alagoana mais “simples” que a do baiano.

Nas características socioculturais temos apenas atitudes positivas do aracajuano em relação à fala do alagoano, qualquer que seja o grau de escolaridade. Entretanto, a fala alagoana é a menos “conhecida” e a menos “importante”, exceto para os informantes com grau superior, que a declararam mais “conhecida” que a aracajuana.

Os dados da atitude dos aracajuanos, nos quatro graus de escolaridade, com relação ao falar alagoano, são baixos. Em contrapartida, a atitude com relação ao seu próprio falar e com relação à fala baiana apresenta índices mais baixos e mais descontraídos, principalmente a E-IV (33,3%), que apenas se iguala às outras escolaridades com relação ao item “chiado”.

#### 4.1.3.4 *A variável “escolaridade” em relação à fala carioca*

Também para a variável “escolaridade”, o falar carioca é aquele que mais agrada ao aracajuano, nos diferentes graus de escolaridade.

As características estéticas, apesar de serem altamente positivas, não são superiores à fala aracajuana para a E-I. A fala aracajuana também “agrada” mais que a carioca para a E-III. Exceto para o item “melodioso”, os dados relativos às características estéticas da fala carioca são os mais altos. O falar carioca é mais “bonito” e mais “agradável” que os outros falares estudados. E-III atribui o índice máximo ao item “bonito”, os outros graus de escolaridade apresentam índices superiores a 80%. Como o falar alagoano é o que recebe atitudes mais negativas por parte dos informantes, as diferenças entre os itens relativos à fala carioca e à alagoana são grandes. No julgamento do item “bonito”, a E-II apresenta uma diferença de mais de 80% entre as falas carioca e alagoana. Somente a E-I, embora julgando a fala carioca positivamente, coloca-a inferior ao seu próprio falar. No item “agradável”, a menor percentagem, a da E-I, é de 77,7%; as E-II, E-II e E-IV ultrapassam os 80%. Foi estranho o índice da E-I referente ao item “melodioso”. Apesar de ter considerado a fala carioca “bonita” e “agradável”, a E-I tem um índice de apenas 55,5% relativo ao item “melodioso”.

Em relação às características estilísticas, há uma coincidência entre três graus de escolaridade (E-II, E-III e E-IV) em considerar o falar carioca o mais “claro” (94,4%, 94,4% e 88,8%) e “expressivo” (100,0%, 100,0% e 88,8%). No item “simples”, entretanto, a fala carioca fica abaixo da aracajuana. Para a E-I, o falar carioca é menos “claro” (72,2%) que o aracajuano e tão “expressivo” (77,7%) quanto este.

Em relação às características socioculturais, todos os graus de escolaridade concordam em que o falar carioca é o mais “conhecido” e o mais “importante”, entretanto, para E-I (66,6%), a fala carioca é tão “importante” quanto a aracajuana, enquanto a E-IV (100,0%) julgou-a tão conhecida quanto a baiana. Como vemos na tabela nº 3, a fala carioca é mais aceita, devido aos altos índices atingidos.

#### 4.1.3.5 *A variável “escolaridade” em relação à normatividade*

O melhor português falado também não é o objeto de atitudes positivas na variável “escolaridade”. Apenas a E-I e E-II apresentam um índice acima do médio com relação à fala carioca, 66,6% e 83,3% respectivamente. Apesar do alto índice de atitudes positivas com relação à sua própria fala, o aracajuano não a aceita como a melhor. A E-IV atinge o índice médio 50,0%, 38,8% da E-III, 33,3% da E-II e 27,7% da E-I julgam-na a melhor. Os índices relacionados com os falares baiano e alagoano são ainda menores: 22,2% da E-IV, 16,6% da E-I e 11,1% da E-II afirmaram ser a fala baiana a “melhor”, mas a E-III é unânime em negar ter o baiano o melhor português falado; 22,2% do E-I e E-II atingem o índice médio ao afirmar que todos os brasileiros deveriam falar como os cariocas.

**TABELA N° 3** – Atitudes linguísticas na variável “Escolaridade” .

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS / VARIÁVEL “ESCOLARIDADE”															
		Aracaju			Salvador			Maceió			Rio de Janeiro						
		E-I	E-II	E-III	E-IV	E-I	E-II	E-III	E-IV	E-I	E-II	E-III	E-IV				
ESTÉTICAS	“bonita”	94,4%	77,7%	72,2%	72,2%	61,1%	44,4%	33,3%	27,7%	55,5%	16,6%	50,0%	38,8%	88,8%	100,0%	83,3%	88,8%
	“agradável”	94,4%	83,3%	88,8%	83,3%	77,7%	77,7%	55,5%	66,6%	72,2%	50,0%	38,8%	61,1%	77,7%	88,8%	83,3%	88,8%
	“melodiosa”	55,5%	66,6%	72,2%	72,2%	61,1%	66,6%	55,5%	30,0%	33,3%	44,4%	33,3%	50,0%	55,5%	88,8%	83,3%	83,3%
	“cantada”	72,2%	72,2%	72,2%	66,6%	88,8%	83,3%	72,2%	72,2%	72,2%	33,3%	50,0%	72,2%	72,2%	55,5%	61,1%	50,0%
DIALETAIS	“chocada”	22,2%	27,7%	11,1%	11,1%	50,0%	72,2%	66,6%	83,3%	44,4%	22,2%	33,3%	33,3%	77,7%	88,8%	72,2%	83,3%
	“lenta”	77,7%	55,5%	66,6%	61,1%	66,6%	55,5%	66,6%	55,5%	55,5%	55,5%	66,6%	66,6%	61,1%	27,7%	44,4%	33,3%
	“clara”	83,3%	88,8%	83,3%	77,7%	50,0%	55,5%	55,5%	50,0%	55,5%	44,4%	38,8%	66,6%	72,2%	94,4%	94,4%	88,8%
ESTILÍSTICAS	“expressiva”	77,7%	83,3%	88,8%	61,1%	72,2%	72,2%	83,3%	72,2%	33,3%	44,4%	72,2%	61,1%	77,7%	100,0%	100,0%	88,8%
	“simples”	88,8%	88,8%	100,0%	94,4%	50,0%	55,5%	50,0%	61,1%	50,0%	61,1%	72,2%	83,3%	66,6%	83,3%	55,5%	55,5%
SOCIO-CULTURAIS	“conhecida”	88,8%	83,3%	83,3%	88,8%	77,7%	94,4%	88,8%	100,0%	72,2%	77,7%	72,2%	94,4%	94,4%	100,0%	100,0%	100,0%
	“importante”	66,6%	72,2%	55,5%	77,7%	61,1%	72,2%	66,6%	77,7%	50,0%	50,0%	55,5%	61,1%	66,6%	83,3%	94,4%	100,0%

#### 4.1.3.6 *Considerações gerais sobre a variável “escolaridade”*

Como está demonstrado nos gráficos nº 6, 7, 8 e 9, a atitude do aracajuano, dos quatro graus de escolaridade pesquisados, não é sempre unânime, mas tende positivamente na direção da fala carioca. Para as E-II, E-III e E-IV, a fala mais “bonita”, mais “melodiosa”, mais “clara”, mais “expressiva”, mais “importante” é a carioca. É ainda a fala carioca a mais “chiada” e a mais “conhecida” para a E-I, E-II, E-III. A fala mais “simples” para os quatro graus de escolaridade é a aracajuana, confirmando a mesma atitude encontrada nas variáveis “sexo” e “idade”. Para as escolaridades E-II e E-IV, a fala mais “agradável” é a carioca. Para as E-I e E-II, a fala mais “cantada” é a baiana. Para a E-I, a fala mais “bonita”, mais “lenta” e mais “clara” é a aracajuana; a mais “melodiosa” é a baiana; e a mais “expressiva” e mais “importante” são tanto a aracajuana, a baiana e a alagoana. Para E-III, as falas mais “cantadas” e mais “conhecidas” são a carioca e a baiana; e a mais “cantada” são a carioca, a baiana e a alagoana.

Em relação à normatividade, a variável “escolaridade” confirma a recusa dos aracajuanos em aceitar qualquer um desses falares como modelo linguístico. Para as E-I, E-II e E-III, a ordem de aceitação é a mesma, embora os índices sejam diferentes. Em ordem decrescente é o seguinte o resultado:

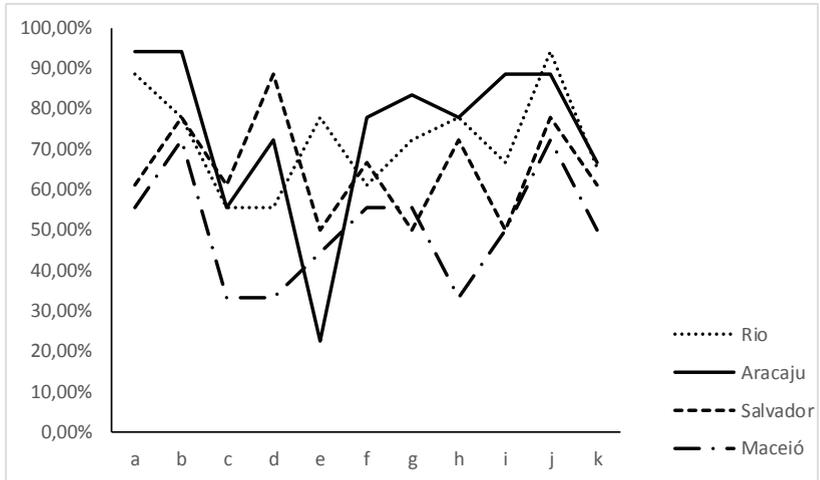
	E-I	E-II	E-III
Os aracajuanos	50,0%	50,0%	33,3%
Os cariocas	33,3%	33,3%	22,2%
Os alagoanos	11,1%	11,1%	11,1%
Os baianos	5,5%	11,1%	11,1%

Na E-IV, os aracajuanos são os mais aceitos:

- Os aracajuanos 27,7%
- Os cariocas 16,6%
- Os alagoanos 11,1%
- Os baianos 5,5%

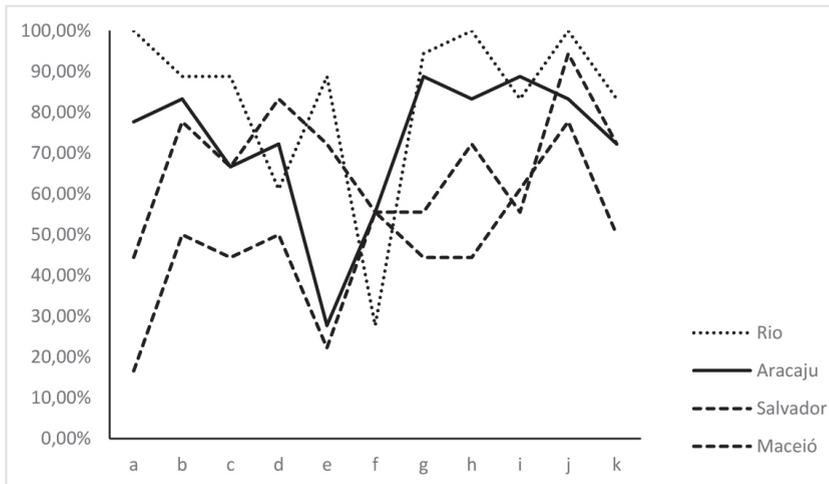
**GRÁFICO Nº 6** Atitudes de informantes com E-I em relação às falas aracajuana, baiana, alagoana e carioca.

- a) agradável
- b) bonita
- c) melodiosa
- d) cantada
- e) chiada
- f) lenta
- g) clara
- h) expressiva
- i) simples
- j) conhecida
- k) importante



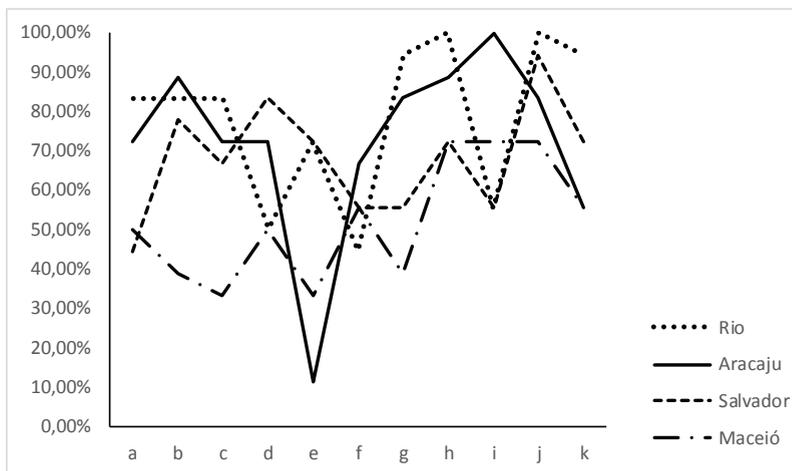
**GRÁFICO Nº 7** Atitudes de informantes com E-II em relação às falas aracajuana, baiana, alagoana e carioca.

- b) bonita
- c) melodiosa
- d) cantada
- e) chiada
- f) lenta
- g) clara
- h) expressiva
- i) simples
- j) conhecida
- k) importante



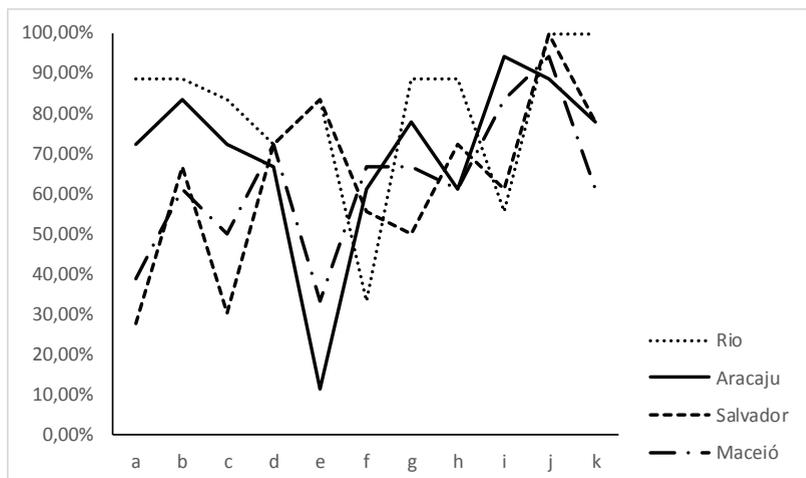
**GRÁFICO Nº 8** Atitudes de informantes com E-III em relação às falas aracajuana, baiana, alagoana e carioca.

- a) bonita
- c) melodiosa
- d) cantada
- e) chiada
- f) lenta
- g) clara
- h) expressiva
- i) simples
- j) conhecida
- k) importante



**GRÁFICO Nº 9** Atitudes de informantes com E-IV em relação às falas aracajuana, baiana, alagoana e carioca.

- a) bonita
- c) melodiosa
- d) cantada
- e) chiada
- f) lenta
- g) clara
- h) expressiva
- i) simples
- j) conhecida
- k) importante



## 4.2 ATITUDES LINGUÍSTICAS EM FACE DE ESTÍMULOS DE FALA

Na seção anterior, foram levantados, descritos e discutidos aspectos das atitudes linguísticas manifestadas pela amostra “em ausência” da fala do outro, ou seja, em ausência de um estímulo de fala. Serviram, então, como estímulo aos julgamentos dos informantes tão somente as questões propostas pelo instrumento da pesquisa.

As atitudes manifestadas refletiram a crença dos entrevistados sobre o outro falar, decorrente de uns tantos fatores diretamente ligados ao conhecimento que essas pessoas têm do mundo. Sabe-se, entretanto, que as atitudes que os indivíduos têm longe do objeto (em nosso caso a fala) podem ser iguais ou diferir substancialmente das que têm frente a ele. Observamos, a partir de agora, as atitudes manifestadas pelos informantes “em presença” da fala do outro, portanto, em face das amostras de fala que serviram de estímulo às manifestações de atitudes.

O mesmo conjunto de perguntas foi feito aos informantes sobre cada uma das cinco primeiras amostras de fala. A partir da fala VI, mudaram-se as perguntas, uma vez que as amostras de fala eram todas de Aracaju com níveis de escolaridade diferentes. Essas amostras farão parte de outra seção (4.3.2).

As perguntas do questionário, em presença do estímulo da fala, foram agrupadas em três grandes grupos de qualidade:

No grupo de características puramente estéticas, temos:

- a) Agradável/desagradável
- b) Bonita/feia

No grupo de características dialetais temos:

- c) Cantada/não cantada
- d) Lenta/rápida

No grupo de características estilísticas temos:

- e) Expressiva/inexpressiva
- f) Simples/complicada

Todas as questões eram fixas, tratando-se, portanto, de questões fechadas.

Visto terem-se os informantes manifestado sobre cada um dos nove estímulos separadamente, assim também exporemos os resultados obtidos, tentando observar a atitude dos informantes frente a cada estímulo.

Não incluiremos nesta parte as amostras de fala VI, VII, VIII e IX, pois se trata de falas só aracaJuanas e isso será objeto de estudo de outra seção.

## 4.2.1 ATITUDES LINGUÍSTICAS COM ESTÍMULOS NA VARIÁVEL “SEXO”

### 4.2.1.1 *A variável “sexo” em relação ao estímulo I (fala baiana)*

A atitude do aracaJuano com relação à fala baiana, frente à fita-estímulo, apresentou índices superiores aos da atitude sem a fita-estímulo, principalmente com relação ao sexo feminino. Em relação às características puramente estéticas, encontramos um grande índice de aceitabilidade da fala baiana, sempre acima de 75,0%.

As atitudes referentes às características dialetais não foram muito positivas nas respostas sem fita-estímulo. Os índices ficaram quase sempre abaixo do índice médio. Somente as mulheres atingem uma percentagem de 52,7% no item “cantado”. As características estilísticas como as estéticas são objeto de uma atitude muito positiva. As percentagens são sempre superiores a 60%.

A atitude do aracaJuano com relação à fala baiana, em presença da fita-estímulo, é positiva. Aqui, como na atitude sem estímulo de fala, os resultados dos informantes masculinos apresentam índices superiores aos femininos. Apesar dessa semelhança, a fala baiana é muito mais aceita na presença da fita-estímulo, por ambos os sexos.

### 4.2.1.2 *A variável “sexo” em relação ao estímulo II (fala aracaJuana 1)*

Ao contrário da fala baiana, a fala aracaJuana é muito mais aceita sem o estímulo da fita do que em presença dele. Os índices das respostas sem estímulo só foram inferiores aos da fala carioca, enquanto os índices com estímulo ficam quase sempre em torno do índice médio.

As características estéticas apresentam índices inferiores aos da fala baiana, mas estão sempre acima de 60%. Os homens (69,4%) têm índices superiores às mulheres (61,1%) no item “bonito”; as mulheres, ao contrário (77,7%), têm índices superiores no item “agradável”.

Nas características dialetais há uma atitude muito pouco positiva. Os informantes femininos chegam a considerá-la “rápida”, porque a sua percentagem no item “lenta” é de apenas 36,1%.

As características estilísticas são mais aceitas que as da fala baiana, tanto para o sexo masculino (75,0%) quanto para o feminino (72,2%), no que diz respeito ao item “expressiva”. Mesmo assim, os índices ficam inferiores aos da mesma atitude sem o estímulo da fala.

As atitudes do aracajuano com relação ao seu próprio falar, em presença da fita-estímulo, na variável “sexo”, é positiva. Não encontramos grande diferença entre a atitude dos sexos masculino e feminino, a não ser no item “lento”. As mulheres se mostraram menos exigentes e chegaram a considerar esta fala “rápida”, porque o índice “lenta” não atinge nem 40%.

#### 4.2.1.2 *A variável “sexo” em relação ao estímulo IV (fala aracajuana 2)*

Conforme ficou explicado na metodologia (descrição dos instrumentos), a fita-estímulo continha várias falas de Aracaju, sendo que duas separavam falas de Salvador, Maceió e Rio de Janeiro. Embora essas duas amostras não tenham sido apresentadas uma após a outra, resolvemos analisá-las nesta ordem para que o contraste entre as duas atitudes se manifeste de modo mais transparente. Assim sendo, é fácil observar que, em relação a essa segunda amostra, a atitude dos entrevistados apresenta índices mais baixos que na anterior.

Face às características estéticas, há uma atitude pouco positiva: as mulheres apresentam índices inferiores ao médio, tanto no item “bonita” (36,1%) quanto no “agradável” (44,4%), e os homens, entretanto, têm percentagens superiores a 50,0% (55,5% no item “bonita” e 66,6% no item “agradável”).

As características dialetais são facilmente marcadas, se bem que o sexo feminino (50,0%) não considere a fala aracajuana “lenta”. Mas o índice referente ao item “cantada” é muito superior ao da fala baiana em presença da fita-estímulo (88,8% para ambos os sexos).

Quanto às características estilísticas, a variável “sexo” apenas atinge o índice médio (50,0%), tanto ao considerar esta fala aracajuana “expressiva” quanto “simples”. O índice do item “simples” para os informantes do sexo masculino é o mesmo da primeira fala aracajuana (72,2%). Este é o único item em que há uma igualdade no índice das respostas. Os aracajuanos apresentaram uma atitude muito mais negativa em relação a esta fala aracajuana que à anterior.

A nosso ver, essa atitude negativa em relação à segunda fala aracajuana deveu-se evidentemente ao caráter “cantado” da fala em questão. Apesar de as duas falas aracajuanas pertencerem a falantes que cursaram o primeiro e o segundo grau no mesmo colégio, esta segunda fala aracajuana é muito mais “cantada” de acordo com os dados obtidos na pesquisa. Este caráter “cantado” é bastante estigmatizado pelo brasileiro de uma maneira geral. Esta fala seria mesmo considerada “arrastada” se acaso fosse esse um dos adjetivos usados como polarizador no questionário.

Como sabemos, o falante, convivendo com formas dialetais diversas e às quais atribui também valores diferentes conforme os usuários que as apresentam, constrói para si representações desses dialetos. Constrói tanto estereótipos desses falares, principalmente aqueles mais marcados como representações do seu próprio dialeto, conforme podemos deduzir dos trabalhos de Labov quando ele fala dos testes de autoavaliação e do índice de insegurança linguística.

Uma vez que o caráter “cantado” é estigmatizado, qualquer falante cuja fala possua esta característica apresentará na sua avaliação atitudes negativas como esta segunda fala aracajuana. Daí os baixos percentuais relativos aos itens “bonita” e “agradável”.

Convém ressaltar que a primeira fala aracajuana foi considerada a mais “rápida” das falas apresentadas. E mesmo em relação ao item “cantada”, é tida como menos “cantada” que a fala carioca apresentada.

#### 4.2.1.3 *A variável “sexo” em relação ao estímulo III (fala alagoana)*

O estímulo da fala de Maceió foi o que apresentou maiores surpresas. Há uma atitude acentuadamente positiva em relação à fala alagoana em presença do estímulo, o que não acontece na ausência dele.

As características estéticas apresentam percentagens elevadas tanto para os informantes de sexo masculino (77,7%) quanto para os de sexo feminino

(72,2%). As mulheres (41,6%) chegam mesmo a considerar a fala de Maceió “não cantada”, pois o item “cantada” não atinge o índice médio. Os informantes de sexo masculino (52,7%) apresentam também um índice baixo, apesar de estar acima do índice médio.

As características estilísticas são muito acentuadas, principalmente para o sexo masculino, que ultrapassa os 90,0% no item “simples”. As mulheres, ao contrário, não alcançam os 70,0% em nenhum dos dois itens, 52,7% para o item “expressiva” e 66,6% para “simples”.

O falar alagoano, portanto, desperta atitudes muito positivas, quando em presença da fita-estímulo. A atitude do aracajuano é totalmente contrastante nesse sentido. Sem a presença do estímulo da fala, as atitudes mais negativas foram em relação ao falar alagoano. Mas na presença da fala, a atitude do aracajuano muda completamente.

#### 4.2.1.4 *A variável “sexo” em relação ao estímulo V (fala carioca)*

A atitude do aracajuano com relação ao falar carioca em presença da fita-estímulo apresenta índices inferiores àquela na ausência da fala. É, entretanto, uma atitude nitidamente positiva.

As características estéticas apesar de positivas são, entretanto, inferiores às sem a fita-estímulo. O item “bonita” recebe uma percentagem de 80,5% dos informantes de ambos os sexos e o item “agradável”, 83,3% pelos mesmos informantes.

Com relação às características dialetais, há mais diferença entre os sexos; apenas os homens declaram a fala carioca “cantada” (69,4%) e “lenta” (61,1%). Os índices relativos às mulheres não chegam a 50,0%. As características expressivas apresentam atitudes menos positivas. Os índices referentes aos informantes do sexo masculino são inferiores aos atingidos pela fala alagoana e só alcançam 75%. As mulheres nem chegam a 70,0%.

Os aracajuanos apresentam uma atitude menos positiva com relação à fala carioca em presença da fita-estímulo que em sua presença.

#### 4.2.1.5 *A variável “idade” e a avaliação das próprias atitudes*

A segunda pergunta do questionário com as amostras de fala trata de reconhecer a fala ouvida. Os dados revelam que os informantes de ambos os sexos,

com relação às amostras de fala, não identificaram facilmente as falas ouvidas. Apenas a primeira fala de Aracaju é reconhecida como sendo aracajuana por 55,5% do sexo masculino e 58,3% do feminino. As outras falas apresentam índices muito baixos de reconhecimento. A fala de Salvador é identificada por 22,2% dos informantes do sexo masculino e 25,0% do feminino. A fala de Maceió é admitida como tal apenas por 22,2% dos informantes do sexo masculino e 27,7% do feminino. A segunda fala de Aracaju é declarada como aracajuana por 25,0% dos informantes do sexo masculino e 19,4% do feminino. O reconhecimento da fala carioca, mesmo apresentando índices mais altos que as outras, não atinge a média; somente 41,6% dos informantes do sexo masculino e 38,8% do feminino identificaram-na como carioca.

Esse não reconhecimento da fala ouvida nos oferece a oportunidade de avaliar melhor a opinião dos informantes com relação à atitude que eles realmente têm. Se eles acreditam que aquela fala não é baiana, nenhum preconceito extralinguístico interfere na sua resposta.

Numa terceira pergunta “você tem a fala (modo de falar) semelhante ao dessa pessoa?”, apenas a fala de Salvador atinge a média (50,0%) para ambos os sexos. Na primeira fala aracajuana, 48,8% dos informantes do sexo masculino e 30,0% do feminino identificaram-na como semelhante à sua. Apenas 44,4% do sexo masculino e 36,1% do feminino afirmaram que sua fala se assemelha à alagoana. Os informantes de ambos os sexos praticamente não se identificaram com a segunda fala aracajuana. Apenas 27,7% do sexo masculino e 19,4% do feminino julgaram sua fala parecida com essa. Na fala carioca, 36,1% dos informantes do sexo masculino e 27,7% do feminino declararam que sua fala se parece com esta.

Ligada a esta pergunta está a pergunta seguinte: “você tem a fala (modo de falar) mais bonita que a dessa pessoa?” Aqui observamos uma coerência em relação à pergunta anterior. Se a fala dos informantes não é semelhante à fala ouvida, ela é superior. Isso está demonstrado nos dados obtidos. Os índices se apresentam na razão inversa daqueles da pergunta anterior, ou seja, quanto menos semelhante, mais “bonita” é a fala do informante. Na amostra de Salvador, 61,1% dos informantes do sexo masculino e 63,8% do feminino acharam sua fala mais bonita que a ouvida. Na primeira fala aracajuana, 69,4% dos informantes do sexo masculino e 55,5% do feminino julgaram a sua fala mais bonita que a de Maceió. Como o índice mais baixo de semelhança foi a da segunda fala aracajuana, é esta que vai permitir ao informante mostrar uma atitude mais positiva em relação à sua própria fala: 83,3% dos informantes do sexo masculino e 69,9% do feminino consideram a sua fala mais bonita que a segunda fala

aracajuana; 52,7% de ambos os sexos afirmaram ter fala mais bonita que a fala carioca ouvida.

A última pergunta, “você conseguiria imitar a fala (modo de falar) dessa pessoa?”, não apresenta índices positivos, porque a capacidade de imitar dos informantes é aparentemente reduzida. É interessante notar que, embora a amostra apresente uma fala feminina, os homens, mais que as mulheres, afirmaram ter capacidade de reproduzi-la. Em apenas duas das cinco falas, o índice masculino é inferior ao feminino, e, mesmo assim, a diferença é bem pequena: 47,2% do sexo masculino e 55,5% do feminino declararam-se aptos para repetir a fala baiana: 44,4% do sexo masculino e 38,8% do feminino consideraram-se capazes de imitar a primeira fala aracajuana: 38,8% do sexo masculino e 25,0% do sexo feminino afirmaram poder copiar a fala de Maceió: 47,2% do sexo masculino e 27,2% do feminino se dizem competentes para repetir a segunda fala aracajuana. Os informantes não conseguem imitar a fala carioca; apenas 30,5% do sexo masculino e 36,1% do feminino admitiram poder fazê-lo.

**TABELA Nº 4** – Atitudes Linguísticas com fitas-estímulo na variável “sexo”.

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS / VARIÁVEL “SEXO”									
		Falas de Salvador		1º Fala de Aracaju		2º Fala de Aracaju		Fala de Maceió		Fala do Rio	
		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
ESTÉTICAS	“Bonita”	75,0%	75,0%	69,4%	61,1%	55,5%	36,1%	80,5%	58,3%	80,5%	80,5%
	“agradável”	77,7%	80,5%	75,0%	77,7%	66,6%	44,4%	88,8%	83,3%	83,3%	83,3%
DIALETAIS	“cantada”	41,6%	52,7%	52,7%	61,1%	88,8%	88,8%	52,7%	41,6%	69,4%	38,6%
	“lenta”	30,5%	44,4%	52,7%	36,1%	75,0%	50,0%	77,7%	72,2%	61,1%	47,2%
ESTILÍSTICAS	“expressiva”	72,2%	61,1%	75,0%	72,2%	55,5%	50,0%	80,5%	52,7%	72,2%	66,6%
	“simples”	72,2%	60,6%	72,2%	66,6%	72,2%	50,0%	91,5%	66,6%	75,0%	63,8%

#### 4.2.1.6 Considerações gerais sobre a variável “sexo” com fita-estímulo

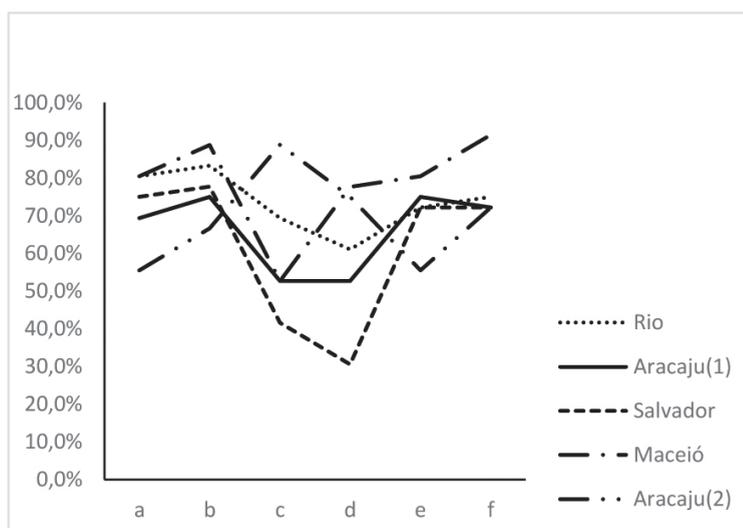
Agrupando as atitudes de aracajuanos em relação à sua própria fala, à fala baiana, à alagoana e à carioca, em presença do estímulo da fala por sexo, encontramos os gráficos nº 10 e 11.

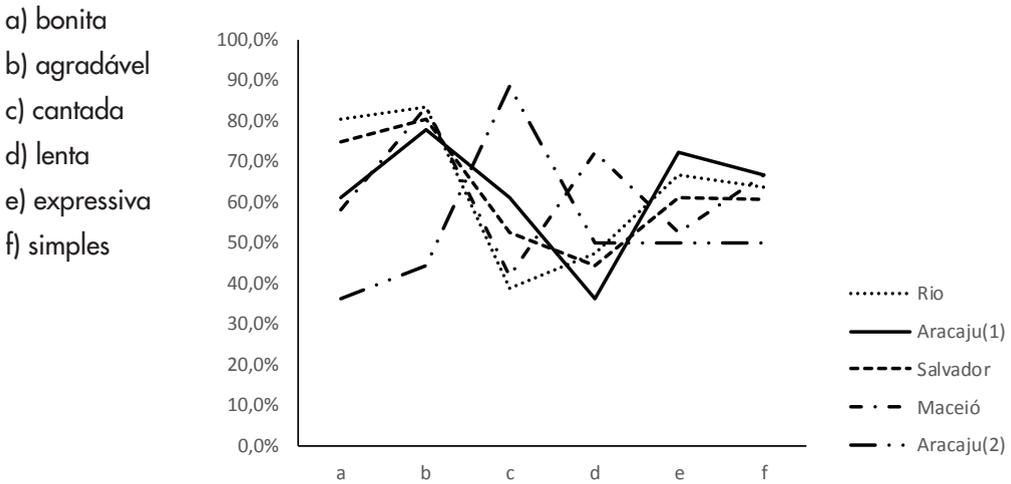
Assim, para o aracajuano de ambos os sexos, a fala alagoana é a mais “agradável” e mais “lenta”, e a segunda fala aracajuana é a mais “cantada”. Para o sexo masculino, é ainda a fala alagoana a mais “bonita”, a mais “expressiva” e a mais “simples”, enquanto para o sexo feminino, a fala mais “bonita” é a carioca, a mais “expressiva” é a primeira aracajuana e as mais “simples” são a baiana, primeira aracajuana e alagoana.

De uma maneira geral, podemos dizer que, na variável “sexo”, não houve reconhecimento das amostras; apenas a primeira fala aracajuana atinge um índice médio de identificação. O modo de falar dos informantes é sempre considerado superior ao das amostras e por isso mesmo não semelhante a elas. É também negada a possibilidade de imitar o modo de falar das amostras.

**GRÁFICO Nº 10** Atitudes masculinas face às fitas-estímulo I, II, IV e V.

- a) bonita
- b) agradável
- c) cantada
- d) lenta
- e) expressiva
- f) simples



**GRÁFICO Nº 11** Atitudes femininas face às fitas-estímulo, I, II, IV, III e V.

## 4.2.2 ATITUDES LINGUÍSTICAS COM ESTÍMULO NA VARIÁVEL “IDADE”

### 4.2.2.1 A variável “idade” em relação ao estímulo I (fala baiana)

A atitude do aracajuano com relação à fala baiana, em presença da fita-estímulo, na variável “idade”, tem índices superiores aos da atitude sem a fita estímulo, principalmente nas características estéticas e estilísticas. Isso confirma a atitude com a fita-estímulo observada na variável “sexo”.

Nas características puramente estéticas, encontramos uma atitude fortemente positiva, principalmente para as faixas etárias I e III. Apenas no item “bonita” a FE-II fica abaixo de 70%.

A atitude frente às características dialetais, na variável “idade”, é muito positiva. Essas são as características mais estigmatizadas. Quanto maior o índice percentual das respostas, mais positiva a atitude. Em relação à fala baiana, as percentagens ficam quase sempre acima do índice médio. Somente a FE-I ultrapassa 60% em ambos os itens (“cantado” = 62,5% e “simples” = 66,7%).

As características estilísticas, apesar de positivas, têm índices inferior às estéticas. Os índices mais baixos são da FE-I, (“expressiva” = 62,5% e “simples” = 66,6%). As FE-II e FE-III atingem os 70,0%.

A atitude do aracajuano em relação ao modo de falar do baiano é muito positiva, conforme comprovam os dados obtidos.

#### 4.2.2.2 *A variável “idade” em relação ao estímulo II (fala aracajuana 1)*

A primeira fala aracajuana apresenta atitudes positivas nas faixas etárias II e III. A fala etária I apresenta índices inferiores aos da fala baiana.

As características estéticas não são muito positivas para a FE-I, cuja porcentagem para o item “bonita” é de apenas 45,8%, e para item “agradável” 62,5%. Já a FE-III apresentou índices de 83,3% “agradável”. O item “bonita” apesar de ser inferior a este, é superior aos 70% tanto para a FE-II (70,8%) como para a FE-III (79,1%).

Nas características dialetais, apenas a FE-II (45,8%) tem uma atitude altamente positiva em relação ao item “cantada”. Ela tem índices inferiores a 46%, o que demonstra que, para a FE-II, a primeira fala aracajuana não é nem “cantada” nem “lenta”. O item “lenta” tem apenas uma porcentagem de 33,3%.

As características estilísticas são acentuadamente positivas. A FE-II e FE-III têm as atitudes mais positivas quando à primeira fala aracajuana que em relação à baiana.

A atitude do aracajuano em relação ao seu próprio falar em presença da fita-estímulo é inferior à da fala baiana, apesar de ser também uma atitude positiva.

#### 4.2.2.3 *A variável “idade” em relação ao estímulo IV (fala aracajuana 2)*

A segunda fala aracajuana é a que recebe atitudes mais negativas, conforme demonstram os dados obtidos. As características estéticas não atingem um índice de aceitação de 60% em nenhuma das faixas etárias. O item “bonita” recebe a menor porcentagem de todos os estímulos apresentados; (37,5% para a FE-I) alcança apenas os 54,1% para a FE-II. O índice referente ao item “agradável” é também o menor (45,8% para FE-III). A diferença entre eles e o imediatamente superior é de 10%. Não resta dúvida de que os informantes aceitam menos esta segunda fala aracajuana.

Nas características dialetais, o item “cantada” é o que apresenta percentagem mais alta para essa fala em todas as três faixas etárias. O menor índice (70,8%) é da FE-II. O item “lenta” é também grande apesar de ser inferior ao “cantada” (58,3% para a FE-I e FE-II e 70,8% para a FE-III. Isso demonstra uma estigmatização em relação à segunda fala aracajuana.

As características estilísticas apresentam um dado controvertido. É que a FE-I acha esta fala muito “expressiva” (54,1%) e mais “simples” (66,6%) que a primeira fala aracajuana, considerada mais positivamente que essa em todos os demais aspectos. Com isso, vemos que há muita subjetividade quanto tratamos de avaliar atitudes.

A atitude dos aracajuanos das três faixas etárias com relação ao seu próprio falar é menos positiva que aquela relativa à primeira fala aracajuana. Os informantes aceitam mais a primeira fala aracajuana que a segunda. Isto confirma a atitude de variável “sexo”.

#### 4.2.2.4 *A variável “idade” em relação ao estímulo III (fala alagoana)*

O aracajuano das três faixas etárias aceita muito mais a fala do alagoano quando a escuta. Assim sendo, a atitude positiva está presente em todos os itens relacionados a esta fala, com exceção do item “cantada”. Entretanto, quando perguntamos sobre a opinião a respeito da fala alagoana sem a presença dela, os informantes a rejeitaram.

Nas características estéticas, os aracajuanos da FE-II têm as mesmas atitudes (59,3% para o item “cantada” e 75% para o “agradável”) com relação à fala alagoana que com à baiana. Os da FE-III têm atitudes mais negativas (70% para o item “bonito” e 87,5% para “agradável”) que as emitidas em relação ao falar baiano. Apenas a FE-I é que apresenta índices mais altos (79,1% para o item “bonita” e 95,8% para “agradável”) do que manifestados quanto à fala baiana.

Nas características dialetais, apenas o item “lenta” é marcado positivamente; aliás, a fala alagoana é tida como a mais “lenta” dos estímulos escutados. Seu índice está sempre acima de 70%, no item “cantada”, entretanto, as percentagens alcançam apenas 50% nas FE-II e FE-III; FE-I (33,3%) tem percentagem ainda mais baixa.

As características estilísticas despertam atitudes positivas, mas é a FE-II (75,0% para o item expressiva” e 87,5% para “simples”) que mais aceita a fala

alagoana. Ao contrário, a FE-II apresenta índices baixos, eles não ultrapassam 67,0%.

A atitude que os aracajuanos das três faixas etárias têm com relação ao modo de falar do alagoano é sempre positiva.

#### 4.2.2.5 *A variável “idade” em relação ao estímulo V (fala carioca)*

A atitude do aracajuano com relação à fala carioca, em presença do estímulo da fita, continua sendo positiva, apesar de não apresentar índices tão elevados como aqueles sem o estímulo.

Os informantes reagem muito positivamente às características estéticas da fala carioca. Mesmo assim, apenas na FE-II (87,5% para o item “agradável” e 83,3% para “bonita”) encontramos índices superiores aos demonstrados nas demais falas. Nas outras faixas, os índices ou equiparam-se ou são inferiores aos representados nas demais amostras.

Nas características dialetais, a fala carioca é considerada mais “cantada” (70,8%) e mais “lenta” (41,6%) que a baiana, pela FE-I, e mais “lenta” que a primeira fala aracajuana e baiana pela FE-II (45,8%) e FE-III (75,0%). A FE-III apresenta uma percentagem muito alta em relação ao item “lenta”.

As características estilísticas são positivas, mas não são tão aceitas quanto sem a fita-estímulo. O índice de ambos os itens não ultrapassa a 70%.

As atitudes mais positivas com relação à fala carioca em presença da fita-estímulo são apresentadas no julgamento das características estéticas.

#### 4.2.2.6 *A variável “idade”, e a avaliação das próprias atitudes*

Ao serem indagados a que cidade pertencem as falas ouvidas, os informantes das três faixas etárias mostraram-se incapazes de reconhecê-las facilmente. Da mesma forma que para a variável “sexo”, apenas a primeira fala aracajuana é confirmada como sendo de Aracaju por 54,1% da FE-I e 58,3% das FE-II e FE-III. As outras falas apresentam um índice de reconhecimento muito baixo. A fala de Salvador foi identificada por 20,8% da FE-I, 33,3% da FE-II e 16,6% da FE-III. 25% da FE-I, 29,1% da FE-II e 20,8% da FE-III reconheceram a fala de Maceió, enquanto apenas 13,5% da FE-I, 29,1% da FE-II e 25,0% da FE-III declararam

ser de Aracaju a segunda fala aracajuana ouvida. A fala carioca apresenta índices mais altos que as de Maceió e Salvador, mas não chega a atingir um índice médio. Foi reconhecida por 37,5% da FE-I e 41,6% das FE-II e FE-III.

A pergunta “você tem a fala (modo de falar) semelhante ao dessas pessoas” recebeu repostas que indicam uma atitude negativa por parte dos informantes. Apenas 33,3% das FE-I e FE-III e 37,5% das da FE-II julgaram seu modo de falar semelhante ao baiano, 33,3% da FE-I, 62,5% da FE-II e 54,1% da FE-III admitiram que sua fala se assemelha à primeira fala aracajuana; 25% da FE-I, 45,8% da FE-II e 50,0% da FE-III imaginaram o seu falar semelhante ao alagoano. A segunda fala aracajuana apresenta índices baixos; 20,8% da FE-I e 25,0% das FE-II e FE-III afirmaram que seu falar se parece com essa fala; 41,6% da FE-I, 29,1% da FE-II e 25,0% da FE-III admitiram ter fala semelhante à carioca.

Como os informantes não acham sua fala semelhante à ouvida, consideram a sua mais bonita. Sendo assim, os índices da pergunta “você tem a fala (modo de falar) mais bonito que o dessa pessoa?” são sempre positivos: 62,5% da FE-I, 70,8% da FE-II e 54,1% da FE-III imaginaram sua fala mais “bonita” que a fala de Salvador; 62,5% da FE-I, 58,3% da FE-II e 66,6% da FE-III afirmaram que o seu modo de fala é mais “bonito” que a primeira fala de Aracaju; 58,3% da FE-I, 66,6% da FE-II e 54,1% da FE-III julgaram ter a sua fala mais “bonita” que a fala de Maceió; 66,6% da FE-I, 83,3% da FE-II e 79,1% da FE-III declararam que o seu falar é mais “bonito” que a fala do carioca apresentada. Os dados demonstraram que os aracajuanos das três faixas etárias pesquisadas consideraram sua fala mais “bonita” que a das amostras.

Os dados acima expostos confirmam o mesmo fato já observado na seção 4.2.1. Quanto menor a semelhança encontrada entre a fala ouvida e a do informante, mais positiva será a atitude deste em relação ao seu próprio falar. Apenas a FE-II apresentou um índice negativo (41,6%) a esta pergunta.

De uma maneira geral o aracajuano das três faixas etárias não julga ser capaz de imitar a fala ouvida. Apenas a FE-II apresenta um índice superior à média, ao se dizer capaz de imitar a fala de Salvador. Portanto, o resultado da pergunta “você conseguiria imitar a fala (modo de falar) dessas pessoas?” é quase sempre abaixo do índice médio: 45,8% da FE-I, 66,6% da FE-II e 41,6% da FE-III consideram-se capazes de imitar a fala de Salvador; 41,6% da FE-I, 45,8% da FE-II e 37,5% da FE-III afirmaram que conseguiriam imitar a primeira fala de Aracaju. Apenas 29,1% da FE-I e 33,3% das FE-II e III declararam-se aptos a reproduzir a fala de Maceió; 37,5% da FE-I, 41,6% da FE-II e 33,3% da FE-III julgaram-se

capazes de imitar a segunda fala de Aracaju; 41,6% da FE-I e 29,1% das FE-II e FE-III imaginaram-se com capacidade de arremedar a fala do Rio de Janeiro.

**TABELA Nº 5** – Atitudes linguísticas com fitas-estímulo na variável “Idade”

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS / VARIÁVEL “IDADE”														
		Fala de Salvador			1º fala de Aracaju			2º Fala de Aracaju			Fala de Maceió			Fala do Rio de Janeiro		
		FE I	FE II	FE III	FE I	FE II	FE III	FE I	FE II	FE III	FE I	FE II	FE III	FE I	FE II	FE III
ESTÉTICAS	“bonita”	79,1%	58,3%	87,5%	45,8%	70,8%	79,1%	37,5%	54,1%	45,8%	79,1%	58,3%	70,8%	79,1%	83,3%	79,1%
	“agradável”	70,8%	75,0%	91,6%	62,5%	83,3%	83,3%	54,1%	66,6%	45,8%	95,8%	75,0%	87,5%	81,6%	87,5%	70,8%
DIALETAIS	“cantada”	37,5%	62,5%	41,6%	75,0%	45,8%	50,0%	79,1%	70,8%	79,1%	33,3%	58,3%	60,0%	70,8%	54,1%	41,6%
	“lenta”	33,3%	33,3%	45,8%	45,8%	33,3%	54,1%	58,3%	58,3%	70,8%	75,0%	70,8%	79,1%	41,6%	45,8%	75,0%
ESTILÍSTICAS	“expressiva”	62,5%	62,5%	75,0%	50,0%	91,6%	79,1%	54,1%	62,5%	41,6%	70,8%	54,1%	75,0%	70,8%	70,8%	66,6%
	“simples”	66,6%	70,8%	70,8%	62,5%	75,0%	70,8%	66,6%	45,8%	70,8%	83,3%	66,6%	87,5%	66,6%	70,8%	70,8%

#### 4.2.2.7 Considerações gerais sobre a variável “idade”, com fita-estímulo

Agrupando as atitudes de aracajuanos das três faixas etárias com relação à sua própria fala, à fala baiana, à alagoana e à fala carioca, em presença da fita-estímulo, temos os gráficos nº 12, 13 e 14.

Como vemos, os aracajuanos das três faixas etárias concordam que a fala mais “cantada” é a segunda fala aracajuana e a mais “lenta” é a alagoana.

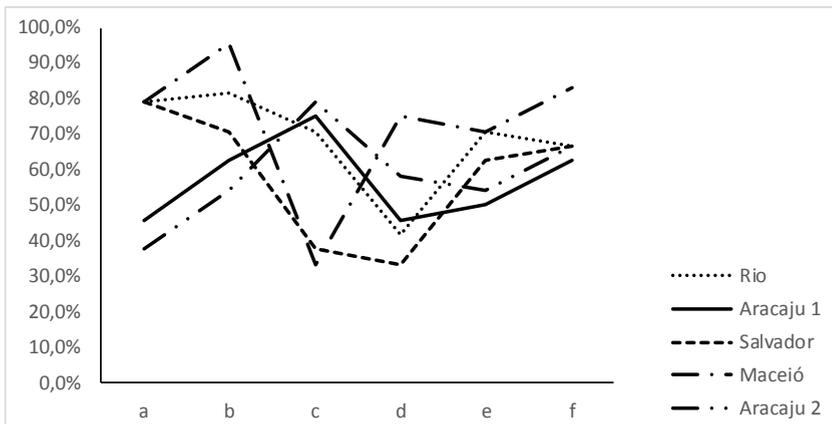
Para FE-II, a fala mais “bonita” e mais “agradável” é a carioca; para a FE-III é a baiana. A mais “expressiva” para FE-II e III é a primeira fala aracajuana, que é também a mais “simples” para FE-II. Para a FE-I e FE-III, a mais “simples” é a

fala alagoana, que é também a mais “agradável” para a FE-I; A FE-I acha as falas baiana, alagoana e carioca as mais “bonitas”, e as mais “expressivas” a alagoana e a carioca.

Também não houve na variável “idade” índice que justificasse o reconhecimento das amostras. O modo de falar dos informantes é sempre mais “bonito” que os apresentados. Não há semelhança entre a amostra e o modo de falar dos informantes. Todas as faixas etárias se julgam incapazes de imitar qualquer fala. Os dados demonstram que o resultado da variável “idade” corroboram os da variável “sexo”.

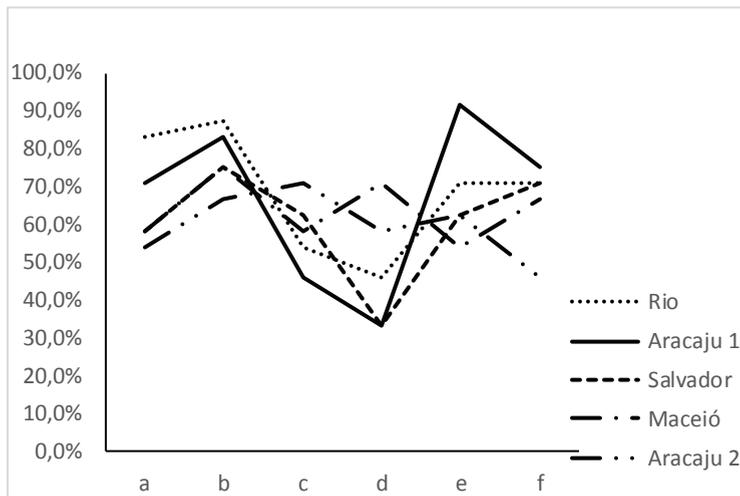
**GRÁFICO N° 12** Atitudes de informantes de faixa etária I, face às fitas-estímulo I, II, IV, III e V

- a) bonita
- b) agradável
- c) cantada
- d) lenta
- e) expressiva
- f) simples



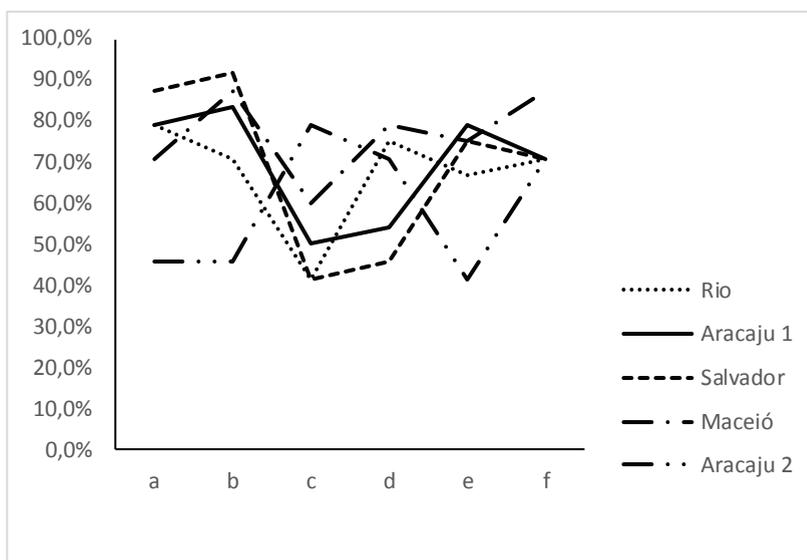
**GRÁFICO N° 13** Atitudes de informantes de faixa etária II, face às fitas-estímulo I, II, IV, III e V

- a) bonita
- b) agradável
- c) cantada
- d) lenta
- e) expressiva
- f) simples



**GRÁFICO N° 14** Atitudes de informantes de faixa etária III, face às fitas-estímulo I, II, IV, III e V

- a) bonita
- b) agradável
- c) cantada
- d) lenta
- e) expressiva
- f) simples



### 4.2.3 Atitudes linguísticas com estímulos na variável “escolaridade”

#### 4.2.3.1 A variável “escolaridade” em relação ao estímulo I (fala baiana)

A atitude do aracajuano em presença da fita-estímulo na variável “escolaridade” confirma as atitudes com relação às variáveis “sexo” e “idade”. É uma atitude muito mais positiva com relação ao falar baiano que a atitude sem a presença da fita-estímulo.

Nas características puramente estéticas, há uma atitude positiva bem assinalada para todas as escolaridades, tanto no item “bonita” (a menor é 66,6% da E-III) como “agradável” (a menor é 72,2% das E-I e E-II).

As características dialetais atingem apenas um índice médio na E-I (50,0%) e E-II (61,1%) para o item “cantada”. Isso demonstra grande aceitação da fala baiana por parte dos aracajuanos, uma vez que eles não lhes atribuem acentos dialetais normalmente considerados negativos.

As características estilísticas refletem uma atitude positiva, mas inferior à apresentada no julgamento das características estéticas. A E-IV é a que apresenta maior percentagem (83,3%) em relação ao item “simples”. As outras escolaridades têm índices em torno de 60%.

#### 4.2.3.2 *A variável “escolaridade” em relação ao estímulo II (fala aracajuana I)*

A primeira fala aracajuana apresenta atitudes positivas, embora inferiores às da fala baiana. As características estéticas ficam pouco acima do índice médio. Apenas a E-II ultrapassa os 70,0% nos dois itens e a E-I em um. A atitude das E-III e E-IV é positiva, porém com índices mais baixos (61,1% na E-III e 66,6% na E-IV).

Nas características dialetais, a primeira fala aracajuana apresenta índices em torno do índice médio. Esta fala é, por isso mesmo, menos aceita que a baiana em presença da fita-estímulo. No item “cantada”, a E-I apresenta 50,0%, as E-II e E-IV mostram 55,5% e a E-III 66,6%.

As características estilísticas são mais positivas que as estéticas. Aqui há uma avaliação superior à fala baiana. O item “expressiva” tem percentagens acima de 70%, exceto E-IV, cuja percentagem é de 66,6%. Esta é também a percentagem das E-I e E-IV em relação ao item “simples”.

A atitude do aracajuano com relação à sua própria fala, em presença da fita-estímulo, é uma atitude positiva e não muito estigmatizada, devido aos baixos índices em relação às características dialetais.

#### 4.2.3.3 *A variável “escolaridade” em relação ao estímulo IV (fala aracajuana 2)*

A segunda fala é a que apresenta atitudes mais negativas por parte dos informantes. As características puramente estéticas atingem apenas um índice de 61,1% na E-I e E-II para o item “agradável”. Somente a E-II apresenta uma percentagem de 55,5% no item “bonita”; as outras escolaridades não atingem nem um índice médio. Isso significa que os informantes não gostaram da segunda fala aracajuana.

Nas características dialetais, o item “cantada” é o que apresenta percentagens mais elevadas com relação a esta fala, é o único item cujos índices ultrapassam os 70%. A E-IV se apresenta como a mais observadora e seu índice para o item “cantada” chega aos 83,3%, enquanto a E-II considerou-a menos “lenta”; assim mesmo a percentagem é de 55,5%.

As características estilísticas, embora reflitam uma atitude positiva, apresentam índices mais baixos, pois, no grau de escolaridade IV, não chegam a atingir nem 40% no item “expressiva”. Os outros graus de escolaridade, no mesmo item, detêm índices em torno de 60%. Mais uma vez, vemos que a segunda fala araca-

juana não é aceita por grande parte dos informantes. Esta fala não é nem mesmo considerada “simples”, pois na E-I e E-II obtivemos índices de apenas 55,5%, e nas E-III e E-IV de 66,6%.

Os dados referentes à atitude do aracajuano com relação à segunda fala aracajuana, nos quatro graus de escolaridade, mostram que esta é uma fala muito menos aceita que a primeira.

#### 4.2.3.4 *A variável “escolaridade” em relação ao estímulo III (fala alagoana)*

A fala de Maceió é, sem dúvida nenhuma, a que apresenta a maior diferença entre a atitude que o aracajuano diz ter e a que ele realmente tem. A atitude do aracajuano com relação à fala alagoana em presença da fita-estímulo é marcadamente positiva, quer se trate da variável “sexo”, “idade” ou “escolaridade”.

Nas características estéticas, as atitudes mais positivas se encontram nos aracajuanos de grau de escolaridade IV. O índice mais baixo referente ao item “agradável” é de 77,7% para as E-I e E-II.

As características dialetais praticamente não são estigmatizadas, uma vez que os índices referentes ao item “cantada” são mais baixos, menores que os relativos à fala carioca. Apesar disso, os índices em referência ao item “lenta” são os mais altos. Isso significa que a fala alagoana é considerada a mais “lenta” de todas. Somente a E-IV considerou-a menos “lenta” que a fala carioca.

As características estilísticas apresentam atitudes positivas, entretanto o grau de escolaridade IV não atinge índice médio no item “expressiva”. É um caso interessante porque é esse mesmo grau de escolaridade que apresenta atitudes mais positivas nas características estéticas.

A atitude dos aracajuanos dos quatro graus de escolaridade com relação à fala alagoana é muito positiva, principalmente para a E-II e E-IV que chegam a atingir 100% no item “agradável”.

#### 4.2.3.5 *A variável “escolaridade” em relação ao estímulo V (fala carioca)*

A atitude do aracajuano com relação à fala carioca, em presença do estímulo da fala, continua sendo positiva, apesar de não apresentar índices tão elevados como aqueles sem o estímulo da fita.

As características são acentuadamente positivas, seu índice gira em torno de 60%. Apenas o grau de escolaridade II está abaixo desse índice, tanto para o item “bonita” (66,6%) quanto para “agradável” (72,2%).

Nas características dialetais, a fala carioca é tão ou mais “cantada” que a primeira fala aracajuana. Somente o grau de escolaridade IV (72,2%) julga a fala carioca a mais “lenta” das apresentadas.

As características estilísticas apresentam atitudes positivas, mas não são tão aceitas quanto sem a fita-estímulo.

A E-I (61,1%) e E-IV (77,7%) atingem o mesmo índice nos dois itens (“expressiva” e “simples”); a E-II (83,3%) apresenta a maior percentagem para o item “expressiva” e a E-III (55,5%) a menor. Em relação ao item “simples”, a E-II (66,6%) e a E-III (72,2%) detêm os índices médios da variável “escolaridade”.

Os dados dos quatro graus de escolaridade com relação à fala carioca demonstram que a atitude dos aracajuanos continua sendo positiva diante da fala carioca; entretanto, a aceitação é bem maior sem o estímulo. Esse julgamento diante do objeto em questão é mais exigente, como demonstram os dados.

#### 4.2.3.6 *A variável “escolaridade” e a avaliação das próprias atitudes*

Ao serem indagados a que cidade pertencem as falas ouvidas, os informantes dos quatro graus de escolaridade mostraram-se incapazes de reconhecê-las. Apenas a primeira fala aracajuana é admitida como sendo de Aracaju por 72,2% da E-II, 66,6% da E-III, 55,5% da E-IV e 33,3% da E-I. A fala carioca foi reconhecida como tal por 66,6% da E-III, 38,8% da E-II e 27,7% da E-I e E-IV. Estas foram as únicas falas que apresentaram índices positivos. As outras falas tiveram seus índices de reconhecimento muito baixo. Apenas 38,8% das E-II e E-III, 1,1% da E-I e 5,5% da E-IV constataram que se tratava de fala de Salvador. Somente 38,8% da E-II, 33,3% da E-I, 22,2% da E-III e 5,5% da E-IV identificaram a fala de Maceió. A fala menos caracterizada como tal foi a segunda de Aracaju, seu reconhecimento foi de apenas 27,7% da E-II, 22,2% das E-I e E-IV e 16,6% da E-III.

A pergunta “você tem a fala (modo de falar) semelhante ao dessa pessoa?” apresenta uma atitude predominantemente negativa por parte dos informantes: 22,2% da E-I, 44,4% da E-II, 27,7% da E-III e 55,5% da E-IV consideraram suas falas parecidas com a fala baiana; 44,4% da E-I, 66,6% da E-II, 38,8% da

E-III e 50% da E-IV afirmaram ter fala semelhante à primeira fala aracajuana; e 33,3% da E-I, 44,4% da E-II e E-IV e 33,8% da E-III julgaram seu modo de falar conforme o alagoano. A segunda fala aracajuana apresenta os índices mais baixos. Apenas 22,2% da E-I, 27,7% das E-II e E-IV e 16,6% da E-III falam dessa maneira. Declararam ter fala que se assemelha à carioca 38,8% da E-IV, 33,3% da E-II e E-III e 27,7% da E-I.

Como os informantes não admitiram ter sua fala parecida com a ouvida, julgaram-na mais bonita que a da fita-estímulo. Sendo assim, os índices da pergunta “Você tem a fala (modo de falar) mais bonito que o dessa pessoa?” são sempre positivos: 44,4% da E-I, 66,6% das E-II e E-IV e 72,2% da E-III afirmaram que sua fala é mais “bonita” que a fala de Salvador; 61,1% de E-I e E-III, 50% da E-II e 77,7% da E-IV imaginaram ter o falar mais “bonito” que a primeira fala aracajuana; 44,4% da E-I, 72,2% de E-II e E-III e 50% da E-IV declararam que sua fala é mais “bonita” que a alagoana. Como a segunda fala aracajuana é a que detém índices mais baixos com relação à pergunta anterior, consequentemente obteve índices mais altos com relação à esta pergunta: 72,2% das E-I e E-III, 77,7% da E-II e 83,3% da E-IV revelaram que sua fala é mais “bonita” que esta fala aracajuana; e 50% da E-I, 44,4% da E-II, 61,1% da E-III e 55,5% da E-IV apontaram sua fala como mais “bonita” que a fala carioca da fita-estímulo. Os dados demonstram que os aracajuanos dos quatro graus de escolaridade pesquisados consideram sua fala mais “bonita” que as apresentadas. Há, assim, uma coerência entre a semelhança da fala ouvida e uma atitude de superioridade com relação a ela. Apenas a E-I apresentou dois índices negativos e a E-II um índice negativo quanto a esta pergunta.

De uma maneira geral, o aracajuano dos quatro graus de escolaridade não se julga capaz de imitar a fala ouvida. São poucos os índices que alcançam a média. Portanto, o resultado da pergunta “Você conseguiria imitar a fala (modo de falar) dessa pessoa?” é quase sempre negativo: 38,8% das E-I e E-III, 50% da E-II e 66,6% da E-IV disseram conseguir imitar a fala de Salvador; 33,3% da E-I, 50% da E-II, 38,8% da E-III e 44,4% da E-IV reproduziriam a primeira fala aracajuana; 27,7% das E-I e E-II, 33,3% da E-III e 38,8% da E-IV declararam-se com competência de imitar a fala de Maceió; 38,8% da E-I, 61,1% da E-II, 22,2% da E-III e 27,7% da E-IV disseram ter possibilidade de imitar a segunda fala de Aracaju; e 27,7% das E-I e E-II, 44,4% da E-II e 33,3% da E-IV conseguiriam imitar a fala do Rio de Janeiro.

**TABELA Nº 6** – Atitudes linguísticas com fitas-estímulo na variável “Escarlaridade”.

<b>CARACTERÍSTICAS</b>		<b>RESPOSTAS AFIRMATIVAS / VARIÁVEL “ESCARLARIDADE”</b>																							
		Fala de Salvador				1º Fala de Aracaju				2º Fala de Aracaju				Fala de Maceió				Fala do Rio de Janeiro							
<b>ESTÉTICAS</b>		FE-I	FE-II	FE-III	FE-IV	FE-I	FE-II	FE-III	FE-IV	FE-I	FE-II	FE-III	FE-IV	FE-I	FE-II	FE-III	FE-IV	FE-I	FE-II	FE-III	FE-IV				
			“bonita”	83,3%	77,7%	66,6%	72,2%	55,5%	77,7%	61,1%	66,6%	44,5%	55,1%	38,8%	44,4%	44,5%	55,1%	38,8%	44,4%	88,8%	66,6%	55,5%	94,4%	88,8%	83,3%
	“agradável”	72,2%	72,2%	88,8%	83,3%	83,3%	83,3%	61,1%	77,7%	61,1%	50,6%	61,8%	50,0%	61,1%	88,8%	100,0%	100,0%	88,8%	72,2%	88,8%	100,0%	100,0%	88,8%	88,8%	88,8%
	“cantada”	50,0%	61,1%	44,4%	38,8%	50,0%	44,4%	66,6%	55,5%	77,1%	72,8%	72,1%	83,3%	77,1%	55,5%	50,0%	50,0%	55,5%	55,5%	44,4%	50,0%	50,0%	50,0%	55,5%	55,5%
	“lenta”	27,7%	44,4%	33,3%	44,4%	33,3%	50,0%	61,1%	50,0%	58,3%	61,3%	66,8%	55,6%	66,6%	66,6%	63,3%	66,6%	61,1%	38,8%	83,3%	63,3%	66,6%	61,1%	44,4%	72,2%
	“expressiva”	77,7%	55,5%	66,6%	66,6%	77,7%	77,7%	72,2%	66,6%	66,1%	66,5%	61,6%	38,8%	77,7%	77,7%	66,6%	44,4%	77,7%	83,3%	66,6%	77,7%	44,4%	61,1%	53,5%	77,7%
	“simples”	66,6%	66,6%	61,1%	83,3%	66,6%	72,2%	72,2%	66,6%	55,6%	55,8%	66,8%	66,6%	66,6%	66,6%	83,3%	83,3%	61,1%	66,6%	88,8%	83,3%	83,3%	61,1%	72,2%	77,7%

#### 4.2.3.7 Considerações gerais sobre a variável “escolaridade”, com fita-estímulo

Nos gráficos nº 15, 16, 17 e 18 temos as atitudes de aracajuanos nos quatro graus de escolaridade com relação ao seu próprio falar, à fala baiana, à alagoana e à carioca.

Também para os quatro graus de escolaridade, a fala mais “cantada” é a segunda fala aracajuana. A fala menos “cantada”, entretanto, difere de acordo com o grau de escolaridade do informante. Para a E-IV e a E-III é o falar baiano aquele menos “cantado”. Para a E-II é a fala alagoana a que “canta” menos. Enquanto para a E-I as falas menos “cantadas” são a baiana, a primeira aracajuana e a carioca. A fala mais “lenta”, para a E-I, E-II e E-III, é a alagoana, enquanto para a E-IV é a carioca.

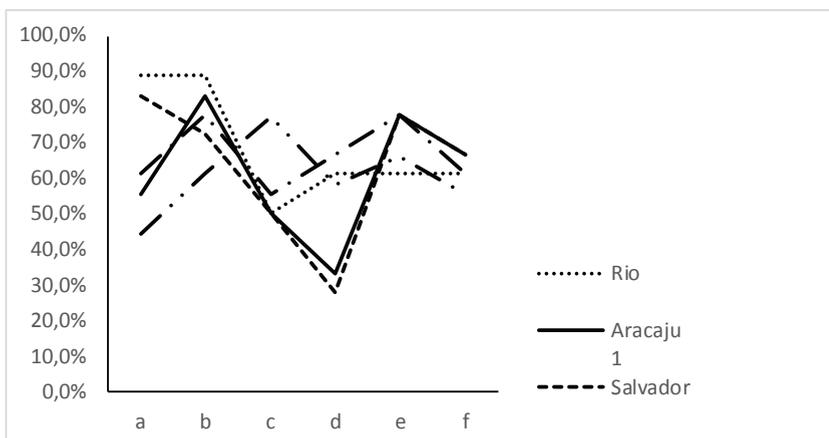
A fala mais “bonita” para E-I e E-III é a carioca, para a E-IV é a alagoana e para a E-II é a baiana e a primeira aracajuana. Mas é a fala alagoana a que detém o título de mais “agradável” para as E-II, E-III e E-IV, enquanto a E-I continua considerando o falar carioca o mais “agradável”.

A fala mais “expressiva” para E-II e E-IV é a carioca, para E-I é a alagoana, e para E-I são as falas baiana e a primeira aracajuana. Convém ressaltar que a segunda fala aracajuana não é considerada a menos “expressiva”, exceto para a E-IV. A fala menos “expressiva” para a E-I e a E-III é a carioca, enquanto para a E-II é a baiana.

A fala mais “simples” para E-II e E-III é a alagoana, para E-IV a alagoana e a baiana, e para E-I as falas baiana e primeira aracajuana. A E-II e a E-IV consideraram a segunda fala aracajuana a menos “simples”.

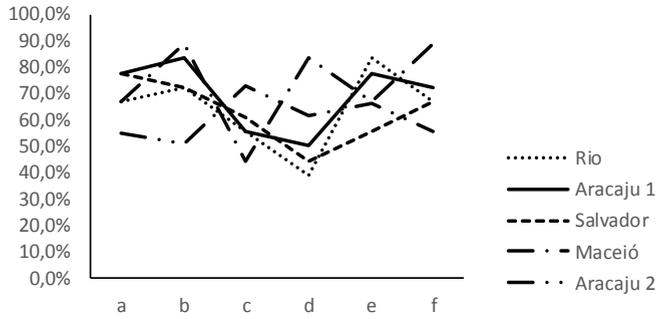
**GRÁFICO Nº 15** Atitudes de informantes de escolaridade I, face às fitas-estímulo I, II, IV, III e V

- a) bonita
- b) agradável
- c) cantada
- d) lenta
- e) expressiva
- f) simples

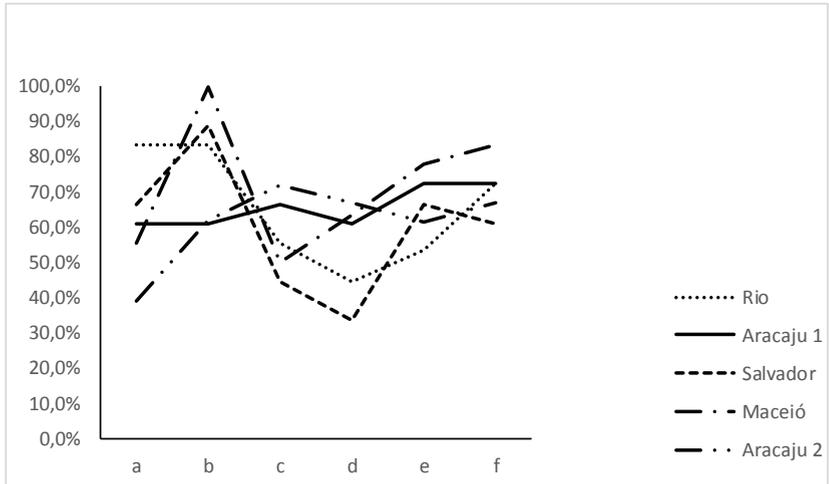


**GRÁFICO N ° 16** Atitudes de informantes de escolaridade II, face às fitas-estímulo I, II, IV, III e V

- a) bonita
- b) agradável
- c) cantada
- d) lenta
- e) expressiva
- f) simples

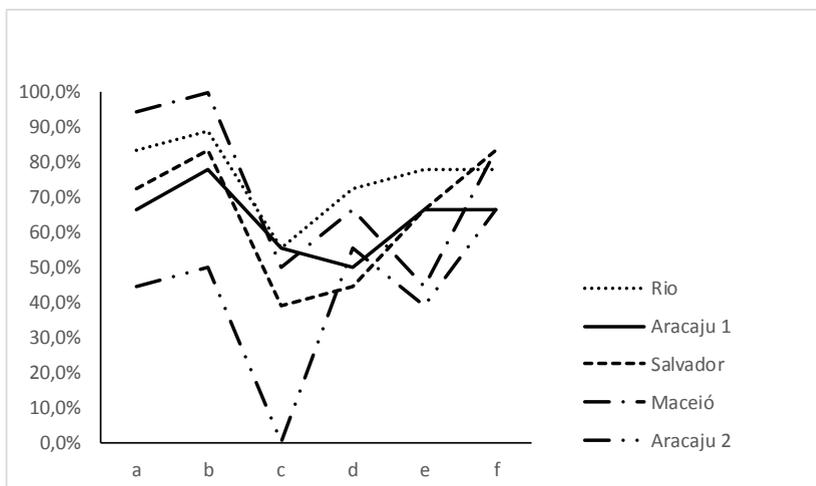
**GRÁFICO N ° 17** Atitudes de informantes de escolaridade III, face às fitas-estímulo I, II, IV, III e V

- a) bonita
- b) agradável
- c) cantada
- d) lenta
- e) expressiva
- f) simples



**GRÁFICO N° 18** Atitudes de informantes de escolaridade IV, face às fitas-estímulo I, II, IV, III e V

- a) bonita
- b) agradável
- c) cantada
- d) lenta
- e) expressiva
- f) simples



A fala mais “agradável” para a E-I é a carioca, para a E-II a primeira aracajuana, para a E-IV a alagoana e para a E-III a alagoana e a baiana.

A variável “escolaridade”, ao contrário das duas outras estudadas, apresenta um índice mais alto de reconhecimento da primeira fala aracajuana. Somente a E-I não atinge o índice médio. A E-III é a que apresenta os melhores índices de observação frente às amostras.

Não há semelhança entre a amostra e a fala dos informantes. Apenas a E-IV e a E-II julgaram sua fala parecidas com a baiana e a primeira aracajuana, respectivamente. Mas todos os graus de escolaridade admitem ter fala mais bonita que as das amostras. Apenas a E-I e E-II apresentam índices em torno de 40%.

Os informantes não se julgam capazes de imitar a fala das amostras. Mas a E-II admite imitar a fala de Salvador e a primeira de Aracaju enquanto a E-IV admite imitar apenas a de Salvador.

## 4.3 O FALAR ARACAJUANO

### 4.3.1 Avaliando a partir do questionário

Agora trataremos dos aspectos sociolinguísticos do falar aracajuano, fazendo uma análise de três temas: a) o falante e seus usos de fala, b) a importância de falar bem e c) as políticas linguísticas.

### 4.3.1.1 O falante e seus usos de fala

Trataremos das diversas situações em que o aracajuano é chamado a fazer uso de um nível de língua mais cuidada, ou a saber da existência de diferenças linguísticas. Incluiremos também, nesta seção, as indagações sobre o prestígio que o aracajuano dá ao seu próprio dialeto. São as seguintes as afirmações aqui agrupadas:

1. Capricho ao falar com o servente no trabalho
2. Capricho ao falar com os irmãos (os filhos) em casa
3. Capricho ao falar com o guarda na rua
4. Conversando com uma pessoa pelo telefone, sou capaz de dizer qual o seu grau de escolaridade
5. A fala (modo de falar) do aracajuano é carinhosa
6. A pessoa que só usa a língua culta é chata
7. A pessoa que só usa a língua culta é simpática

Examinaremos agora os resultados obtidos em cada uma das questões, fazendo a análise segundo os fatores extralinguísticos: sexo, idade e escolaridade.

**TABELA Nº 7** – O falante e seus usos de fala.

CARACTERÍSTICAS	RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL								
	sexo		idade			escolaridade			
	M	F	F-I	F-II	F-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
<b>22.</b> Capricho ao falar com o servente no trabalho	38,8%	41,6%	45,8%	37,5%	37,5%	66,6%	27,7%	33,3%	33,3%
<b>23.</b> Capricho ao falar com os irmãos (filhos) em casa	63,8%	72,2%	62,5%	75,0%	66,6%	88,8%	66,6%	44,4%	66,6%
<b>24.</b> Capricho ao falar com o guarda na rua	58,3%	61,1%	54,1%	62,5%	62,5%	88,8%	55,5%	50,0%	44,4%
<b>25.</b> Conversando com uma pessoa pelo telefone, sou capaz de dizer seu grau de escolaridade	41,6%	63,8%	50,0%	50,0%	58,3%	44,4%	66,6%	50,0%	55,5%
<b>26.</b> A fala (modo de falar) do aracajuano é carinhosa	47,2%	55,5%	54,1%	50,0%	50,0%	50,0%	50,0%	44,4%	61,1%
<b>27.</b> A pessoa que só usa língua culta é um chata	58,3%	61,1%	54,1%	62,5%	62,5%	50,0%	66,6%	55,5%	66,6%
<b>28.</b> A pessoa que só usa língua culta é simpática	38,8%	38,8%	33,3%	50,0%	33,3%	55,5%	33,3%	27,7%	33,3%

Os informantes do sexo masculino, mais que os do feminino, rejeitam utilizar um outro nível de língua no trabalho. Em relação à idade, há também uma fraca rejeição em falar melhor no trabalho, e a FE-I é a que rejeita menos essa mudança de nível na língua. Há uma distinção entre a E-I e as outras escolaridades. Somente o grau de escolaridade mais baixo admite uma mudança no uso da língua no trabalho. Os outros três grupos rejeitam essa afirmativa e a E-II é a que mais fortemente rejeita essa mudança. Os grupos que afirmam mais nitidamente não “caprichar ao falar com o servente no trabalho” são do sexo masculino, pertencem à FE-II e FE-III e possuem E-IV. Apenas a E-I está de acordo com a pergunta 22, como vemos na tabela nº 7.

Ambos os sexos admitem mudar o uso de língua ao “falar com irmãos (filhos) em casa”. Entretanto, o índice feminino (72,2%) é maior que o masculino (63,8%). A variável “idade” também afirma “caprichar ao falar com os irmãos (filhos) em casa”, a FE-II (75%) é a que mais aceita essa mudança de uso de língua. As atitudes são divididas entre quatro graus de escolaridade, mas apenas a E-III (44,4%) rejeitou “falar melhor em casa”. Dos outros três grupos de escolaridade, é a E-I a que apresenta o “sim” mais significativo (88,8%). Os grupos que afirmam “falar melhor em casa” são do sexo feminino, estão na FE-II e possuem E-I.

Somente o sexo feminino (61,1%) nos deu diferença mais nítida quanto a “falar melhor na rua”. A FE-I não apresenta uma relação entre as respostas positivas e negativas. Os informantes das FE-II e FE-III afirmaram “falar melhor na rua” (62,5%). Na variável “escolaridade” há uma escala decrescente. Falam “melhor na rua” os menos escolarizados. Eles apresentam uma afirmativa bem significativa (88,8%). Nos outros três níveis de escolaridade, o índice de aceitação é muito pequeno (E-II = 55,5%; E-III = 50%; E-IV = 44,4%). De qualquer forma, há uma relação entre as respostas negativas e o grau de escolaridade. Quanto maior o grau de escolaridade, menor o índice de aceitação de “falar melhor na rua”. Os grupos que afirmam “falar melhor na rua” são do sexo feminino, acham-se nas FE-II e FE-III e possuem E-I.

Somente os informantes do sexo feminino (63,8%) consideram-se “capazes de identificar o grau de escolaridade de uma pessoa apenas numa conversa telefônica”. Quanto à variável “idade”, apenas a FE-III (58,3%) ultrapassa um pouco o índice médio. Já na variável escolaridade, a E-II (66,6%) admite “identificar o grau de escolaridade de uma pessoa numa conversa telefônica”. É um fato interessante que os mais escolarizados (E-III = 50%; E-IV = 55,5%) apresentam um índice dentro do médio e os menos escolarizados (E-I) os que mais rejeitam fazê-lo (44,4%). Os grupos que “se julgam capazes de reconhecer o grau de escolaridade

de uma pessoa por uma conversa telefônica” são do sexo feminino, com FE-III e E-II.

A pergunta 26, “A fala (modo de falar) do aracajuano é carinhosa?”, não nos deu resultados satisfatórios. Os índices foram sempre em torno dos 50% em todas as variáveis estudadas, conforme vemos na tabela nº 7. Com esta afirmação queríamos reforçar o prestígio dado pelos informantes ao seu próprio dialeto. O que podemos deduzir daí é que não há nem preconceito nem prestígio em relação ao falar aracajuano.

Os informantes de ambos os sexos consideram “chata” a pessoa que só usa a língua culta. Há uma pequena primazia das mulheres (61,1%). Na variável “faixa etária”, as FE-II e FE-III (62,5%) apresentaram índices mais significativos quanto a esta pergunta. Apesar dos informantes dos quatro graus de escolaridade afirmarem que “é chato quem só usa a língua culta”, apenas aqueles da E-II e E-IV (66,6%) apresentaram índices superiores a 60%. Consideraram que “a pessoa que só usa a língua culta é um chato” os informantes do sexo feminino, com FE-I e possuidores de E-II e E-IV.

Tanto os informantes do sexo masculino como os do feminino concordam em negar que “a pessoa que só usa língua culta é simpática” (38,8%). O mesmo acontece com a FE-I e FE-III (33,3%), mas a FE-II apresentou um índice médio a essa afirmação. Em relação à variável “escolaridade”, apenas a E-I (55,5%) aceita esta pergunta. Assim sendo, somente a FE-II e a E-I consideraram que “a pessoa que só usa a língua culta é simpática”. Se nós considerarmos as respostas afirmativas ao falar melhor no trabalho, em casa e na rua, constatamos que o “sim” predomina, exceto no trabalho.

À primeira vista, isto nos dá a impressão de que os falantes aracajuanos parecem empregar o nível de língua que convém nas diversas situações. Entretanto, essa afirmativa não pode ser verdadeira, porque a percentagem das respostas positivas não é muito alta. Apenas ao considerar “falar melhor em casa” há um grande índice em assentamento com relação a todas as variáveis estudadas: sexo, idade, escolaridade. Mesmo assim, é interessante assinalar que os informantes com grau de escolaridade III negam falar melhor em casa. Isso nos mostra que não há um reconhecimento nítido de diferenças de nível linguístico. Os aracajuanos não se consideram aptos a reconhecer o nível de escolaridade de uma pessoa falando com ela apenas pelo telefone. Somente o sexo feminino e o grau de escolaridade II julgaram-se em condições de fazê-lo. Neles, o índice de afirmação ultrapassa 60%. Na realidade, é difícil, muitas vezes, estabelecer fronteiras entre os resultados obtidos por níveis de escolaridade. Os resultados dos níveis II e III se imbricam,

dificultando um melhor reconhecimento. A diferença entre o nível I e o IV é muito mais nítida, mesmo porque razões históricas o corroboram, fazendo com que a língua seja um fator determinante. Vejamos o que diz Cunha (1970, p. 20).

*Diversas as nossas condições culturais, distintas também as soluções de certos problemas linguísticos no Brasil. Como só no século XIX tivemos o primeiro estabelecimento de ensino superior e a primeira imprensa, apenas uma insignificante minoria de brasileiros pode, no período colonial, receber instrução universitária e raros foram aqueles que auferiram o privilégio de ver o produto do seu talento em letras de forma.*

Daí a diglossia a acentuar-se progressivamente: de um lado, a língua popular, entregue à sua sorte na boca de tantas e tão variadas comunidades de analfabetos que se espalhavam pela imensidão do Brasil; de outro, a língua dos doutores e dos padres, dos bacharéis bem-falantes, mosaico de fragmentos do passado literário que essa elite de “bons latinos” aprendia em Coimbra ou nas tradições portuguesas conservadas nos colégios jesuítas – *signum* de superioridade cultural e, também, mais do que nunca, de distância social.

Há uma coerência entre os resultados das perguntas 27 e 28. Todas as variáveis estudadas – sexo, idade e escolaridade – são unânimes em demonstrar que “a pessoa que só usa a língua culta é um chato”. Não é de estranhar que a E-I só tenha atingido o índice médio.

Ao contrário, para a pergunta 28 há uma negação geral dos informantes de que “a pessoa que só usa a língua culta seja simpática”. Da mesma forma, a E-I não chega nem a atingir o índice médio em sua negação.

#### 4.3.1.2 *A importância de falar bem*

Nesta seção, pesquisamos qual a importância que o aracajuano dá ao fato de “falar bem” à sua própria língua. Entre as preocupações linguísticas, o cuidado com a língua é, para os informantes, uma das exigências a fim de obter-se um certo tipo de emprego ou encontrar-se um bom trabalho. Os resultados demonstram a importância que é dada à língua do ponto de vista prático. As afirmações incluídas neste item são:

1. Falar bem é utilizar a língua
2. Falar bem é falar como o povo
3. A pessoa que não usa a língua culta fala mal
4. É importante falar bem para obter um bom emprego
5. Qual a sua opinião em relação às frases seguintes:
  - a. A gente vamos ao cinema
  - b. Você vai ao cinema com teu namorado
  - c. As meninas têm três livro muito bom
  - d. Passe aquele galfo para mim
  - e. Lhe enviei flores no Natal
  - f. Tem festa hoje?
  - g. Você qué fazê um favô para mim
  - h. Traga-me aquela coisa ali em cima da mesa
  - i. Oi! Cara! A praia hoje está cheia de gatinhas

Apenas um pouco mais da metade dos informantes de ambos os sexos concordam com a afirmação de que “falar bem é utilizar a língua culta”. Já na variável “idade”, a FE-I (70,8%) apresenta um índice de aceitação bem alto desta pergunta; enquanto na variável “escolaridade” só E-III nega esta afirmativa. Os informantes que mais admitiram esta pergunta foram, então, os mais jovens (70,8%) com a E-I (61,1%) e E-II (66,6%). Constatamos que a variável “sexo” apresenta índices pouco acima do médio, entretanto, os informantes de sexo feminino (55,5%) manifestaram-se mais favoráveis à língua culta que os do masculino (52,7%).

Era de se esperar que, numa questão como esta, o nível de escolaridade determinasse mais a atitude que a idade, uma vez que tratamos de “língua culta”, mas não é isso o que acontece. Mesmo assim, podemos verificar pelos resultados obtidos que a língua culta tem mais importância para aqueles que menos a utilizavam: os informantes com 1º grau incompleto (E-I = 61,1%) e 2º grau completo (E-II = 66,6%).

A variável “sexo” (36,1% para ambos os sexos) não endossou a afirmação de que “falar bem é falar como o povo”. A FE-II (50%), entretanto, respalda esta afirmação. Na variável “escolaridade” há uma correlação quase que perfeita:

quanto mais os informantes são instruídos mais eles concordam em declarar que “falar bem significa falar como o povo” (77,7% para a E-IV, 66,6% para a E-III, 44,4% para a E-II e 38,8% para a E-I).

No conjunto não há relação entre as opiniões dadas. Apenas os informantes da FE-II tiveram uma relação inesperada: o índice de afirmação e de negação foi o mesmo. Não existe diferença de opinião entre informantes do sexo masculino e feminino. Notamos neste caso que nem a idade nem o sexo determinam a atitude. O que a determina é a escolaridade.

**TABELA Nº 8** – A importância de falar bem.

PERGUNTAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL								
		sexo		idade			escolaridade			
		M	F	F-I	F-II	F-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
13. Falar bem é utilizar a norma culta.		52,7%	55,5%	70,8%	33,3%	38,3%	61,1%	66,6%	38,8%	50,0%
15. Falar bem é falar como o povo.		36,1%	36,1%	16,6%	50,0%	41,6%	38,8%	44,4%	66,6%	77,7%
17. A pessoa que não usa a língua culta fala mal.		41,6%	27,7%	33,3%	37,5%	33,3%	50,0%	27,7%	38,8%	33,3%
21. É importante falar bem para obter um bom emprego		80,5%	94,4%	100,0%	75,0%	87,5%	77,7%	94,4%	88,8%	88,8%
29. Qual a sua opinião em relação as seguintes frases	“A gente vamos ao cinema”	16,6%	13,8%	12,5%	20,8%	12,5%	33,3%	16,6%	5,5%	0,0%
	“Você vai ao cinema com teu namorado”	47,2%	30,5%	45,8%	33,3%	37,5%	66,6%	22,2%	33,3%	33,3%
	“As meninas têm três livro muito bonito”	22,5%	25,0%	12,5%	33,3%	25,0%	44,4%	22,2%	11,1%	16,6%
	“Passe aquele galfo para mim”	16,6%	11,1%	8,3%	8,3%	25,0%	16,6%	27,7%	0,0%	11,1%
	“Lhe enviei flores no Natal”	52,7%	36,1%	41,6%	37,6%	54,1%	61,1%	44,4%	44,4%	27,7%
	“Tem festa hoje”	69,4%	66,4%	62,5%	75,0%	66,6%	61,1%	66,6%	55,5%	61,1%
	“você qué fazê um favô para mim”	16,6%	25,0%	16,6%	16,6%	29,1%	55,5%	27,7%	5,5%	16,6%
	“Traga-me aquela coisa ali em cima da mesa”	44,4%	38,8%	41,6%	50,0%	33,3%	50,0%	33,3%	38,8%	38,8%
	“Oi! Cara! A praia hoje está cheia de galinhas”	50,0%	38,8%	50,0%	50,0%	33,3%	55,5%	50,0%	33,3%	38,8%

Todas as variáveis estudadas negaram a afirmação de que “a pessoa que não usa a língua culta fala mal”. Apenas a E-I atingiu um índice neutro de 50%. Poderemos agora fazer outras observações para colocar em relevo as relações que existem entre os vários grupos de informantes: os mais indulgentes (liberais) pertencem ao sexo feminino e possuem grau de escolaridade 1º grau completo ou 2º grau incompleto. Ao contrário do que era de se esperar, não são os mais jovens os mais liberais e sim os que apresentam uma faixa etária entre 31 e 50 anos. Para o grupo E-IV, a relação é um pouco irregular: de todos os grupos não é ele o que apresenta a negativa mais forte. Entretanto, os menos escolarizados são os mais puristas. Assim sendo, os fatores mais determinantes para esta pergunta são “sexo” e “escolaridade”.

Ao contrário da pergunta 17, em que a negação predominou, a afirmação de que “é importante falar bem para obter um bom emprego” recebeu o assentimento de todas as variáveis estudadas. Entre as preocupações linguísticas, o cuidado com a língua é importante. Isto mostra um alto nível de conscientização do valor prático que o aracajuano dá à sua língua. As mulheres (94,4%), mais que os homens (80,5%), reagem favoravelmente à necessidade de falar bem sua língua. E os mais jovens são unânimes em reconhecer esse valor linguístico. Quando uma questão suscita um grande consenso, como neste caso, existe pouca distinção entre a opinião dos diferentes grupos de informantes.

As questões que tratam do desvio da norma na língua falada no Brasil são em número de nove. Elas se encontram introduzidas pelo cabeçalho: “Qual a sua opinião em relação às seguintes frases”. Todas as variáveis estudadas consideraram ruim a falta de concordância verbal, mas não há dúvida de que é a variável escolaridade a que determina a atitude dessa pergunta. Aqui temos uma ordem crescente de rejeição. Esse resultado deve ser lido como quanto mais escolarizado um informante, menos aceita um erro de concordância verbal do tipo “a gente vamos”. Os informantes de nível superior são unânimes em repeli-lo.

Ambos os sexos desaprovam a mistura de pronomes, mas numa percentagem bem menor que a rejeição à falta de concordância verbal; o mesmo acontece com a variável “idade”, em que os mais jovens apresentam uma desaprovação mais fraca. Os menos escolarizados, entretanto, aceitam a mistura de pronomes na frase, enquanto a E-II é que menos a admite.

A falta de concordância nominal é recusada por ambos os sexos. Entretanto, esse desvio ainda é mais aceito que a falta de concordância verbal. Aqui, os in-

formantes de sexo masculino apresentam uma percentagem de reprovação maior que as mulheres. Todas as faixas etárias repudiam essa falta de concordância, mas são os mais jovens os que representam maior segurança linguística e, por isso mesmo, mais rejeitam. Os informantes da FE-II são os que mais estão de acordo com a falta de concordância nominal. A escolaridade é o fator determinante para esta atitude. Quanto mais escolarizados os informantes menos admitem a falta de concordância nominal. Há uma diferença entre os informantes de escolaridade III e IV, mas é apenas 5,5%, o que a torna irrelevante.

Ambos os sexos reprovaram a troca de “r” por “l”, sendo que as mulheres discordaram mais. A percentagem de desaprovação das faixas etárias I e II é de quase 100%. Os informantes mais velhos (25%) são os que mais aprovaram essa troca. Não há relação entre os informantes dos vários níveis de escolaridade. Há uma discordância de 100% nos informantes com E-III. Os que mais aceitaram a troca do “r” pelo “l” são os informantes com E-II (27,7%).

Iniciar uma frase com o pronome oblíquo foi aceito pelos informantes do sexo masculino (52,7%). As mulheres (36,1%) são mais puristas e rejeitaram essa colocação. Mais uma vez os informantes da FE-II (37,6%) são os que mais se recusaram começar a frase com pronome oblíquo. A escolaridade é o fator determinante dessa atitude. Quanto mais escolarizados os informantes, menos tolerantes em começar a frase com pronomes oblíquos. Os informantes com E-I (61,1%), entretanto, admitiram esse emprego.

Ambos os sexos consentiram com o emprego de “ter” por “haver”. Os informantes de sexo masculino (69,4%) apresentaram uma percentagem maior de aceitação que aqueles de sexo feminino (66,4%). Quanto à variável “idade”, é a FE-II (75%) que tem o maior índice de anuência a esse emprego. Ao contrário do que era de se esperar, os que mais admitem o uso de “ter” por “haver” não são os menos escolarizados, mas os de E-II (66,6%), enquanto os de E-III (55,5%) são os mais discordantes.

Os informantes de ambos os sexos repudiaram a queda do “r” final, sendo que os homens manifestaram uma percentagem maior de rejeição que as mulheres. Em relação à variável “idade”, são os informantes de FE-III (29,1%) que discordam menos, os de E-I chegam mesmo a aceitar a queda de “r” enquanto a E-III mais a recusa.

Tanto o sexo masculino quanto o feminino desprezam a pobreza vocabular, já a FE-II (50%) tem um índice de anuência médio. Os informantes com E-I concordam com essa faixa etária, aceitando também a pobreza vocabular. Entretanto, são os informantes com E-II (33,3%) os que menos toleram esse emprego de

“coisas” em lugar do vocábulo mais específico. Os informantes de sexo masculino admitem o uso de gírias enquanto aqueles do sexo feminino o repudiam. A FE-III (33,3%) concorda com a opinião das mulheres. Já os informantes com E-I (55,5%) e E-II (50%) discordam delas, admitindo o uso de gírias. Aqueles que mais repudiam são os de E-III (33,3%), mas a diferença entre estes e os de E-IV (38,8%) é muito pequena.

De uma maneira geral, vemos na tabela nº 8 que os informantes apresentam uma opinião consistente, mesmo os mais jovens e os menos escolarizados. Isso se apresenta, principalmente, nas questões que tratam do “falar bem”. Há um ponto incoerente no resultado da questão 13: “falar bem é utilizar a língua culta”. Nela, os informantes mais jovens são os que mais concordam com esta afirmação. Apesar de estarem de acordo com a afirmativa de que “falar bem é utilizar a língua culta”, os mais jovens negam a asserção de que “quem não usa língua culta fala mal”. Esta atitude não apresenta a consistência esperada, mas isso não acontece com as variáveis “sexo” e “escolaridade”. Na variável “escolaridade”, encontramos muitas vezes uma afirmação ou negação mais forte na E-III. Como a maioria dos informantes eram universitários, eles negaram ou afirmaram mais fortemente uma atitude, por ainda se encontrarem em fase de formação. Mesmo assim, a diferença entre os dois níveis de escolaridade mais altos (E-III e E-IV) era tão pequena que se tornava irrelevante.

Com relação à variável “sexo”, a atitude do sexo feminino é sempre mais clara que a do masculino. Isso pode significar que as mulheres colocam sempre um pouco mais de ênfase em suas posições, quer favoráveis quer desfavoráveis.

Nos resultados obtidos das respostas à aceitação ou não de “frases erradas”, constatamos que é a variável “escolaridade” que mais determina a atitude dos informantes. De uma maneira geral, para os aracajuanos, os “erros” gramaticais menos aceitos são: concordância verbal e nominal, troca de “r” por “l” e a queda do “r” final das palavras. E o menos repudiado é o uso de “ter” por “haver”.

Esse fato foi considerado como sintoma de tendência linguística por Mattoso Câmara Jr. (1975, p. 46): “o verbo haver nesta função está sobrepujado por ter, e o aluno passa do primeiro ao segundo com a maior naturalidade na mesma frase...”

As mulheres são linguisticamente mais puristas que os homens, enquanto os mais jovens têm uma atitude linguística mais liberal; e os da FE-II são mais puris-

tas que os mais velhos. A variável “escolaridade” é a que mais determinada a atitude dos aracajuanos em relação aos “erros” gramaticais, como era de se esperar.

### 4.3.1.3 *As políticas linguísticas*

Neste item de nossa pesquisa, queríamos saber a opinião dos aracajuanos acerca dos problemas da língua falada. Desejávamos, mais especificamente, estabelecer quem os aracajuanos julgam responsável pelo melhoramento da língua falada. Incluem-se neste item as seguintes afirmações:

1. Quem deve melhorar a língua falada é a família.
2. Quem deve melhorar a língua falada é a escola.
3. Quem deve melhorar a língua falada é o indivíduo.

São questões de ordem conativa suscetíveis de revelar uma tomada de posição nos informantes. O comportamento dos aracajuanos se deduzirá de sua adesão aos enunciados, propondo uma política da língua.

Os informantes de ambos os sexos concordam que “a família deve melhorar a língua falada”, com os homens (83,3%) apresentando um índice superior ao das mulheres (61,1%). A variável “idade” corrobora o julgamento da variável “sexo”, e são os informantes mais novos que detêm os índices mais altos. Na variável “escolaridade”, apenas a E-I não ultrapassa o índice médio, os outros graus de escolaridade atingem os 70%, afirmando que “a família deve melhorar a língua falada”.

Os índices também são altos em relação à afirmativa de que é “a escola quem deve melhorar a língua falada”. Nenhuma das variáveis estudadas apresenta índices inferiores a 70%. Na variável “sexo”, as percentagens dos informantes femininos são superiores às dos masculinos.

**TABELA Nº 9** – As políticas linguísticas.

PERGUNTAS	RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL								
	sexo		idade			escolaridade			
	M	F	FE-I	FE-II	FE-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
18. Quem deve melhorar a língua falada é a família	83,3%	61,1%	79,1%	66,6	70,8%	50,0%	88,8%	88,8%	77,7%
19. Quem deve melhorar a língua falada é a escola	77,7%	86,1%	95,8%	79,1	70,8%	77,7%	77,7%	77,7%	94,4%
20. Quem deve melhorar a língua falada é o indivíduo	86,1%	64,4%	100,0%	83,3	87,3%	88,8%	100,0%	77,7%	88,8%

Na variável “idade”, os mais jovens são os que apresentam o maior índice (95,8%). As E-I, E-II e E-III apresentam as mesmas percentagens (77,7%); só a E-IV atinge os 94,4%, indicando ser “a escola quem deve melhorar a língua falada”.

Mas os maiores índices são alcançados pela afirmativa “quem deve melhorar a língua falada é o indivíduo”. As mulheres (94,4%) têm uma percentagem maior que a dos homens (86,1%). Os mais jovens são unânimes em considerar o indivíduo responsável pela melhoria da língua falada, opinião esta corroborada pela E-II. Só a E-III detém o índice mínimo de 77,7%, achando o indivíduo responsável pela melhoria da língua falada.

Pelos resultados obtidos, não resta dúvida de que os aracajuanos, qualquer que seja a variável estudada, afirmam que é preciso melhorar a língua falada.

Com relação à variável “sexo”, em ordem decrescente, a responsabilidade de melhorar a língua é do indivíduo, tanto para o sexo masculino como para o feminino. Para os informantes do sexo masculino, vem a família em segundo lugar e a escola em terceiro; enquanto para o sexo feminino o resultado é inverso: em segundo vem a escola e em terceiro a família.

Na variável “idade”, há um acordo: é o indivíduo quem deve melhorar a língua falada. Para a FE-I e FE-II a escola está em segundo lugar e a família em terceiro, na escala decrescente de responsabilidade da melhoria da língua falada. Os informantes mais velhos colocam a família e a escola no mesmo grau de responsabilidade.

No que diz respeito à variável “escolaridade”, a E-I atribuiu ao indivíduo, seguido da escola e, por último, da família a responsabilidade de melhorar a língua falada. Quanto à E-II, a ordem é diferente: em primeiro lugar vem o indivíduo; seguido da família e da escola. Os informantes da E-III acham que devem responder pela melhoria da língua falada são, em igualdade, o indivíduo, a escola e a família. Somente os informantes com nível superior colocam a escola em primeiro lugar como responsável pela melhoria da língua falada; em segundo lugar, o indivíduo e por último a família.

### 4.3.2 Avaliando a partir dos estímulos de fala gravados

Na segunda parte do questionário, aquela que se refere aos estímulos gravados, os quatro últimos estímulos eram de aracajuanos com graus de escolaridade diferentes, as falas continuam a pertencer a falantes do sexo feminino, para não quebrar a uniformização. As questões apresentam alguma modificação, pois não se pergunta mais qual a cidade de origem do falante, uma vez que todos os falantes eram aracajuanos. Como trabalhamos com quatro graus de escolaridade, as falas pertencem a quatro pessoas que apresentavam graus de escolaridade I, II, III e IV. O estímulo VI apresenta um falante com E-IV, ou seja, com grau de escolaridade superior. O estímulo VII é de um falante com E-III, isto é, um universitário. O falante do estímulo VIII cursava a 7ª série do 1º grau e do estímulo IX frequentava o primeiro ano do 2º grau.

Os resultados obtidos em 4.3.1 são referentes às atitudes que os informantes dizem ter, enquanto os apresentados agora tratam das atitudes que os informantes realmente têm. Isso não significa que possamos generalizar as atitudes, uma vez que todas elas são subjetivas e variáveis. Nenhum critério objetivo, linguístico ou não, condiciona a atitude, nem mesmo a escolaridade, como veremos.

#### 4.3.2.1 Aracajuanos em relação ao estímulo VI (=E-IV)

A atitude dos informantes em relação a uma amostra de fala, cuja escolaridade era superior, foi muito positiva, como se verá na tabela nº 10.

As características estéticas apresentam um índice superior à 60% nas três variáveis estudadas: sexo, idade e escolaridade. A variável “sexo” não nos dá

diferenciação, pois em um item a fala é mais aceita pelas mulheres e no outro pelos homens. A faixa etária, entretanto, nos dá uma separação perfeita: os mais jovens são mais rigorosos em julgamento, entretanto, são os de meia idade os que qualificam esta fala mais “bonita” e “agradável”. Em relação ao grau de escolaridade, são os da E-I os mais rigorosos e os da E-II os que mais aceitam a amostra.

As características dialetais são encaradas negativamente, indicando uma aceitação parcial dos informantes. Nenhuma variável ultrapassa os 50% em relação ao item “cantada”. Mas os informantes que mais aceitam essa fala são as mulheres, os de meia idade e os de nível de escolaridade II. A E-IV (44,4%) apresenta um índice maior que a E-II (38,8%). Os homens e as mulheres apresentam o mesmo índice em relação ao caráter “lento” desta fala (66,6%). Os mais idosos (79,1%) e a E-III (83,3%) são os que julgam essa fala mais “lenta”. Apenas os índices dos mais velhos e com E-III ultrapassam os 75% no item “lenta”.

**TABELA Nº 10** – Aracajuanos julgando características da fala, em relação ao estímulo VI (= E-IV)

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL								
		Sexo		Idade			Escolaridade			
		F	M	FE-I	FE-II	FE-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
ESTÉTICAS	“agradável”	80,5%	83,3%	70,8%	87,5%	87,5%	77,7%	94,4%	77,7%	83,3%
	“bonita”	77,7%	63,3%	66,6%	75,0%	70,8%	61,1%	83,3%	72,2%	72,2%
DIALETAIS	“cantada”	50,0%	33,3%	50,0%	41,6%	33,3%	50,0%	38,8%	33,3%	44,4%
	“lenta”	66,6%	66,6%	62,5%	58,3%	79,1%	95,5%	61,1%	83,3%	66,6%
ESTILÍSTICAS	“expressiva”	75,0%	63,3%	66,6%	58,3%	83,3%	61,1%	77,7%	72,2%	66,6%
	“simples”	77,7%	80,5%	66,6%	87,5%	83,3%	66,6%	83,3%	83,3%	83,3%

As características estilísticas são, como as estéticas, bastante acentuadas, demonstrando uma grande aceitação desta fala, por parte dos informantes. Apenas os

informantes de meia idade apresentam índice abaixo de 60% no item “expressiva”. Não há, portanto, rejeição a este estímulo. Esta amostra foi mais aceita pelos homens, os mais velhos e com escolaridade universitária ou 2º grau completo.

Após a pergunta que trata das características da voz, questionou-se o português falado na amostra. Os resultados podem ser analisados na tabela nº 11.

Os informantes declararam que a pessoa da amostra fala bem o português, embora essa convicção não tenha sido expressa em índices muitos altos. Foi a variável escolaridade que apresentou os índices extremos. A porcentagem mais baixa (44,4%) foi dada pelos informantes da E-IV e a mais alta (77,7%) pelos da E-III. As mulheres (52,7%), os mais jovens (54,1%) e os mais escolarizados 44,4% julgaram mais rigidamente a correção do português falado na amostra; entretanto, os que mais o aceitaram foram os homens (65,6%), com FE-II e FE-III (62,5%) e com E-III (75,7%). Não houve nenhum índice abaixo do médio, ao informarem que a pessoa da fita-estímulo “se expressa com clareza”. Mesmo os mais escolarizados apresentam um índice de mais de 60%. De qualquer forma, os homens (66,6%), a FE-I (75%) e a E-III (72,2%) são os mais condescendentes quanto à clareza da fala expressa na amostra, enquanto os mais rigorosos foram as mulheres (58,3%), com FE-II (50%) e com E-II (55,5%). Até esses, que menos aceitaram a fala da fita-estímulo, tiveram uma porcentagem mínima de 50%.

O estímulo VI, fala de escolaridade superior, não usa uma linguagem culta. Isso foi o que deduzimos nos resultados obtidos. Somente os mais jovens, e com E-II e E-III atingiram um índice de 50%; aqueles que menos aceitaram o uso da língua culta na amostra foram os homens (41,6%), os informantes da FE-II (37,5%) e da E-I e E-IV (38,8%). Ao fazerem isto, os informantes acharam que a pessoa da fita-estímulo fala como o povo, embora os índices não o confirmem tão categoricamente. Os informantes que tiveram uma resposta mais acentuadas foram os homens (66,6%), os da FE-I e FE-II (66,6%) e com E-IV (77,7%).

**TABELA Nº 11** – Aracajuanos julgando modo de falar, em relação ao estímulo VI(=E-IV)

MODO DE FALAR	RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL								
	Sexo		Idade			Escolaridade			
	M	F	FE-I	FE-II	FE-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
“fala bem o português”	66,6%	52,7	54,1%	62,5%	62,5%	50,0%	66,6%	77,7%	44,4%
“se expressa com clareza”	66,6%	58,3	75,0%	50,0%	62,5%	61,1%	55,5%	72,2%	61,1%
“usa língua culta”	41,6%	47,2	50,0%	37,5%	45,8%	38,8%	50,0%	50,0%	38,8%
“fala como o povo”	66,6%	63,8%	66,6%	66,6%	62,5%	72,2%	55,5%	55,5%	77,7%

### 4.3.2.2 Aracajuanos em relação ao estímulo VII (=E-III)

A atitude dos informantes em relação à amostra da fala com escolaridade universitária não foi muito positiva, conforme poderá ser comprovado na tabela nº12.

As características estéticas nem sempre atingem um índice médio, pois nesta amostra há uma separação bem nítida entre sexos: são as mulheres as que mais rejeitam esta fala, tanto no que diz respeito ao item “agradável” (50%) quanto ao “bonita” (33,3%). Na variável “idade”, foram os mais velhos que apresentaram uma atitude mais positiva, enquanto os que mais rejeitaram esta fala foram os de meia-idade. Na variável “escolaridade”, foram também os de escolaridade mais alta que mais gostaram desta fala, todavia os de E-III (16,6%) julgaram-na “feia”.

Apesar de não terem gostado muito da amostra, quanto à beleza e à agradabilidade, as características dialetais não foram muito estigmatizadas pelos informantes em geral.

No item “cantada”, os homens (66,6%), os mais jovens (75%) e os menos escolarizados (83,3%) são os que mais estigmatizaram a amostra, enquanto as mulheres (61,1%), os de FE-II (41,6%) e da E-II (50%) são os que a julgaram menos “cantada”. Na característica “lenta”, são as mulheres (50%), os de FE-III (62,5%) e os da E-IV (61,1%) os que mais rejeitaram esta fala, enquanto os homens (47,2%), os de FE-I e FE-II (41,6%) e da E-III (38,8%) consideraram-na menos “lenta”.

**TABELA Nº 12** – Aracajuanos julgando características de fala, em relação ao estímulo VII (=E-III)

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS / VARIÁVEL								
		Sexo		Idade			Escolaridade			
		F	M	FE-I	FE-II	FE-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
ESTÉTICAS	“agradável”	52,7%	50,0%	70,0%	41,6%	58,3%	55,5%	38,8%	44,4%	66,6%
	“bonita”	41,6%	33,3%	41,0%	25,0%	45,8%	33,3%	50,0%	16,6%	50,0%
DIALETAIS	“cantada”	66,6%	61,1%	75,0%	41,6%	54,1%	83,3%	50,0%	66,6%	55,5%
	“lenta”	47,2%	50,0%	41,6%	41,6%	62,5%	50,3%	44,4%	38,8%	61,1%
ESTILÍSTICAS	“expressiva”	41,6%	47,2%	41,6%	54,1%	37,2%	44,4%	44,4%	33,3%	55,5%
	“simples”	55,5%	58,8%	45,8%	54,1%	70,8%	50,0%	66,6%	38,8%	66,6%

Chamamos a atenção para dois índices que se destacam: um da variável “idade” e outro da “escolaridade”, ambos em relação à característica “cantada”. Julgaram esta fala “cantada” 75% dos mais jovens e 83,3% dos menos escolarizados; há uma diferença muito grande em relação às outras faixas etárias e às outras escolaridades.

As características estilísticas, como as estéticas, nem sempre atingem índice médio. Apesar de o índice dos informantes femininos ser superior ao masculino, a diferença é muito pequena. Na característica “expressiva”, nem as mulheres nem os homens alcançam 50% e, na “simples”, a percentagem fica em torno do índice médio. Na variável “idade”, apenas os informantes da FE-II chegam aos 50% quanto à característica “expressiva”. Os mais velhos são os que mais rejeitam essa amostra. Em relação à característica “simples”, somente os mais novos beiram os 50%. Os mais velhos (70%) consideraram a amostra a mais “simples”. Três graus de escolaridade também declararam que esta fala não é “expressiva”; somente os da E-IV (55,5%) conseguiram um índice médio. Em relação à simplicidade, entretanto, apenas uma escolaridade ficou abaixo do índice médio, foi a E-III (38,8).

Se a primeira amostra, que foi mais aceita, não demonstrou altos índices na avaliação do modo de falar, quanto mais esta que apresentou atitudes menos positivas; a tabela nº13 expõe a atitude dos aracajuanos em relação ao estímulo VII.

**TABELA Nº 13** – Aracajuanos julgando modo de falar, em relação ao estímulo VII(=E-III).

MODO DE FALAR	RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL								
	Sexo		Idade			Escolaridade			
	M	F	FE-I	FE-II	FE-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
<b>“FALA BEM O PORTUGUÊS”</b>	33,3%	47,2%	45,8%	29,1%	45,8%	38,8%	33,3%	38,8%	50,0%
<b>“SE EXPRESSA COM CLAREZA”</b>	36,1%	44,4%	41,6%	20,8%	58,3%	50,0%	38,8%	32,8%	33,3%
<b>“USA LÍNGUA CULTA”</b>	19,4%	27,7%	25,0%	25,0%	20,0%	38,8%	16,6%	22,2%	16,6%
<b>“FALA COMO O POVO”</b>	80,5%	75,8%	83,3%	83,3%	56,6%	77,7%	77,7%	83,3%	72,2%

Os informantes julgaram que a pessoa da amostra não “fala bem o português”, nem “se expressa com clareza”, sequer “usa a língua culta”. A afirma-

ção mais frequente é que ela “fala como o povo”. O índice para os informantes masculinos foi sempre inferior aos femininos, embora nenhum dos dois tenha atingido 50%. Entretanto, a percentagem para os homens, ao identificarem a fala como “do povo”, é de 80,5%, enquanto as mulheres chegaram aos 75%. Na variável “idade” apenas os mais velhos têm um índice de 58,5% ao afirmarem que a pessoa “se expressa com clareza”. Os índices mais baixos ficam com os informantes da FE-II. Somente os mais velhos têm uma afirmativa fraca (56,6%) ao imaginarem que a pessoa “fala como o povo”. As outras faixas etárias chegam a 83,3%, considerando que a amostra “fala como o povo”. Os índices relativos à variável “escolaridade” também são baixos. Os mais escolarizados, entretanto, julgam que a falante da amostra “tem um bom português” (50%). Todos afirmaram que a pessoa da amostra “fala como o povo”; o menor índice é de 72,2% e pertence à E-IV.

#### 4.3.2.3 *Aracajuanos em relação ao estímulo VIII (E-I)*

A atitude dos informantes em relação à amostra de fala de uma pessoa com escolaridade de 1º grau incompleto não foi tão negativa quanto esperávamos. Houve alguns itens até superiores à amostra anterior, cuja escolaridade era universitária. Mas as características dialetais foram muito estigmatizadas, como podemos comprovar na tabela nº14.

As características estéticas ficam sempre na média ou abaixo dela. Os homens aceitam mais esta fala que as mulheres, tanto no que diz respeito ao item “agradável” (66,6%) quanto “bonito” (55,5%). Na variável “idade” são os mais velhos que acharam a fala mais “agradável” (72,2%) e mais “bonita” (54,1%). No que diz respeito à variável “escolaridade”, são os menos escolarizados que julgam a amostra mais “agradável” (72,2%) e mais “bonita” (61,1%). Apesar de os índices não serem muito altos, os menores índices são aqueles referentes às mulheres (52,7%) e aos de FE-I e FE-II (54,1%) no item “bonita”, e aos da E-III (44,4%) no item “agradável”.

As características dialetais são muito estigmatizadas, principalmente pelos mais escolarizados. Os informantes do sexo masculino acharam esta amostra tão “cantada” quanto “lenta” (75%), os do feminino consideraram-na mais “cantada” (80,5%) que “lenta” (69,4%). Em relação à variável “idade”, são os mais jovens que a declararam mais “cantada” (91,6%) e mais “lenta” (87,5%).

**TABELA Nº 14** – Aracajuanos julgando características de fala, em relação ao estímulo VIII (=E-I).

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS / VARIÁVEL								
		Sexo		Idade			Escolaridade			
		F	M	FE-I	FE-II	FE-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
ESTÉTICAS	“agradável”	66,6%	52,7%	54,1%	54,1%	70,8%	72,2%	66,6%	44,4%	55,5%
	“bonita”	55,5%	44,4%	54,1%	41,6%	54,1%	61,1%	50,0%	50,0%	50,0%
DIALETAIS	“cantada”	75,0%	80,5%	91,6%	70,8%	70,8%	66,6%	72,2%	72,2%	50,0%
	“lenta”	75,5%	69,4%	87,5%	70,8%	58,3%	44,4%	83,3%	72,2%	88,8%
ESTILÍSTICAS	“expressiva”	52,7%	44,4%	50,0%	50,0%	45,8%	55,5%	55,5%	55,5%	27,7%
	“simples”	58,3%	75,0%	66,6%	62,5%	70,8%	55,5%	55,5%	66,6%	88,8%

Os mais velhos rejeitaram-na menos e julgaram-na, como as mulheres, mais “cantada” (70,8%) que “lenta” (58,3%). Os menos escolarizados são os que mais aceitam esta amostra. Eles não chegaram nem a atingir um índice médio em relação ao item “lenta”. A totalidade dos mais escolarizados declararam-na “cantada” e consideraram-na também “lenta” (88,8%) de acordo com os dados obtidos.

As características estilísticas quase detêm um índice médio. Elas apresentaram uma perfeita proporção em todas as variáveis estudadas: aqueles que reputaram a amostra mais “expressiva” são os que a julgaram menos “simples” ou, contrário, os que a acharam menos “expressiva”, declararam-na mais “simples”. Assim sendo, as mulheres, mais que os homens, consideraram esta fala menos “expressiva” (44,4%), portanto, são elas que detêm o maior índice no item “lenta” (75%). Na variável “idade”, os da FE-II compartilharam da opinião das mulheres; para eles esta amostra é menos “expressiva” (45,8%) e mais “simples” (70,8%). Esta é também a opinião dos mais escolarizados. O menor índice é dos mais escolarizados em relação ao item “expressiva” (27,7%) e o maior é também deles no item “lenta” (88,8%). Os informantes com E-I e E-II tiveram os mesmos índices (55,5%) nessas características.

Era de se esperar que esta amostra fosse menos aceita que as anteriores no que diz respeito ao modo de falar. Os informantes realmente perceberam-na assim, os dados, porém, comprovam uma diferença muito pequena em relação à amostra anterior, cuja fala pertencia a um falante universitário, enquanto o falan-

te desta amostra não tem sequer o 1º grau completo. A tabela nº15 nos mostra esses dados.

A fala da fita-estímulo é tida como de uma pessoa que não “fala bem o português”, mal “se expressa com clareza” e não “usa língua culta”, ao contrário, “fala como o povo”. A opinião dos informantes masculinos é muito mais coerente que a dos femininos. As mulheres apresentam sempre índices um pouco superiores aos dos homens quanto a se tratar de “falar bem o português” (47,2%), “expressar-se com clareza” (55,5%) e “usar a língua culta” (33,6%). Entretanto, no que diz respeito a “falar como o povo” (58,3%), têm uma percentagem bem menor que a dos homens (80,5%). Na variável “idade”, somente 58,3% dos mais novos declararam que a pessoa “se expressa com clareza”. O mais alto índice obtido para o “uso da língua culta” pertence aos mais velhos e chega a 33,3%. Entretanto, são os mais velhos que atingem um índice médio ao afirmarem que a pessoa em questão “fala bem o português”. Os mais jovens têm a menor percentagem (58,3%) ao julgarem que a pessoa da fita-estímulo “fala como o povo”, enquanto os mais velhos apresentam o maior índice (79,1%). A variável “escolaridade” detém o fator determinante desta atitude e o mais coerente. Os menos escolarizados consideraram que a pessoa “fala bem o português” (50%), “se expressa com clareza” (61,1%) e “usa a língua culta” (44,4%). Esses são os maiores índices relativos a esse modo de falar. A percentagem vai decrescendo até atingir o menor índice nos menos escolarizados (61,1%) até os mais escolarizados (77,7%).

**TABELA Nº 15** – Aracajuanos julgando modo de falar, em relação ao estímulo VIII(=E-I).

MODO DE FALAR	RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL								
	"Sexo"		"Idade"			"Escolaridade"			
	M	F	FE-I	FE-II	FE-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
<b>"FALA BEM O PORTUGUÊS"</b>	38,8%	47,2%	41,6%	37,5%	50,0%	50,0%	44,4%	38,8%	38,8%
<b>"SE EXPRESSA COM CLAREZA"</b>	47,2%	55,5%	58,3%	33,3%	50,0%	61,1%	50,0%	44,4%	33,3%
<b>"USA LÍNGUA CULTA"</b>	25,0%	33,3%	25,0%	29,1%	33,3%	44,4%	38,8%	16,6%	16,6%
<b>"FALA COMO O POVO"</b>	80,0%	58,3%	53,3%	70,8%	79,1%	61,1%	66,6%	72,2%	77,7%

#### 4.3.2.4 *Aracajuanos em relação ao estímulo IX (=E-II)*

A atitude dos informantes em relação a uma amostra de fala cuja escolaridade era do 2º grau completo não é muito diferente da amostra anterior, cuja escolaridade era 1º grau incompleto. As características dialetais são muito pouco aceitas quanto as da fala anterior, porém, as características estéticas e estilísticas apresentam índices superiores. A tabela nº16 mostra a atitude dos aracajuanos em relação ao estímulo IX.

As características estéticas ficam quase sempre acima do índice médio. Os homens foram mais rígidos que as mulheres no julgamento desta amostra. A opinião deles não atinge o índice médio em relação ao item “bonito” (47,2%). Quanto à variável “idade”, os que apresentam um julgamento mais rígido são os de FE-II, cujo índice relativo a “bonita” é baixo (29,1%). Os mais jovens são os que mais aceitam essa amostra, seguidos dos mais velhos. Na variável “escolaridade”, há uma atitude negativa dos informantes com E-III. Os mais escolarizados apresentam um índice de aceitação de 50% em ambos os itens. Mas são os menos escolarizados que obtiveram as mais altas percentagens de aceitação, 72,2% em relação ao item “agradável” e 55,5% relativamente ao item “bonita”.

As características dialetais são muito estigmatizadas, têm índices inferiores às do estímulo VIII. Os informantes de sexo masculino continuam sendo mais rígidos que os do sexo feminino com essa amostra. O percentual masculino é sempre superior ao feminino, principalmente quanto ao item “lento”, que atinge os 80,5%. Na variável “idade”, são os mais velhos os que apresentam a atitude mais negativa em relação às características dialetais. Aquela atitude negativa dos informantes da E-III aparece novamente; são eles os que mais rejeitaram o estímulo IX. Os da E-I, mais que os dos outros níveis de escolaridade, aceitaram esta amostra. Em relação ao item “cantada” chegaram só aos 44,4%. Eles são seguidos pelos informantes com E-II e E-IV (72,2%), cujo índice de aceitação é bem menor.

As características estilísticas não se distanciam das analisadas até aqui. Elas giram em torno de um índice médio. As mulheres mantêm-se numa atitude positiva em relação ao estímulo IX. Os homens não chegaram nem a considerar esta fala “expressiva” (44,4%). Os mais jovens foram os que julgaram o estímulo IX mais “expressivo” (54,1%) e menos “simples” (62,5%). Os de meia idade, ao contrário, tiveram uma atitude negativa; afirmando-o o menos “expressivo” (37,5%). Entretanto, foram os mais velhos que o declararam o mais “simples” (79,1%). Há uma mudança de comportamento na variável escolaridade: são os

informantes com E-II os que menos aceitaram esta fala. Somente 38,8% deles reconheceram o estímulo como “expressivo” e 77,7% acharam-no “simples”. Apenas os da E-III e E-IV atingem um índice médio em relação ao item “expressiva”, mas eles também são possuidores de índices altos quanto a “simples” (72,2% e 66,6%, respectivamente).

**TABELA Nº 16** – Aracajuanos julgando características de fala, em relação ao estímulo IX (=E-II).

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS / VARIÁVEL								
		"Sexo"		"Idade"			"Escolaridade"			
		F	M	FE-I	FE-II	FE-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
ESTÉTICAS	"agradável"	50,0%	66,6%	62,2%	54,1%	58,3%	72,2%	66,6%	38,8%	50,0%
	"bonita"	47,2%	50,0%	58,3%	29,13%	58,3%	55,5%	55,5%	33,3%	50,0%
DIALETAIS	"cantada"	69,4%	63,3%	70,8%	58,8%	70,8%	44,4%	72,2%	77,7%	72,2%
	"lenta"	80,5%	61,1%	66,6%	70,8%	75,0%	61,1%	66,6%	88,8%	77,7%
ESTILÍSTICAS	"expressiva"	44,4%	50,0%	54,1%	37,5%	50,0%	44,4%	38,8%	50,0%	55,5%
	"simples"	66,6%	72,2%	62,5%	66,6%	79,1%	66,6%	77,7%	72,26%	66,6%

O estímulo IX é o menos aceito dentre as amostras da fala aracajuana. A diferença em relação ao anterior chega a ser grande, principalmente no que diz respeito à “clareza”, embora esta fala pertença a uma pessoa com 2º grau incompleto e a anterior, com 1º grau incompleto. A tabela nº17 permite a análise comparativa desses resultados.

O estímulo IX é o que recebeu respostas mais negativas. Os informantes declararam que a pessoa da fita-estímulo não “fala bem o português”, pois os índices foram os mais baixos. A variável “escolaridade” apresentou os índices extremos; o mais baixo (11,1%) foi dado pelos informantes da E-III e o mais alto (39,8%), pelos da E-IV. As mulheres (19,4%), os da FE-II (20,8%) e os

da E-III (11,1%) foram os mais rígidos em seus julgamentos quanto à correção do português falado na amostra, enquanto os que mais a aceitaram foram os informantes masculinos (30,5%), os da FE-III (29,1%) e da E-IV (38,8%). Houve apenas dois índices médios ao tratar-se de a amostra “se expressar com clareza”: os mais jovens (54,1%) e os da E-I (50%). Os homens (33,3%), os da FE-II (25%), os mais jovens e de E-III (22,2%) tiveram uma apreciação menos favorável quanto à clareza expressa na amostra; já as mulheres (38,8%), os da FE-I (54,1%), e os da E-I (50%) foram os mais condescendentes.

A falante da amostra não “usa a língua culta”. Foi isso que deduzimos dos dados obtidos. Nenhuma das variáveis atingiu 40%. Aqueles que mais negaram o uso da “língua culta” na amostra foram os homens (19,4%), os de FE-II (8,3%) e os das E-I e E-II (16,6%). Ao negarem o uso da “língua culta”, os informantes declararam que a falante do estímulo IX “fala como o povo”. Na variável “escolaridade”, o julgamento mais baixo foi dado pelos informantes da E-II, e o mais alto (83,3%) pela E-I pelos E-I. a variável “idade” não apresentou diferenças, porque os índices foram os menos (75%). Os homens (77,7%) mais que as mulheres (72,2%), consideraram que a pessoa da fita-estímulo “fala como o povo”.

**TABELA Nº 17** – Aracajuanos julgando modo de falar, em relação ao estímulo IX (=E-II).

MODO DE FALAR	RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL								
	“Sexo”		“Idade”			“Escolaridade”			
	M	F	FE-I	FE-II	FE-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
<b>“FALA BEM O PORTUGUÊS”</b>	30,0%	19,4%	25,0%	20,8%	29,1%	22,2%	27,7%	11,1%	38,8%
<b>“SE EXPRESSA COM CLAREZA”</b>	33,3%	38,8%	54,1%	25,0%	29,1%	50,0%	27,7%	22,2%	44,4%
<b>“USA LÍNGUA CULTA”</b>	19,9%	25,0%	37,5%	8,3%	20,8%	16,6%	16,6%	27,7%	27,7%
<b>“FALA COMO O POVO”</b>	77,7%	72,2%	75,0%	75,0%	75,0%	83,3%	66,6%	72,2%	77,7%

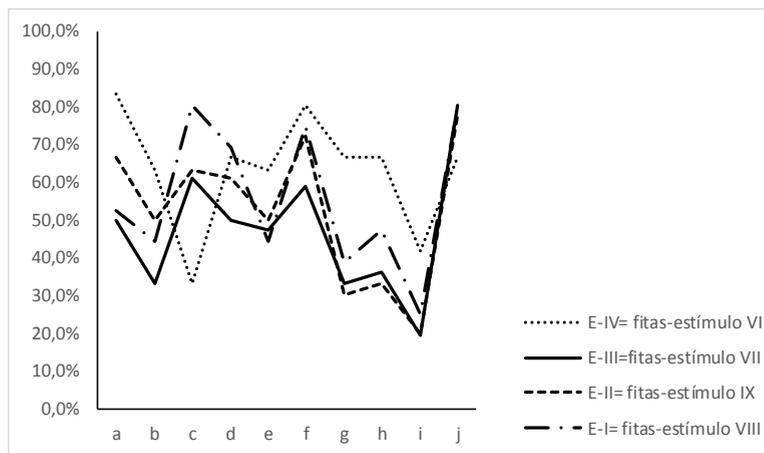
#### 4.3.2.5 Considerações gerais sobre os estímulos VI, VII, VIII e IX

A atitude mais positiva dos informantes de sexo masculino foi em relação ao estímulo VI, cuja voz é de uma falante com nível de escolaridade IV. É essa

fala que é considerada a mais “agradável” (83,3%), a mais “bonita”, (63,3%), a mais “expressiva” (63,3%), a mais “simples” (66,6%). Ao contrário, é ela a menos “cantada” (33,3%) e a que menos “fala como o povo” (66,6%). Apesar de um índice de julgamento do “uso de língua culta” estar abaixo da média, é o mais alto (41,6%). Já a fala mais “cantada” é a do estímulo VIII (75%), cuja voz é de uma falante com grau de escolaridade I, e a mais “lenta” é a do estímulo IX (80,5%), cuja voz é de uma falante com grau de escolaridade II. Interessante é que a menos aceita não é a de escolaridade mais baixa, apesar de ser a mais “cantada” (75%). Os índices mais baixos ficam entre os falantes com escolaridade II e III que correspondem aos estímulos IX e VII respectivamente. O estímulo IX é julgado como o menos “agradável” (50%), mais “lento” (80,5%) que “fala o pior português” (30,5%), enquanto o estímulo VIII é o menos “bonito”, (41,6%) menos “expressivo” (41,6%), menos “simples” (55,5%), mas, apesar disso, é o menos “lento” (41,6%). Esses dois estímulos (o VII e o IX) obtêm o índice mais baixo para a afirmação “usa língua culta” (19,4%), enquanto o estímulo VII e o VIII obtêm a maior percentagem para “fala como o povo” (80,5%). O gráfico n°19 demonstra as atitudes dos informantes do sexo masculino.

**GRÁFICO N° 19** Atitudes de informantes masculinos em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX.

- a) agradável
- b) bonita
- c) cantada
- d) expressiva
- e) lenta
- f) simples
- g) fala bem o português
- h) se expressa com clareza
- i) usa a língua culta
- j) fala como o povo.

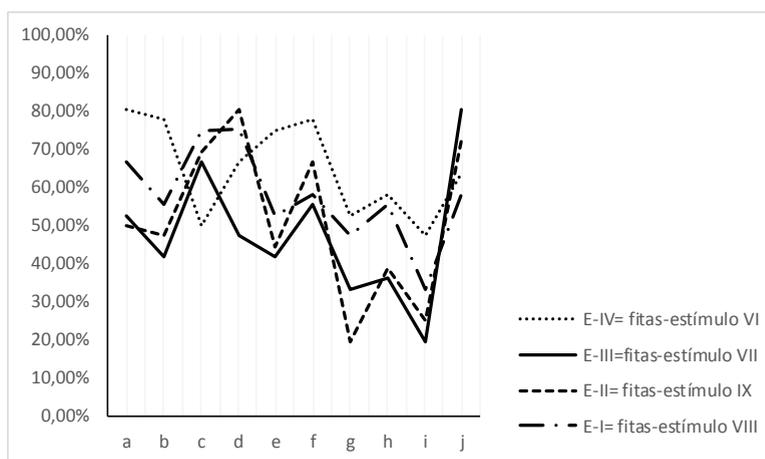


Como vemos, apesar de o falante com grau de escolaridade mais alto ser o mais aceito, o contrário não é verdadeiro. Isso demonstra que nem sempre a escolaridade influi no julgamento de uma fala.

Os informantes de sexo feminino corroboram o julgamento dos homens. As atitudes mais positivas são também em relação ao estímulo VI. É esta falante que tem a fala mais “agradável” (80,5%), mais “bonita” (77,7%), mais “expressiva” (75%), mais “simples” (77,7%), que “melhor fala o português” (52,5%), mais se “expressa com clareza” (58,3%). E é ela a que detém a menor percentagem de “cantada” (50%); mesmo assim, é um índice médio. Coerentemente com a atitude masculina, os informantes femininos também julgam as falantes dos estímulos VII e IX como as menos aceitas. A fala do estímulo VII é a menos “agradável” (50%), menos “bonita” (33,3%), menos “lenta” (50%) e a que mais “fala como o povo” (75%). Enquanto a do estímulo IX é a que fala o “pior português” (19,4%), menos “se expressa com clareza” (38,7%) e menos “usa a língua culta” (25%). Há um resultado totalmente contrário nos percentuais obtidos dos informantes femininos, comparado com os masculinos. Enquanto os homens declararam que a voz do estímulo VIII é a que mais “fala como o povo” (80,5%), as mulheres afirmaram justamente o contrário: o estímulo VIII é o que menos “fala como o povo” (59,3%). O gráfico nº20 representa a atitude dos informantes femininos em relação à fala aracajuana com graus de escolaridade diferentes.

**GRÁFICO Nº 20** Atitudes de informantes femininas em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX.

- a) agradável
- b) bonita
- c) cantada
- d) expressiva
- e) lenta
- f) simples
- g) fala bem o português
- h) se expressa com clareza
- i) usa a língua culta
- j) fala como o povo.



A variável “idade” não apresenta resultado muito diferentes da variável “sexo”. A fala que recebe atitudes mais positivas continua sendo a do estímulo VI, e o estímulo VII é também o que tem as atitudes mais negativas. A fala mais “cantada” é sempre a do estímulo VIII, cuja voz pertence a um falante com 1º grau incompleto.

Para os informantes mais novos, a fala mais “agradável” (70,8%), a mais “bonita” (66,6%), a mais “expressiva (66,6%), a mais “simples” (66,6%), a que fala “melhor português” (54,1%), que mais “se expressa com clareza” (75%) e mais “usa a língua culta” (50%) é a fala do estímulo VI. Esta fala é também considerada a menos “cantada” (50%). Ao contrário, a falante do estímulo VII, cuja escolaridade era universitária, é que detém os menores índices nas respostas. Ela é vista como a menos “agradável” (50%), menos “bonita” (41,6%), menos “expressiva” (41,6%), menos “lenta” (41,6%), menos “simples” (45,8%), a que menos “se expressa com clareza” (41,6%), e a que mais “fala como o povo” (83,3%).

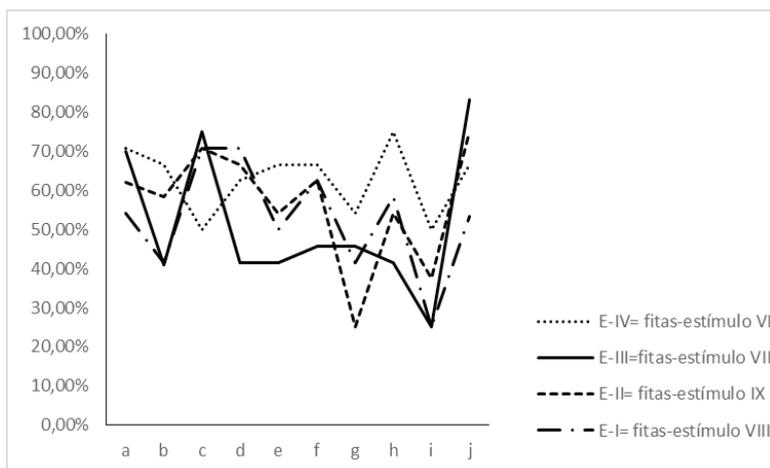
A fala deste estímulo e a do estímulo VIII são tidas como as que menos “usam a língua culta” (25%). Concordando com a atitude dos informantes femininos, o estímulo VIII é considerado o mais “cantado” (91,6%) e o mais “lento” (87,5%).

O estímulo IX é apenas considerado o que fala o “pior português” (25%), mas recebe o segundo maior índice para o item “agradável” (62,5%). Convém lembrar que foi a fala deste mesmo estímulo (IX) que foi considerada a menos “agradável” para os informantes masculinos.

O gráfico nº21 nos dá a atitude dos informantes mais novos.

**GRÁFICO Nº 21** Atitudes de informantes da FE-I em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX.

- a) agradável
- b) bonita
- c) cantada
- d) expressiva
- e) lenta
- f) simples
- g) fala bem o português
- h) se expressa com clareza
- i) usa a língua culta
- j) fala como o povo.



Em relação aos informantes com idade entre 31 e 50 anos, o estímulo IX divide com o estímulo VII as atitudes mais negativas; as mais positivas pertencem novamente ao estímulo VI.

É esta falante que recebe os índices mais altos em relação aos itens “agradável” (87,5%), “bonito” (75%), “expressivo” (58,3%), “simples” (87,5%), “fala bem o português” (62,5%), “se expressa com clareza” (50%) e “usa a língua culta” (37,5%). Ao contrário, é o menos “cantada” (41,6%) e a que menos “fala como o povo” (66,6%).

O falante do estímulo VIII continua sendo considerado o que tem a fala mais “cantada” (70,8%), a fala mais “simples” (70,8%) pertence às falantes dos estímulos VIII e IX.

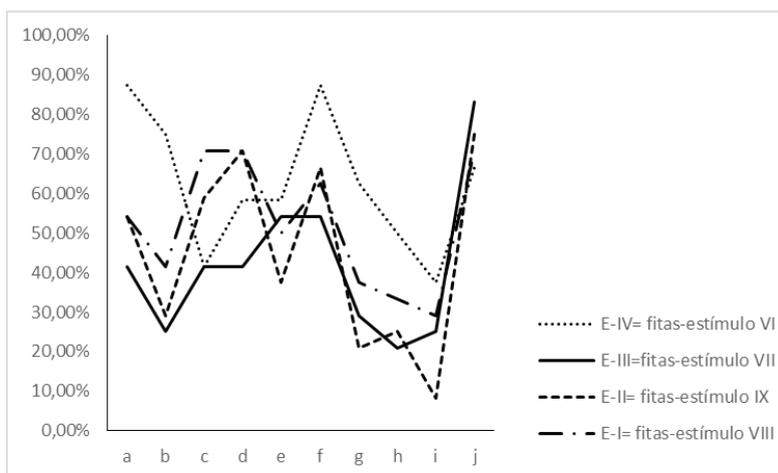
A fala menos “expressiva” (37,5%), a que fala o “pior português” (20,8%) e “menos usa a língua culta” (8,3%) é a do falante do estímulo IX. Essa atitude confirma a atitude dos informantes masculinos.

Da mesma forma que os informantes mais novos, os informantes da FE-II também consideram a falante do estímulo VII como a que detém os índices mais baixos. É ela que é tida a que tem a fala menos “agradável” (41,6%), menos “bonita” (25%), menos “cantada” (41,6%), menos “lenta” (41,6%), menos “simples” (54,1%) e a que menos “se expressa com clareza” (20,8%).

O gráfico nº22 mostra a atitude dos informantes da faixa etária II, com relação à fala aracajuana nos quatro graus de escolaridade.

**GRÁFICO Nº 22** Atitudes de informantes da FE-II em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX.

- a) agradável
- b) bonita
- c) cantada
- d) expressiva
- e) lenta
- f) simples
- g) fala bem o português
- h) se expressa com clareza
- i) usa a língua culta
- j) fala como o povo



A atitude dos informantes mais velhos nos dá alguns resultados bem diferentes, em relação às outras faixas etárias. Entretanto, a falante do estímulo

VI continua sendo a que tem a fala mais “agradável” (87,5%), mais “bonita” (70,8%), menos “cantada” (33,3%), mais “lenta” (79,1%), mais “expressiva” (83,3%), e, conseqüentemente, fala o “melhor português” (62,5%), mais “se expressa com clareza” (62,5%), mais “usa a língua culta” (45,6%) e menos “fala como o povo” (62,5%).

A fala menos agradável (58,3%), para os informantes mais velhos, pertence aos estímulos VII e IX. A fala do estímulo VII é ainda considerada a menos “bonita” (45,8%) e a menos “expressiva” (37,5%).

Para os informantes de faixa etária mais alta, todas as quatro falas são bastantes expressivas, haja vista que as falas menos “expressiva” (70,8%), pertencentes aos estímulos VII e VIII, ultrapassam os 70%.

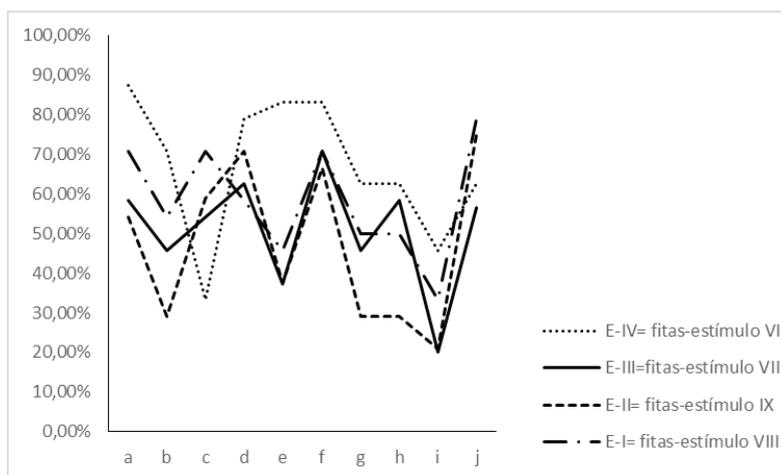
A fala mais “cantada” (70,8%) é a dos estímulos VIII e IX; e a menos “lenta” é a do estímulo VIII. Lembramos que foi este estímulo (o VIII) que foi considerado pelas outras duas faixas etárias como possuidor da fala mais “lenta”. É também o estímulo VIII aquele que mais “fala como o povo” (79,1%).

A falante que apresenta o “pior português” (29,1%), menos “se expressa com clareza” (29,1%) e menos “usa a língua culta” (20,8%) é a do estímulo IX.

O gráfico n° 23 retrata a atitude dos informantes mais velhos.

**GRÁFICO N° 23** Atitudes de informantes da FE-III em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX.

- a) agradável
- b) bonita
- c) cantada
- d) expressiva
- e) lenta
- f) simples
- g) fala bem o português
- h) se expressa com clareza
- i) usa a língua culta
- j) fala como o povo



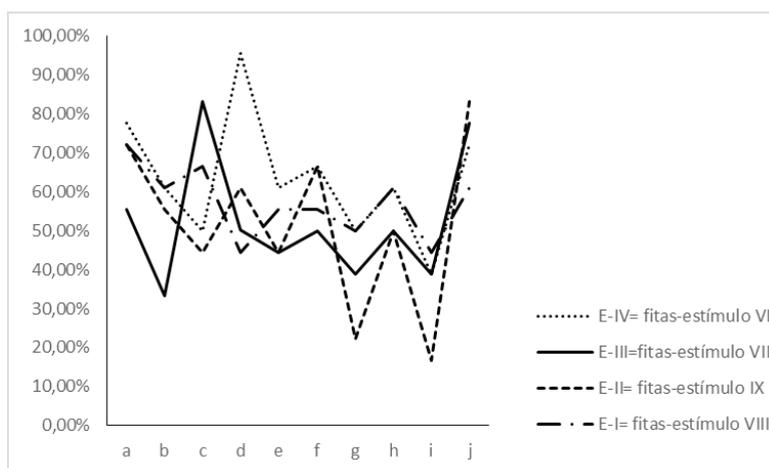
A variável “escolaridade” confirma as variáveis anteriores com relação ao estímulo mais aceito. O estímulo VI detém as atitudes mais positivas dos

quatro graus de escolaridade estudados. É o que tem a fala mais “agradável”, mais “bonita”, mais “expressiva”, mais “simples” e que mais “se expressa com clareza”.

Para os informantes com grau de escolaridade I, o estímulo VI divide com o estímulo VIII o título de ter a fala mais “bonita” (61,1%), “fala melhor o português” (50%), mais “se expressa com clareza” (61,1%). Esses dados nos mostram bem que a escolaridade não influi no juízo do informante. Seu julgamento é, acima de tudo, subjetivo ou advindo de seus contatos linguísticos com falantes que tenham algumas características semelhantes à da fala ouvida. O gráfico nº 24 nos permite visualizar as atitudes de informantes com escolaridade I, em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX. Mais uma vez, os informantes com escolaridade I emitem um julgamento em relação à língua culta que demonstra o seu desejo de ascensão linguística. Como eles não têm instrução formal e não sabem talvez o que significa “língua culta”, dão ao falante com 1º grau incompleto o maior índice (que não chega nem à média – 44,4%) referente a “usar a língua culta”, e o menor (16,6%) ao falante com 2º grau incompleto, o qual detém também o maior índice de “falar como o povo” (83,3%). A amostra mais “cantada” (83,3%), na opinião dos informantes com escolaridade I, é a do estímulo VII, fala pertencente a uma universitária.

**GRÁFICO Nº 24** Atitudes de informantes da E-I em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX.

- a) agradável
- b) bonita
- c) cantada
- d) expressiva
- e) lenta
- f) simples
- g) fala bem o português
- h) se expressa com clareza
- i) usa a língua culta
- j) fala como o povo



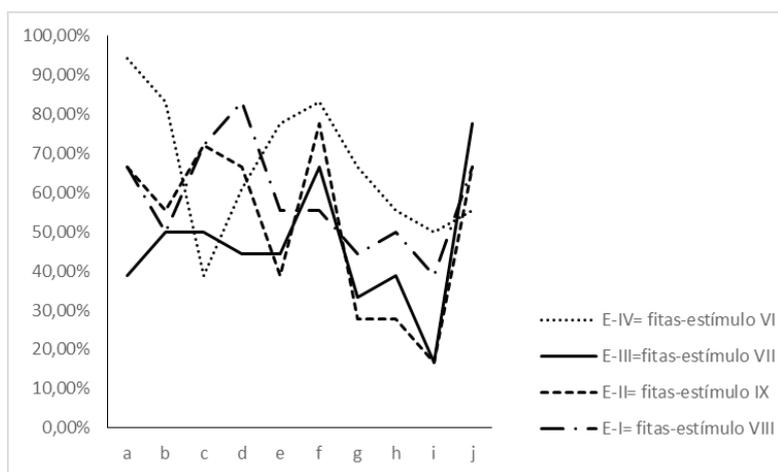
Os informantes com escolaridade II apresentam uma atitude mais consistente. Para eles, a fala mais “bonita” (94,4%), mais “agradável” (83,3%), mais

“expressiva” (77,75%), que “fala melhor o português” (66,6%), que mais “se expressa com clareza” (55,5%) e que “mais usa a língua culta” (50%) é a do estímulo VI. Confirmando essa atitude, é ela também a menos “cantada” (38,8%), a menos “simples” (55,5%) e a que menos “fala como o povo” (55,5%). A mais “lenta” (83,3%) é a do estímulo VIII, a mais “simples” (83,3%) é a do estímulo VI e a que mais “fala como o povo” (77,7%) é a do estímulo VII. As falantes que têm a fala mais “cantada” (72,2%) são as dos estímulos VIII e IX. A fala menos “agradável” (38,8%) e a menos “lenta” (44,4%) é a do estímulo VII; enquanto a menos “expressiva” (38,8%) é a do estímulo IX.

Se, para os informantes com escolaridade I, o estímulo VIII divide com o VI o título de ser a fala mais “bonita”, para os informantes com escolaridade II, o estímulo VIII e VII são julgados de forma justamente contrária: eles são vistos como apresentando fala menos “bonita” (50%). Mais uma vez, vemos como é subjetiva a questão da atitude linguística. Se bem que os nossos dados têm que ser tomados sempre como tendências do que acontece ou poderá acontecer e nunca objetivamente. O gráfico nº25 nos dá as atitudes dos informantes com escolaridade II.

**GRÁFICO Nº 25** Atitudes de informantes da E-II em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX.

- a) agradável
- b) bonita
- c) cantada
- d) expressiva
- e) lenta
- f) simples
- g) fala bem o português
- h) se expressa com clareza
- i) usa a língua culta
- j) fala como o povo



Se olharmos o gráfico nº 26, tendo só em mente verificar a atitude mais positiva, não encontraremos diferença em relação ao gráfico nº 25. Os índices algumas vezes mudam, outras não, mas continua sendo o estímulo VI o mais aceito para os informantes com escolaridade III. É esta falante que possui a fala

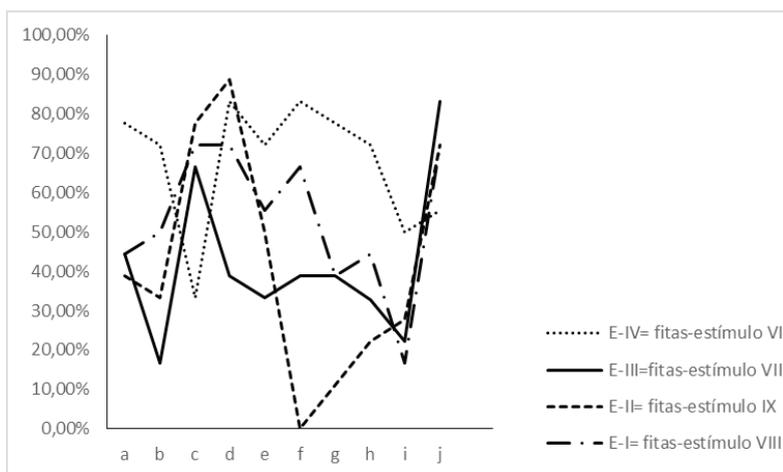
mais “agradável” (77,7%), mais “bonita” (72,2%), menos “cantada” (33,3%), mais “expressiva” (72,2%), mais “simples” (83,3%), com o “melhor português” (77,7%), que mais “se expressa com clareza” (72,2%), que mais “usa a língua culta” (50%) e que menos “fala como o povo” (55,5%).

A falante do estímulo IX, entretanto, passa a ser considerada a possuidora da fala mais “cantada” (77,7%), mais “lenta” (88,8%), menos “agradável” (38,8%), que fala o “pior português” (11,1%) e menos se “expressa com clareza” (22,2%).

Já o estímulo VII apresenta uma falante que mais “fala como o povo” (83,3%), possui a fala menos “bonita” (16,6%), menos “lenta” (38,8%), menos “expressiva” (33,3%) e menos “simples” (38,8%).

**GRÁFICO Nº 26** Atitudes de informantes da E-III em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX.

- a) agradável
- b) bonita
- c) cantada
- d) expressiva
- e) lenta
- f) simples
- g) fala bem o português
- h) se expressa com clareza
- i) usa a língua culta
- j) fala como o povo

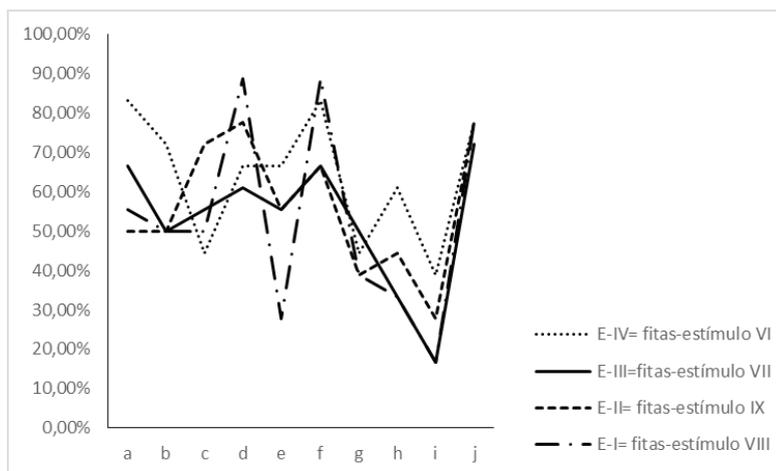


Os informantes com E-IV concordaram na maioria dos itens com o julgamento dos outros graus de escolaridade. O estímulo VI continua merecendo o título de ter a fala mais “agradável” (38,3%), mais “bonita” (72,2%), mais “expressiva” (66,6%), que mais se “expressa com clareza” (61,1%) e “usa a língua culta” (38,8%). No que diz respeito à afirmação “fala como o povo” (77,7%), recebe a mesma percentagem que o estímulo VIII e o IX. O estímulo VII é o que menos “fala como o povo”, mas seu índice (72,2%) é tão próximo ao dos outros que não é significativo. É interessante notar que a E-IV não julgou o estímulo VI como o que “fala melhor o português”. Ele tem uma percentagem abaixo de 50%, enquanto o estímulo VII, que é tido como o que “fala melhor o português”,

apenas atinge a média. Em outras palavras, os informantes da E-IV declararam que nenhuma fala apresentada como estímulo “fala bem o português”. É uma atitude muito purista e muito rígida da E-IV, considerando-se principalmente que ela sempre foi mais liberal em seus julgamentos. A fala mais “simples” (38,8%), mais “lenta” (88,8%), mais “cantada” (100%) é a do estímulo VIII, cuja voz é de um falante com 1º grau incompleto. Esse mesmo estímulo, que recebe os maiores índices nas características mais estigmatizadas – as dialetais –, é tido como menos “bonito” (50%), menos “expressivo” (27,7%), que menos “fala bem o português” (38,8%), menos “se expressa com clareza” (33,3%) e menos “usa a língua culta” (16,6%). Sendo assim, o estímulo VIII divide com o VII e o IX o ser possuidor das falas menos aceitas. O gráfico nº 27 representa a atitude dos informantes com E-IV.

**GRÁFICO Nº 27** Atitudes de informantes da E-IV em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX.

- a) agradável
- b) bonita
- c) cantada
- d) expressiva
- e) lenta
- f) simples
- g) fala bem o português
- h) se expressa com clareza
- i) usa a língua culta
- j) fala como o povo



## CONCLUSÃO

Segundo Labov (1976), os falantes de uma comunidade linguística se caracterizam por usos linguísticos socialmente heterogêneos, mas dividem entre si um conjunto de normas subjetivas comuns, que os leva a avaliar da mesma maneira as mesmas formas linguísticas (por exemplo, todos reconhecem o pouco prestígio do dialeto nordestino, qualquer que seja ele).

Muitos pesquisadores (Lambert e Lambert, 1915) aceitam a exigência, no domínio das atitudes linguísticas, da técnica do “confronto simulado” (*matched-quiz*), e da necessidade de combinar este método com outros numa aproximação eclética. Foi esta aproximação eclética que tentamos fazer em nosso trabalho empírico. Ao mesmo tempo em que usávamos o questionário escrito, utilizávamos também fitas gravadas que serviram de estímulo às perguntas formuladas. Essa combinação de técnicas permitiu-nos confirmar a tese central de Labov, em seus estudos sobre a mudança linguística e a estratificação social das variantes linguísticas: existe um grande equilíbrio entre práticas e atitudes linguísticas.

Ressaltamos aqui, mais uma vez, este aspecto de que as atitudes manifestadas pelos informantes tenderam a ser diferentes, em alguns pontos, em ausência e em presença de estímulos de fala gravados. Tais diferenças de comportamento

dos informantes se explicam, talvez, quando consideramos que a linguagem “serve também, tal como outros costumes e padrões de comportamento, para o estabelecimento e manutenção de relações sociais e para a expressão das nossas atitudes e personalidades” (LYONS, 1980, p. 49), havendo, por assim dizer, uma concorrência de fatores linguísticos e sociais.

Diversos pesquisadores colocaram em evidência uma correlação entre as atitudes linguísticas e o sexo dos informantes: as mulheres se ligariam mais aos valores legítimos que os homens, dentro do mesmo meio social. Além dessas atitudes, Trudgill (1975) afirma que as mulheres produzem igualmente mais formas legítimas que os homens. Para ele, a explicação principal dessas atitudes se encontra no fato de que conotações de virilidade estão associadas às realizações não legítimas. Apesar de se poder duvidar de seu poder explicativo, não se pode contestar este fato. Para Labov (1976), a preferência das mulheres para as variantes legitimadas se explica pelo fato de as mulheres terem uma maior disposição à ascensão social. Na nossa pesquisa, evidenciamos também uma forte tendência das mulheres na observação das normas linguísticas, confirmando assim o padrão geral do fator sexo: as normas linguísticas estão mais associadas às mulheres do que aos homens.

A maioria dos trabalhos vistos que utilizaram a variável “idade” mostram uma relação inversa consistente entre falantes mais velhos e falantes mais jovens. Embora esses trabalhos possam ter sido realizados a partir de diferentes recortes do contínuo “idade”, constata-se que as formas linguísticas aceitas como padrão tendem a ocorrer, predominantemente, entre falantes mais velhos. Os jovens manifestam, via de regra, um comportamento linguístico mais afastado dos padrões. Quando envolvem mudanças em curso, o efeito idade é decisivo. Os falantes mais jovens manifestam acentuada tendência para as variantes inovadoras, que se trate de formas linguísticas privilegiadas, quer se trate de formas desprestigiadas. Na nossa pesquisa, evidenciamos também essa tendência a caracterizar a sua própria fala com atitude mais positiva.

Quanto ao fator “escolaridade”, podemos constatar o padrão geral que associa a predominância das formas linguísticas padrão a falantes com maior escolarização. Estes sempre privilegiam mudanças que implementam uma forma aceita socialmente e desfavorecem mudanças que se opõem ao padrão. Na nossa pesquisa constatamos que somente os menos escolarizados acatam a sua própria fala como aquela que carrega atitudes mais positivas.

Durante toda a investigação, mais em ausência do que em presença de falas gravadas, defrontamo-nos com exteriorizações de atitudes que nos levaram mais

a admitir do que negar nossas hipóteses, quando consideramos toda a gama de ordem linguística e social

Em relação com o primeiro grupo de hipóteses, que trata do dialeto aracajuano considerado isoladamente, concluímos que em ausência de fita-estímulo:

1. Aracajuanos, independentes de idade e escolaridade, aceitam a variedade nativa.
2. Em relação às políticas linguísticas, os informantes, independentemente das variáveis estudadas, afirmaram que é o indivíduo quem deve melhorar a língua falada. Entretanto, a escola e a família também foram tidas como responsáveis pela melhoria da língua falada, se bem que com índices percentuais menores.
3. Os resultados obtidos mostram que não há, entre os informantes, um reconhecimento nítido de diferenças de nível linguístico.
4. Aracajuanos, independente da variável analisada, afirmam que é importante falar bem. Entretanto não identificam “falar bem” com a “língua culta”. Apenas a FE-I discorda de todas as outras variáveis quando afirma que “falar bem” é falar como o povo.
5. A variável “escolaridade” é que determina a atitude dos informantes em relação aos “desvios da norma”. Quanto mais escolarizados os informantes, mais rejeitam erros de “concordância verbal”, troca de “l” por “r” ou queda do “r” final. Entretanto, o emprego de *ter* por *haver* é admitido pela totalidade dos informantes, nem sempre com índices percentuais altos.

Os resultados obtidos com o uso da fita-estímulo também confirmam a teoria laboviana de que existe um desequilíbrio entre práticas e atitudes linguísticas. Na nossa pesquisa, percebemos que as respostas dadas ao questionário sem a fita-estímulo não se mantêm no questionário com a fita-estímulo.

As falas dos estímulos VI, VII, VIII e IX pertenciam todas a falantes aracajuanos com grau de escolaridade diferentes. A variável sexo não nos deu diferenças significativas. Tanto o sexo masculino como o feminino consideraram a fala do estímulo VI, pertencente a uma falante com escolaridade IV, como a mais aceita, enquanto a menos aceita foi dividida entre os falantes dos estímulos IX e VII com escolaridade II e III respectivamente. A variável “idade” apresentou resultados semelhantes ao da variável “sexo”. A fala que recebeu atitudes mais positivas continua sendo a do estímulo VI e as que detêm as atitudes mais negativas as dos estímulos IX e VII. A variável “escolaridade” confirma os resultados obtidos

nas variáveis “sexo” e “idade” em relação à fala mais aceita (a do estímulo VI); entretanto, considera a fala menos aceita a do estímulo VIII, cujo falante tem 1º grau incompleto.

Em relação ao segundo grupo de hipóteses, que trata do dialeto aracajuano e dos dialetos com os quais o aracajuano tem maior contato – o baiano, o alagoano e o carioca –, concluímos que, em ausência da fita-estímulo, a fala mais privilegiada é a carioca e a menos aceita é a alagoana. As respostas dos informantes de sexo feminino pouco atingem um percentual médio nas características positivas em relação à fala alagoana enquanto as do sexo masculino ficam sempre dentro de um índice médio. Em relação à variável “idade”, somente os falantes mais jovens fogem ao resultado geral afirmado de que a fala aracajuana é a que apresenta atitudes mais positivas. Em se tratando da variável “escolaridade”, são os menos escolarizados que concordam com os mais jovens ao dar à fala aracajuana as atitudes mais positivas.

Na presença da fita-estímulo há uma grande aceitação da fala alagoana por parte dos informantes. É a fala alagoana que passa a ser considerada pelos homens igual à fala carioca (80,5%), enquanto, para as mulheres, a fala carioca continua recebendo as atitudes mais positivas, embora as atitudes referentes à fala alagoana apresentem índices superiores àquelas sem a fita-estímulo. Para os informantes das faixas etárias I e II, as falas alagoanas e carioca são as mais aceitas, enquanto os da faixa etária III consideram a fala baiana como a que recebe atitudes mais positivas. A fala carioca é a mais “bonita” e mais “agradável” para os informantes com “escolaridade” I e III. Para os de “escolaridade” II, a fala baiana divide com a primeira fala aracajuana o título de fala mais “bonita”, enquanto os de “escolaridade” IV elegem a fala alagoana como a mais “bonita” e mais “agradável”. A fala menos aceita fica com a segunda fala aracajuana que detém as atitudes mais negativas tanto para a variável “sexo”, como “idade” quanto “escolaridade”.

É claro que os resultados obtidos nesta pesquisa não podem ser definidos, porque qualquer avaliação é subjetiva. Mas por que pessoas avaliam outras, favorável ou desfavoravelmente, com base na fala delas? Por um lado, essa questão de valor está ligada a características não linguísticas. Alguém cuja fala sugere ter características de alto valor será naturalmente valorizado favoravelmente e inversamente para características que são tidas em baixa estima. Essas características com alto valor variam de sociedade para sociedade. Aqui no Brasil valoriza-se favoravelmente a fala carioca, uma vez que é dessa região que nasce a moda, desenvolve-se a cultura, afirma-se a nacionalidade. Por isso, a musicalidade da entonação carioca é carregada de atitudes positivas e as pessoas que usam essa

musicalidade são altamente valorizadas. O nordeste é a região da seca, da miséria, daí a grande migração para os estados do sudeste. Tudo isso faz com que o nordestino seja taxado negativamente onde quer que esteja. Já está longe a época em que Antenor Nascentes afirmava: “A pronúncia do nordestino é a que caracteriza em geral o falar brasileiro: é demorada, igual, digamos mesmo arrastada, em contraste com a pronúncia lusitana áspera e enérgica” (NASCENTES, 1953, p.29). Como o nordestino é taxado negativamente, as características de sua fala também o são. A sua fala dá uma “maior impressão de fala cantada, porque as duas sílabas são pronunciadas mais vagorosamente, e têm o mesmo valor, enquanto as vogais são marcadas e abertas” (NASCENTES, 1953, p. 33). Há, desse modo, um preconceito linguístico em relação à fala cantada do nordestino em geral e do aracajuano em particular.

A questão de valor ligado à fala deve levar em conta o fato de que a língua é usada como símbolo de qualidade de um grupo. As pessoas que usam a fala para identificar um grupo social a que pertencem (ou gostariam de pertencer) são avaliadas de acordo com as atitudes mais recentes dos grupos envolvidos. As características atribuídas a outras pessoas são simplesmente aspectos do membro-protótipo do grupo ao qual elas pensam pertencer; e a avaliação destas características depende em parte do valor do grupo a que elas pertencem. Em outras palavras, parte de cada opinião individual de alguém é derivada da opinião de seu grupo social, ou grupos a que pertence, e o respeito próprio depende em parte do respeito pelo grupo como um todo. Entretanto, linguisticamente falando, nenhum dialeto pode ser legitimamente considerado melhor que as outras variedades da língua porque

*O estudo científico das línguas convenceu a maioria dos estudiosos de que todas as línguas, e conseqüentemente, todos os dialetos são igualmente ‘bons’ como sistemas linguísticos. Todas as variedades de uma língua são sistemas estruturados, complexos, governados por normas inteiramente adequadas às necessidades de seus falantes. Daí se conclui que juízos de valor sobre a correção e a pureza de variedades linguísticas são muito mais sociais que linguísticas. Não há nada inerente nas variedades não-padrão que as faça inferiores. Qualquer aparente inferioridade é devida somente à sua associação com falantes de grupos desprivilegiados e subcategorizados. Em outras palavras, atitudes para com dialetos não-padrão são atitudes que refletem a estrutura social de determinada sociedade (TRUDGILL, 1975, p. 209).*



# REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria José Aparecida de. *Etudes sur les attitudes linguistiques au Brésil*. Tese de Doutorado, Univ. de Montreal, 1979. (Inédita)

ALLPORT, Gordon W. [1935] Attitudes: in: FISHBEIN, Martin (org.) *Readings in attitude theory and measurement*. New York, John Wiley & Sons, 1967, p. 1-13.

ALVAR, Manuel. *Estructuralismo, geografia lingüística y dialectología actual*. Madrid, Gredos, 1969.

ALVAR, Manuel. Polimorfismo y otros aspectos fonéticos en el habla de Santo Tomás Ajusto, México. *Anuario de Letras*. México, 6. 1966-67, p. 11-14.

ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. *Atitudes Linguísticas de Nordestinos em São Paulo*. (Abordagem Prévia) Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1979. (Inédita)

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo, Casa Editora O Livro, 1920.

CAMARA, Jr. Joaquim Mattoso. *Dispersos*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1972.

CAMARA, Jr. Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMARA, Jr. Joaquim Mattoso. *História da linguística*. Petrópolis, Vozes, 1972.

CAMARA, Jr. Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.

CARVALHO, Maria José. Uma língua padrão para o trabalho nacional – sugestões para sua adoção. In: *Anais do primeiro Congresso Universitário de Língua Falada no Teatro*. Salvador, 1956. Rio de Janeiro, MEC, 1958, p. 150-162.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1988.

CUNHA, Celso. *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1968.

CUNHA, Celso. *Uma Política do Idioma*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

D'ANGLEJAN, Alison e TUCKER, G. Richard [1971]. Sociolinguistic correlates of speech style in Quebec In: FASOLD, Ralph W. (ed.) *Variation in the form and use of language – A sociolinguistics reader*. Georgetown University Press, Washington, 1983.

FASOLD, Ralph W. (ed.). *Variation in the form and use of language – A sociolinguistics reader*. Georgetown University Press, Washington, 1983.

FERGUSON, Charles, A. Myths about Arabic In: FISHMAN, Joshua A. (org.) *Readings in the Sociology of Language*. Mouton Publishers – The Hague, 1968, p. 375-381.

FISHBEIN, Martin (org.). *Readings in attitude theory and measurement*. New York, John Wiley & Sons, 1967.

FISHMAN, J. (org.). *Advances in the sociology of language I e II*. The Hague, Mouton, 1971/73.

FISHMAN, J. (org.). *Readings in the Sociology of Language*. Mouton Publishers – The Hague, 1968.

GRIMES, Barbara F. *Atitudes linguísticas: identidade, diferenciação e sobrevivência na nuapés*. Instituto Linguístico de Verão. (Tradução de Edith Maria A. G. de O. Machado), Brasília, 1983.

GUMPERZ, John e HYMES, Dell. (org.) *Directions in Sociolinguistics*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1972.

HEYE, Jurgen. Sociolinguística. In: PAIS, Cidmar Teodoro (org.) *Manual de Linguística*. Petrópolis, Vozes, 1979, p. 203-327.

HUDSON, Richard Anthony. *Sociolinguistics*. Cambridge University Press, 1986.

LABOV, William. *Sociolinguistique*. Les Editions de Minut. Paris, 1976.

LABOV, William. *Language in the inner city*. Philadelphia, Univ. of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. Field methods used by the Project on Linguistic Change and Variation. *Working Papers in Sociolinguistics*. Austin, TE: Southwestern. Regional Laboratory, 1978.

LAHUD, Michel. Linguagem e ideologia. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n° 2, UNICAMP, Campinas, 1981, p. 45-55.

LAMBERT, William W. e LAMBERT, Wallace E. *Psicologia social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

LEMLE, Miriam. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. *Tempo Brasileiro*, n° s 53/54, Rio de Janeiro, 1978, p. 60-94.

LIKERT, Rensis. [1932]. The method of constructing an attitude scale. In: FISHBEIN, Martin (org.) *Readings in attitude theory and measurement*. New York, John Wiley & Sons, 1967, p. 90-107.

LYONS, John. *Semântica – I*. Porto, Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

MONTEIRO, Clóvis. *Português da Europa e Português da América*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1959.

MARCELLESI, Jean Baptiste e GARDIN, Bernard. *Introdução à sociolinguística*. A linguística social. Editorial Aster, Lisboa, 1975.

MARROQUIM, Mário. *A língua do nordeste*. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1945.

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. *Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua falada no Teatro ...* Salvador, 1956. Rio de Janeiro, 1958.

NADER, Laura. A note on attitudes and the use of language In: FISHMAN, Joshua A. (org.) *Readings in the Sociology of Language*. Mouton Publishers – The Hague, 1968, p. 276- 281.

NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional*. Rio de Janeiro, 2ª edição, 1933.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro, Edição da Organização Simões, 1953.

NETO, Serafim da Silva. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Presença/MEC. Col. Linguagem, Rio de Janeiro, 1976.

OSGOOD, Charles, E. (1963) Cross-cultural comparability in attitude measurement via multilingual semantic differentials, In: FISHBEIN, Martin (org.) *Readings in attitude theory and measurement*, New York, John Wiley & Sons, 1967.

PAIS, Cidmar Teodoro. (org.) *Manual de Linguística*. Petrópolis, Vozes, 1979.

ROKEACH, Milton. Naturaleza de las actitudes. *Enciclopedia internacional de las ciencias sociales*, vol. I, Madrid, Aguilar, 1974, p. 14-21.

SANTOS, Emmanuel. *O adolescente e a percepção do valor de variantes linguísticas*. Dissertação de mestrado, UFRJ, 1973, (inédita).

SANTOS, Emmanuel. *A transmissão ao educando de crenças e atitudes linguísticas escolares*. Tese de Doutorado. UFRJ, 1980. (inédita).

TAYLOR, Orlando L. Teachers attitudes toward Black and nonstandard English as measured by the language attitude scale; In: FASOLD, Ralph (ed.) *Variation in the form and use of language – A sociolinguist reader*, Georgetown University Press, Washington, 1983.

THURSTONE, L. L. (1928) Attitudes can be measured; In: FISHBEIN, Martin (org.) *Readings in attitude theory and measurement*, New York, John Wiley & Sons, 1967, p. 77-89.

THRUSTONE, L. L. (1931) The measurement of social attitudes; In: FISHBEIN, Martin (org.) *Readings in attitude theory and measurement*, New York, John Wiley & Sons, 1967, p. 14-25.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics; an introduction*. Middlesex, England, Penguin Books, 1975.

WILLIAMS, Frederick. Some research notes on dialect attitudes and stereotypes; In: FASOLD, Ralph W. (ed.) *Variation in the form and use of language – A sociolinguistics reader*, Georgetown University Press, Washington, 1983.

WOLK, Wolfgang. (1973) Attitude toward Spanish and Quechua in bilingual Peru; In: FASOLD, Ralph W. (ed.) *Variation in the form and use of language – A sociolinguistics reader*, Georgetown University Press, Washington, 1983. p. 370-388.

# ANEXOS

## QUESTIONÁRIO SOBRE A FALA DE ARACAJU (A)

Gostaríamos de saber o que você acha da fala (modo de falar) do aracajuano. Para isso, elaboramos um questionário, que você deverá completar. Damos uma lista de pares de palavras contrárias com seis espaços entre elas. Você pode marcar sua opinião com um xis (x) no espaço que corresponde melhor ao que você pensa. Não há resposta “correta” ou “errada”. Eis um exemplo:

Supondo que o item seja o seguinte: a fala (modo de falar) de Aracaju tem uma sonoridade “agradável” ou “desagradável”.

Se você está totalmente de acordo, marcar

a) Agradável X : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ desagradável

Se você está de acordo, marcar

b) Agradável \_\_\_ : X : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ desagradável

Se você está mais ou menos de acordo, marcar

c) Agradável \_\_\_ : \_\_\_ : X : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ desagradável



## 2) Acho a fala (modo de falar) do baiano

Bonita	__ : __ : __ : __ : __ : __	feia
Cantada	__ : __ : __ : __ : __ : __	não cantada
Clara	__ : __ : __ : __ : __ : __	confusa
Chiada	__ : __ : __ : __ : __ : __	não chiada
Expressiva	__ : __ : __ : __ : __ : __	inexpressiva
Simples	__ : __ : __ : __ : __ : __	complicada
Agradável	__ : __ : __ : __ : __ : __	desagradável
Melodiosa	__ : __ : __ : __ : __ : __	sem melodia
Conhecida	__ : __ : __ : __ : __ : __	desconhecida
Importante	__ : __ : __ : __ : __ : __	sem importância
Lenta	__ : __ : __ : __ : __ : __	rápida

## 3) Acho a fala (modo de falar) do alagoano

Bonita	__ : __ : __ : __ : __ : __	feia
Cantada	__ : __ : __ : __ : __ : __	não cantada
Clara	__ : __ : __ : __ : __ : __	confusa
Chiada	__ : __ : __ : __ : __ : __	não chiada
Expressiva	__ : __ : __ : __ : __ : __	inexpressiva
Simples	__ : __ : __ : __ : __ : __	complicada
Agradável	__ : __ : __ : __ : __ : __	desagradável
Melodiosa	__ : __ : __ : __ : __ : __	sem melodia
Conhecida	__ : __ : __ : __ : __ : __	desconhecida
Importante	__ : __ : __ : __ : __ : __	sem importância
Lenta	__ : __ : __ : __ : __ : __	rápida

## 4) Acho a fala (modo de falar) do carioca

Bonita	__ : __ : __ : __ : __ : __	feia
Cantada	__ : __ : __ : __ : __ : __	não cantada

Clara	__ : __ : __ : __ : __ : __	confusa
Chiada	__ : __ : __ : __ : __ : __	não chiada
Expressiva	__ : __ : __ : __ : __ : __	inexpressiva
Simple	__ : __ : __ : __ : __ : __	complicada
Agradável	__ : __ : __ : __ : __ : __	desagradável
Melodiosa	__ : __ : __ : __ : __ : __	sem melodia
Conhecida	__ : __ : __ : __ : __ : __	desconhecida
Importante	__ : __ : __ : __ : __ : __	sem importância
Lenta	__ : __ : __ : __ : __ : __	rápida

5) O melhor português falado é o do carioca

Concordo \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ discordo

6) O melhor português falado é o do aracajuano

Concordo \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ discordo

7) O melhor português falado é o do baiano

Concordo \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ discordo

8) O melhor português falado é o do alagoano

Concordo \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ discordo

9) Todos os brasileiros deveriam falar como os cariocas

Concordo \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ discordo

10) Todos os brasileiros deveriam falar como os aracajuanos

Concordo \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ discordo

11) Todos os brasileiros deveriam falar como os baianos

Concordo \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ discordo

12) Todos os brasileiros deveriam falar como os alagoanos

Concordo \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ discordo

**PARTE I. B**

13) Falar bem é utilizar a língua culta

Concordo \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ discordo

14) Falar bem é expressar-se com clareza

Concordo \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ discordo

15) Falar bem é falar como o povo

Concordo \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ discordo

16) Há pessoas que falam melhor que outras

Concordo \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ discordo

17) A pessoa que não usa a língua culta fala mal

Concordo \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ discordo

18) Quem deve melhorar a língua falada é a família

Concordo \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ discordo

19) Quem deve melhorar a língua falada é a escola

Concordo \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ discordo

20) Quem deve melhorar a língua falada é o indivíduo

Concordo \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ discordo

21) É importante falar bem para obter um bom emprego

Concordo \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ discordo

22) Capricho ao falar com o servente no trabalho

Concordo \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ discordo

23) Capricho ao falar com os irmãos (filhos) em casa

Concordo \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ discordo

24) Capricho ao falar com o guarda na rua

Concordo \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ discordo

25) Conversando com uma pessoa pelo telefone sou capaz de dizer qual o seu grau de escolaridade

Concordo \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ discordo

26) A fala (modo de falar) do aracajuano é carinhosa

Concordo \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ discordo

27) A pessoas que só usa a língua culta é um chato

Concordo \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ discordo

28) A pessoa que só usa a língua culta é simpática

Concordo \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ discordo

29) Qual a sua opinião em relação as frases seguintes

a) A gente vamos ao cinema

Bom \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ ruim

b) Você vai ao cinema com teu namorado

Bom \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ ruim

c) As meninas têm três livro muito bonito

Bom \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ ruim

d) Passe aquele galfo para mim

Bom \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ ruim

e) Lhe enviei flores no Natal

Bom \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ ruim

f) Tem festa hoje?

Bom \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ ruim

g) Você qué fazê um favo para mim?

Bom \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ ruim

h) Traga-me aquela coisa ali em cima da mesa

Bom \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ ruim

i) Oi, cara? A praia hoje está cheia de gatinhas

Bom \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ ruim

## QUESTIONÁRIO SOBRE A FALA DE ARACAJU (B)

Desejaríamos saber o que você pensa da fala (modo de falar) do aracajuano. Para isso, gravamos algumas pessoas falando. Você vai ouvir a gravação e responder o questionário que elaboramos. Damos uma lista de pares de palavras contrárias com seis espaços entre elas. Você pode marcar sua opinião com um xis (x) no espaço que corresponde melhor ao que você pensa. Não há resposta “correta” ou “errada”. Eis um exemplo:

Supondo que o item seja o seguinte: a fala (modo de falar) que você acabou de ouvir tem uma sonoridade “**agradável**” ou “**desagradável**”.

Se você está totalmente de acordo, marcar

a) Agradável X : \_ : \_ : \_ : \_ : \_ desagradável

Se você está de acordo, marcar

b) Agradável \_ : X : \_ : \_ : \_ : \_ desagradável

Se você está mais ou menos de acordo, marcar

c) Agradável \_ : \_ : X : \_ : \_ : \_ desagradável

Se você está mais ou menos contrário, marcar

d) Agradável \_ : \_ : \_ : X : \_ : \_ desagradável

Se você está contrário, marcar

e) Agradável \_ : \_ : \_ : \_ : X : \_ desagradável

Se você está totalmente contrário, marcar

f) Agradável \_ : \_ : \_ : \_ : \_ : X desagradável

1. Você só deve colocar um X entre dois pares de palavras.
2. Coloque o X no meio do espaço, não nos pontos demarcados ( : )

assim

assim não

X : \_ : \_ : \_ : \_ X\_

3. A gravação será ouvida apenas uma vez.

## PARTE II. A

## Fala I.

Agora você vai ouvir a primeira fala. Preste atenção porque ela só será ouvida uma vez. Não responda às questões antes de acabar de ouvi-la.

1) A fala (modo de falar) que você acabou de ouvir é

Agradável    \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    desagradável

Bonita        \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    feia

Cantada      \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    não cantada

Expressiva   \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    inexpressiva

Lenta        \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    rápida

Simples      \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    complicada

2) Pela fala (modo de falar) dessa pessoa, ela deve ser

\_\_\_ de Aracaju

\_\_\_ de Salvador

\_\_\_ do Rio de Janeiro

\_\_\_ de Maceió

\_\_\_ de outro lugar

3) Você tem a fala (modo de falar) semelhante ao dessa pessoa?

Sim \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    não

4) Você tem a fala (modo de falar) mais bonita que a dessa pessoa?

Sim \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    não

5) Você conseguiria imitar a fala (modo de falar) dessa pessoa?

Sim \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    não

## Fala II

Esta é a segunda fala. Não se preocupe com o que está sendo dito mas como você está recebendo este modo de falar. Só responda às questões após acabar de ouvir a fala completa.

1) A fala (modo de falar) que você acabou de ouvir é

Agradável    \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    desagradável

Bonita        \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    feia

Cantada      \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    não cantada

Expressiva    \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    inexpressiva

Lenta         \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    rápida

Simples      \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    complicada

2) Pela fala (modo de falar) dessa pessoa, ela deve ser

\_\_\_ de Aracaju

\_\_\_ de Salvador

\_\_\_ do Rio de Janeiro

\_\_\_ de Maceió

\_\_\_ de outro lugar

3) Você tem a fala (modo de falar) semelhante ao dessa pessoa?

Sim \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    não

4) Você tem a fala (modo de falar) mais bonita que a dessa pessoa?

Sim \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    não

5) Você conseguiria imitar a fala (modo de falar) dessa pessoa?

Sim \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    não

### Fala III

Está é a terceira fala. Ela não será repetida por isso deixe para responder às questões depois de ouvi-la.

1) A fala (modo de falar) que você acabou de ouvir é

Agradável    \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    desagradável

Bonita        \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    feia

Cantada      \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    não cantada

Expressiva    \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    inexpressiva  
 Lenta        \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    rápida  
 Simples     \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    complicada

2) Pela fala (modo de falar) dessa pessoa, ela deve ser

\_\_\_ de Aracaju  
 \_\_\_ de Salvador  
 \_\_\_ do Rio de Janeiro  
 \_\_\_ de Maceió  
 \_\_\_ de outro lugar

3) Você tem a fala (modo de falar) mais bonita que a dessa pessoa?

Sim \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    não

4) Você tem a fala (modo de falar) mais bonita que a dessa pessoa?

Sim \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    não

5) Você conseguiria imitar a fala (modo de falar) dessa pessoa?

Sim \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    não

#### Fala IV

Agora você ouvirá mais uma fala. Só responda às questões depois de ouvi-la com atenção porque ela não será repetida.

1) A fala (modo de falar) que você acabou de ouvir é

Agradável    \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    desagradável  
 Bonita        \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    feia  
 Cantada      \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    não cantada  
 Expressiva   \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    inexpressiva  
 Lenta        \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    rápida  
 Simples     \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    complicada

2) Pela fala (modo de falar) dessa pessoa, ela deve ser

\_\_ de Aracaju

\_\_ de Salvador

\_\_ do Rio de Janeiro

\_\_ de Maceió

\_\_ de outro lugar

3) Você tem a fala (modo de falar) semelhante ao dessa pessoa?

Sim \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ não

4) Você tem a fala (modo de falar) mais bonita que a dessa pessoa?

Sim \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ não

5) Você conseguiria imitar a fala (modo de falar) dessa pessoa?

Sim \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ não

#### Fala V

Você vai ouvir agora uma outra fala. Ela só será ouvida uma vez. Não responda às questões antes de acabar de ouvi-la.

1) A fala (modo de falar) que você acabou de ouvir é

Agradável \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ desagradável

Bonita \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ feia

Cantada \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ não cantada

Expressiva \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ inexpressiva

Lenta \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ rápida

Simples \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ complicada

2) Pela fala (modo de falar) dessa pessoa, ela deve ser

\_\_ de Aracaju

\_\_ de Salvador

\_\_ do Rio de Janeiro

\_\_ de Maceió

\_\_ de outro lugar

3) Você tem a fala (modo de falar) semelhante ao dessa pessoa?

Sim \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ não

4) Você tem a fala (modo de falar) mais bonita que a dessa pessoa?

Sim \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ não

5) Você conseguiria imitar a fala (modo de falar) dessa pessoa?

Sim \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ não

## PARTE II. B.

### Fala VI.

Preste atenção que as questões são diferentes. Uma outra fala será ouvida.  
Não responda às questões antes de acabar de ouvi-la.

1) A fala (modo de falar) que você acabou de ouvir é

Agradável \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ desagradável

Bonita \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ feia

Cantada \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ não cantada

Expressiva \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ inexpressiva

Lenta \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ rápida

Simples \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ complicada

2) Você acha que essa pessoa fala bem o português?

Sim \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ não

3) Em sua opinião, essa pessoa se expressa com clareza?

Sim \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ não

4) Você acha que essa pessoa usa a língua culta?

Sim \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ não

5) Em sua opinião, essa pessoa fala como o povo?

Sim \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ não

6) Pela fala (modo de falar) dessa pessoa, você acha que ela é uma pessoa simpática?

Sim \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ não

#### Fala VII.

Esta é uma outra fala. Ela não será repetida por isso deixe para responder às questões depois de ouvi-la.

1) A fala (modo de falar) que você acabou de ouvir é

Agradável \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ desagradável

Bonita \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ feia

Cantada \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ não cantada

Expressiva \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ inexpressiva

Lenta \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ rápida

Simples \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ complicada

2) Você acha que essa pessoa fala bem o português?

Sim \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ não

3) Em sua opinião, essa pessoa se expressa com clareza?

Sim \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ não

4) Você acha que essa pessoa usa a língua culta?

Sim \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ não

5) Em sua opinião, essa pessoa fala como o povo?

Sim \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ não

6) Pela fala (modo de falar) dessa pessoa, você acha que ela é uma pessoa simpática?

Sim \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ não

## Fala VIII

Agora você vai ouvir outra fala. Não se preocupe com o assunto tratado mas com a sua opinião sobre essa fala. Só responda às questões depois de ouvi-la.

1) A fala (modo de falar) que você acabou de ouvir é

Agradável    \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    desagradável

Bonita        \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    feia

Cantada      \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    não cantada

Expressiva   \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    inexpressiva

Lenta         \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    rápida

Simples      \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    complicada

2) Você acha que essa pessoa fala bem o português?

Sim    \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    não

3) Em sua opinião, essa pessoa se expressa com clareza?

Sim    \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    não

4) Você acha que essa pessoa fala como o povo?

Sim    \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    não

5) Em sua opinião, essa pessoa fala como o povo?

Sim    \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    não

6) Pela fala (modo de falar) dessa pessoa, você acha que ela é uma pessoa simpática?

Sim    \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    não

## Fala IX

Você ouvirá agora a última fala. Ela só será ouvida uma vez. Não responda às questões antes de acabar de ouvi-la.

1) A fala (modo de falar) que você acabou de ouvir é

Agradável    \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    desagradável

Bonita        \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_ : \_\_\_    feia

Cantada    \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_    não cantada  
Expressiva    \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_    inexpressiva  
Lenta    \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_    rápida  
Simples    \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_    complicada

2) Você acha que essa pessoa fala bem o português?

Sim \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_    não

3) Em sua opinião, essa pessoa se expressa com clareza?

Sim \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_    não

4) Você acha que essa pessoa usa a língua culta?

Sim \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_    não

5) Em sua opinião, essa pessoa fala como o povo?

Sim \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_    não

6) Pela fala (modo de falar) dessa pessoa, você acha que ela é uma pessoa simpática?

Sim \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_ : \_\_    não

## APRESENTAÇÃO DOS FALANTES COM O RESUMO DE SUAS CARACTERÍSTICAS

Nº	NOME	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE
01	Lom	F	52	1º grau incompleto
02	Lp*	F	56	1º grau incompleto
03	Vtc	F	56	1º grau incompleto
04	Mbc*	F	64	8º série
05	Mhs	F	51	1º grau completo
06	Masa	F	54	2º grau completo
07	Gvs*	F	55	2º grau completo
08	Vlcs	F	51	2º grau incompleto
09	Izso	F	55	2º grau completo
10	Nm	F	58	Superior
11	Mafa	F	54	Superior
12	Ir	F	57	Superior
13	Mar	M	14	1º grau incompleto
14	Jj	M	26	1º grau incompleto
15	Ngr	M	14	7º série
16	Rps	M	18	2º grau incompleto
17	Mmj	M	30	2º grau incompleto
18	Olmf	M	16	1º ano do 2º grau
19	Mmm	M	20	Universitário
20	Asp	M	21	Universitário
21	Mspn	M	30	Universitário
22	Efs	M	30	Superior
23	Gs	M	30	Superior
24	Prfs*	M	26	Superior
25	Jmns	M	32	5ª série
26	Mvs	M	50	1º grau incompleto
27	Jcs	M	33	2ª série
28	Absf	M	31	1º grau completo
29	Ejs	M	50	1º grau completo
30	Ejrf	M	33	2º grau incompleto
31	Lbc	M	31	2º grau completo
32	Jos	M	31	2º grau completo
33	Jps	M	33	2º grau completo
34	Maclr*	M	42	Superior
35	Jasb	M	36	Superior
36	Avm	M	32	Superior
37	Fls	M	26	7ª série
38	Mav	M	15	6ª série
39	Fqn	M	14	1º grau incompleto
40	Cos	M	14	1º grau completo
41	Vma	M	22	2º grau incompleto
42	Ac	M	16	1º ano do 2º grau
43	Jcs	M	18	2º grau completo
44	Aoodf	M	20	Universitário
45	Asv	M	21	Universitário

46	Prfs*	M	26	Superior
47	Ajs	M	30	Superior
48	Jess	M	29	Superior
49	Aa	M	36	1º grau incompleto
50	Es	M	36	4ª série
51	Jfs	M	36	1º grau incompleto
52	Jsd	M	44	1º grau completo
53	Pa	M	49	2º grau incompleto
54	Csb	M	40	2º grau incompleto
55	Wba	M	39	2º grau completo
56	Psn	M	32	Universitário
57	Eas	M	31	Universitário
58	Maclr*	M	42	Superior
59	Jgrf	M	35	Superior
60	Afs	M	34	Superior
61	Lp*	F	56	1º grau incompleto
62	Ls	F	55	1º grau incompleto
63	Mhs	F	51	1º grau incompleto
64	Mbc*	F	64	8ª série
65	Mhs	F	51	1º grau completo
66	Meb	F	51	1º grau completo
67	Gvs*	F	55	2º grau completo
68	Rllr	F	60	2º grau completo
69	Asn	F	61	2º grau completo
70	Mlb	F	52	Superior
71	Mlfs	F	51	Superior
72	Mjs	F	53	Superior
73	Jbs	F	64	4ª série
74	Mg*	F	53	4ª série
75	Pab*	M	68	4ª série
76	Asc	M	52	1º grau completo
77	Jps	M	62	1º grau completo
78	Js	M	54	1º grau completo
79	Wan*	M	59	2º grau completo
80	Jna	M	62	2º grau completo
81	Jab	M	60	2º grau completo
82	Jab*	M	64	Superior
83	Cab	M	52	Superior
84	Jps	M	53	Superior
85	Ebss	F	41	3ª série
86	Arn	F	32	1º grau incompleto
87	Aps	F	40	5ª série
88	Lbo	F	47	1º grau completo
89	Imo	F	38	1º grau completo
90	Aft	F	37	1º grau completo
91	Cs	F	31	Universitária
92	Mas	F	32	Universitária
93	Asc	F	31	Universitária
94	Mos	F	32	Superior
95	Aab	F	32	Superior

96	Mes	F	32	Superior
97	Mg*	M	53	4ª série
98	Jas	M	52	1º grau incompleto
99	Pab*	M	68	4ª série
100	Pvf	M	51	1º grau completo
101	Fac	M	53	2º ano do 2º grau
102	Ass	M	58	2º grau incompleto
103	Rgc	M	51	Universitário
104	Wan*	M	59	2º grau completo
105	Ans	M	55	2º grau completo
106	Jab*	M	64	Superior
107	Jvr	M	52	Superior
108	Jac	M	53	Superior
109	Amsm*	F	14	7ª série
110	Macs	F	14	6ª série
111	Hmf	F	14	1º grau incompleto
112	Jsr	F	16	1º ano do 2º grau
113	Emg	F	24	1º grau completo
114	Lmss	F	16	2º ano do 2º grau
115	Vta	F	19	Universitária
116	Lacl	F	19	Universitária
117	Mmos	F	24	2º grau completo
118	Cfb	F	29	Superior
119	las	F	23	Superior
120	Cmm	F	21	Superior
121	Zás	F	33	1º grau incompleto
122	Sms	F	32	1º grau incompleto
123	Mja	F	32	1º grau incompleto
124	les	F	42	2º ano do 2º grau
125	Ins	F	31	2º grau incompleto
126	Mls	F	38	1º grau completo
127	lof	F	31	Universitária
128	Ass	F	42	Universitária
129	Les	F	31	Universitária
130	Mlg	F	33	Superior
131	Mbss	F	44	Superior
132	Zp	F	41	Superior
133	Nlm	F	14	1º grau incompleto
134	Mbbb	F	14	1º grau incompleto
135	Amsm*	F	15	7ª série
136	Rsg	F	30	2º grau incompleto
137	Ass	F	17	2º grau incompleto
138	Mas	F	26	8ª série
139	Apb	F	21	2º grau completo
140	Rs	F	22	2º grau completo
141	Mlf	F	21	Universitária
142	Irs	F	29	Superior
143	MAM	F	22	Superior
144	Crs	F	30	Superior

## TRANSCRIÇÃO DAS FALAS DA FITA-ESTÍMULO

### a. Primeira fala = fala baiana

Olhe eu não pensei em ganhar na loteria sozinha, sabe? Porque eu acho que dinheiro demais só atrapalha. Agora o que eu queria mesmo, se eu ganhasse hoje... Eu não sonho em ganhar porque dificilmente eu jogo; eu jogo, sabe, uma vez ou outra que me dá na telha, eu faço um cartãozinho da loto, um só. E só faço as cinco, sabe, dezenas que tenho direito, não ultrapasso. Agora, se eu ganhasse, eu só queria a quantia, uma quantia, sabe? uma determinada quantia que não me sobrasse muito dinheiro. Eu só queria comprar um apartamento para mim e uma certa quantia que eu colocasse numa poupança pra garantir a educação da minha filha, somente. É o que eu penso realmente em fazer. Se eu ganhar entendeu? se um dia eu vir a ganhar algum dinheiro.

### b. Segunda fala = fala aracajuana 1

Bem, primeiramente eu acho que eu investiria o dinheiro; pediria opinião de pessoas mais velhas, né? Investiria o dinheiro pra pensar um pouco pelo menos, por um mês, dois, um intervalo de tempo pra pensar, pra não errar, né? fazer muita besteira porque dinheiro é uma coisa que... mesmo muito dinheiro termi... se não souber investir, né? não adianta.

Não sei, não vou dizer que vou logo ajudar os pobrezinhos, não, não sei, né? o que faria primeiro. Eu acho que eu sendo solteira não tenho casa ainda, não tenho um carro, não tenho assim imóveis, ainda. Eu acho que eu pensaria primeiro em comprar uma casa para mim. Teria um tempo pra pensar para comprar uma casa boa. Me estabelecer... ficar, né? bem financeiramente pra depois pensar com esse dinheiro, o resto que sobraria e conseguir assim ajudar alguém, alguma instituição.

### c. Terceira fala = fala alagoana

Nunca pensei nisso mas caso ganhasse acho que o primeiro passo seria uma certa estabilidade financeira, né? Esta questão de uma casa própria que hoje em dia você sabe que é muito difícil, né? questão de B.N.H. Então uma certa estabilidade para meus filhos e uma outra parte seria uma contribuição, né? pra menores abandonados, uma casa de caridade, contribuição partidária também a algum partido que eu viesse a me filiar e achasse que fosse justa a contribuição. E outras coisas que fossem procuradas e que se achasse justa, eu acho que cooperaria.

**d. Quarta fala = fala aracajuana 2**

Puxa, se eu ganhasse na loto sozinha hum... Olhe, em primeiro lugar como minha colega falou eu ia aplicar, depois de tudo aplicadinho eu ia começar a realizar os meus planos. Primeiro eu ia a Disney ou sozinha, ou com meus filhos, ou com o marido, seja lá com que for mas eu ia. Depois disso, tendo realizado esse sonho infantil eu voltava e comprava uma bela de uma fazenda modelo com piscina, com quadra de tênis... a fazenda dos meus sonhos com cavalo e tudo tão divertido, ali olhando onde a natureza acordasse, de manhazinha... ui que loucura.

**e. Quinta fala = fala carioca**

Em primeiro lugar eu não gostaria muito não, preferia ganhar com mais uma pessoa pra não ficar muito visada, porque eu ia ficar morrendo de medo de assalto. Agora em ganhando, e, uma vez ganhando, a primeira coisa não ia contar para ninguém, ia... entregar parte do dinheiro para pessoas que... mais pobres que me ajudaram muito, por quem tenho uma certa gratidão. Eles trabalharam aqui em casa. Daria uma boa parte ou alguma coisa legal e deixava o resto do dinheiro rendendo aqui mas eu tiraria assim uma férias grandes e viajava, pelo mundo inteiro. Talvez até não tiraria nem inteiras assim seis meses. Tiraria primeiro dois meses depois voltava, depois mais dois, fica menos cansativo e você aproveita mais.

**f. Sexta fala = fala aracajuana cujo grau de escolaridade é superior**

Eu ia movimentar meu dinheiro, depois eu pensaria nas pessoas mais carentes, primeiro nas minhas relações pessoais. Eu acho que para mim seria o principal, a partir daí pensaria nos mais carentes e com isso eu acho que eu ia ajudar alguém não só financeiramente mas pensaria ajudar alguém, levar a palavra de amizade por ter conseguido também tudo aquilo. Ia pensar só no lado bom também porque anteriormente eu passei por dificuldades. Então ia mostrar que a vida tem sentido; não só quando você tá em dificuldades mas também quando você está na harmonia. É isso que eu penso.

**g. Sétima fala = fala aracajuana cujo grau de escolaridade é universitária**

Bom, inicialmente eu não gostaria de ganhar na loto sozinha que eu acho que rico tem mais problema que pobre. Eu queria dinheiro de arrumar minha

vida, mas se eu ganhasse sozinha aí eu ia pintar uma série de insegurança, assim, medo de sequestro de meus filhos, medo de andar sozinha na rua e eu não gostaria mas se pintasse... Não é que eu não quisesse ganhar na loteria, não, eu queria, mas uma parte que me arrumasse na vida. Mas se pintasse de eu ganhar sozinha, assim... A gente... eu nunca jogo na loteria e sempre penso em ganhar na loteria. Quando a gente tá com pouco dinheiro aí eu penso assim: primeiro a gente, pessoas em que a gente pensa logo, os nossos. Eu não tenho pai, não tenho mãe, mas tenho nove irmãos. Então eu penso assim o mais velho tem casa, o que eu daria a ele? uma coisa que ele não tem. Vou fazendo a relação de um a um de acordo com as necessidades, não é? A família de meu esposo também. Então quem tem casa, não precisa de casa, eu daria carro. Que, não tem casa... de acordo com as necessidades.

#### **h. Oitava fala = fala aracajuana cujo grau de escolaridade é 1º grau incompleto**

Bem, já como é muito dinheiro, né, primeiro eu ia pensar em meus pais já tá um pouquinho velhinho, né, ia procurar dar bastante conforto a eles. Depois eu pensaria em dar uma parte também a, pra um asilo, a um orfanato, ou um hospital que esteja precisando.

Depois eu ia pensar em alguém da minha família, que tivesse também precisando desse dinheiro, duma boa parte, né? tentaria ajudar... Aí depois pensava em mim. Compraria uma fazenda bem grande, cheia de conforto, piscinas e tudo mais...

#### **i. Nona fala = fala aracajuana cujo grau de escolaridade é 2º grau incompleto**

Eu ia pensar em algumas pessoas da minha família que precisam, né? Ia terminar a reforma da casa de minha mãe que há muito foi começada, mas não foi terminada ainda por falta de dinheiro. E, também iria construir uma casa com piscina não precisava que fosse um casarão, mas que fosse uma casa boa com piscina, né? que as meninas adoram. E, daria uma parte para um orfanato, né? um orfanato bem necessitado ou um asilo. Pensaria numa viagem, a países como Paris, eu sempre pensei muito fazer um cruzeiro. Depois poderia aplicar uma parte também, né? Depois, então, pensava no resto.

